

UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA  
FACULDADE DE COMUNICAÇÃO  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM COMUNICAÇÃO

**Ruínas do corpo:**  
práticas de si e os sentidos da “boa forma” na contemporaneidade

**Angélica Fonsêca de Freitas**

Brasília  
2017

UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA  
FACULDADE DE COMUNICAÇÃO  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM COMUNICAÇÃO

**Ruínas do corpo:**  
práticas de si e os sentidos da “boa forma” na contemporaneidade

**Angélica Fonsêca de Freitas**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Comunicação da Universidade de Brasília/UnB como parte dos requisitos para a obtenção do título de mestre em comunicação social pela linha de pesquisa Imagem, Som e Escrita.

– Brasília, março de 2017 –

UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA  
FACULDADE DE COMUNICAÇÃO  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM COMUNICAÇÃO

**DISSERTAÇÃO DE MESTRADO**

**Ruínas do corpo:**  
práticas de si e os sentidos da “boa forma” na contemporaneidade

Autora: Angélica Fonsêca de Freitas

Orientadora: Cláudia Linhares Sanz

**Banca Examinadora:**

Profa. Dra. Maria Paula Sibilia – UFF  
Avaliadora – Membro externo

Profa. Dra. Fabíola Orlando Calazans Machado – UnB  
Avaliadora – Membro interno

Prof. Dr. Gustavo de Castro – UnB  
Avaliador – Suplente

FONSÊCA, Angélica Freitas.

Ruínas do corpo: práticas de si e os sentidos da “boa forma” na contemporaneidade. 2017. 127 f.

Dissertação (Mestrado em Comunicação)

Universidade de Brasília

Faculdade de Comunicação

Programa de Pós-Graduação

Linha de Pesquisa em Imagem, Som e Escrita, 2017.

Orientadora: Profa. Dra. Cláudia Linhares Sanz

1. Comunicação 2. Corpo 3. Boa forma 4. Subjetividades 5. Visibilidade

**A Heitor Albernaz, *in memoriam***

## **Agradecimentos**

Esta dissertação de mestrado é fruto de uma longa trajetória de amadurecimento e aprendizado que só foi possível pelas incontáveis contribuições institucionais, teóricas e afetivas. É impossível agradecer nominalmente a todas as pessoas que foram tão generosas nestes dois últimos anos, mas meu muito obrigado àqueles que me apoiaram e ajudaram durante todo o meu percurso acadêmico.

À Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (Capes) pela bolsa de estudo recebida durante o mestrado. Ao Programa de Pós-Graduação em Comunicação da Universidade de Brasília, em especial aos professores da linha Imagem, Som e Escrita, pela disponibilidade e inúmeras sugestões que enriqueceram meu trabalho. Aos funcionários da pós-graduação, Carolina e Geraldo, pelo suporte institucional, pela boa vontade e por serem tão prestativos. Por suas portas abertas e suporte contínuo, à Faculdade de Comunicação e Universidade de Brasília, onde tive a oportunidade de cursar minha graduação e realizar esse sonho do mestrado.

Aos membros de minha banca de defesa de mestrado, Profa. Dra. Paula Sibilia e Profa. Dra. Fabíola Calazans, por aceitarem meu convite. É uma honra contar com sua disponibilidade para avaliação de meu trabalho. Não poderia deixar de agradecer, aos membros de minha banca de qualificação, Prof. Dr. Frederico Feitoza, Profa. Dra. Fabíola Calazans e Prof. Dr. Gustavo de Castro, as análises e generosas sugestões, que foram fundamentais para a conclusão deste trabalho. De maneira especial agradeço a minha permanente orientadora, Profa. Dra. Fabíola Calazans, por estar presente em toda minha trajetória acadêmica, ser grande incentivadora desse caminho e grande amiga para os momentos de hesitação.

À Profa. Dra. Cláudia Linhares Sanz, orientadora desta dissertação, meu profundo muito obrigado. A ela agradeço ter dado novo significado ao caminho da aprendizagem e encorajado a imersão em referências teóricas desconhecidas; ter acreditado em minha proposta de pesquisa, exercendo papel fundamental nos direcionamentos que engrandeceram as reflexões de meu trabalho; ser inspiração diária na incansável busca de novas referências e no incentivo para superar as dificuldades inerentes ao processo; agradeço-lhe, enfim, o privilégio de ser sua orientanda.

Agradeço aos colegas da pós-graduação, companheiros nas desconstruções teóricas e inseguranças desse longo caminho; especialmente a meu amigo e dupla de orientação, Bruno Craesmeyer, agradeço os debates incansáveis, as soluções improváveis diante de nosso desafio de enfrentar objetos em desmoronamento e o apoio durante todo o caminho. Muito obrigada aos demais professores e colegas que com certeza são as melhores partes e bases de toda a minha história pessoal e acadêmica.

Meu muitíssimo obrigada à amiga Mariana Rocha, por seu olhar objetivo e resolutivo, estoque inesgotável de amor, carinho, pulso firme e por acreditar em mim quando duvidei. Obrigada pela generosidade e leveza, pelos braços, ouvidos, casa e geladeira sempre abertos e pelas conversas que me proporcionaram crises de riso quando eu era só exaustão. Não poderia deixar de agradecer aos queridos, Luís Fernando Benini, Tássia Gadelha, Nathália Martins, Keli Rodrigues e tantos outros amigos que sempre estiveram presentes e que foram essenciais para a conclusão de mais esse desafio.

Por fim, meu insuficiente e eterno muito obrigado a meu irmão, Fernando Fonsêca – que em sua observação silenciosa sempre se fez presente nos momentos em que mais precisei e, mesmo sendo o caçula, sempre me protegeu com seu coração e altura gigantes –, e minha mãe, Lindalva Fonsêca, exemplo de força que me permite e incentiva escolhas e decisões; a ela agradeço o indizível amor, o colo sempre disponível, o consolo no desespero, a vigília solidária nas madrugadas e a leveza diária, tudo isso permeado por infinita sabedoria. Nada teria sido possível sem você, minha inspiração em ser verdadeiramente mestre.

## RESUMO

Nesta dissertação estuda-se como as subjetividades contemporâneas são engendradas nos discursos e práticas relacionados à boa forma. Parte-se do pressuposto de que as tecnologias da imagem e os regimes de visibilidade participam de transformações relevantes nos modos do sujeito de se relacionar consigo, instaurando novos sentidos de vida saudável. Nesse âmbito, o corpo se tornou figura central: não qualquer corpo, mas um corpo magro, esculpido, sarado, quase inorgânico, exibido para uma audiência ávida por saber sobre os ínfimos detalhes da vida íntima. Busca-se neste trabalho formular de que maneira a boa forma – nas diferentes definições, nos vários sentidos e nas etapas da vida – pode ser integrada em um campo de práticas e cuidados de si, ocupando lugar central na constituição da subjetividade contemporânea. Por meio da perspectiva genealógica, analisam-se os sentidos, comportamentos e indivíduos *fitness* que são imagens exemplares para compreender as novas configurações dos modos de ser e estar, bem como perceber os deslocamentos de valores, condutas e, especialmente, dos cuidados de si, transformando valores relacionados à família e ao nascimento. Da gestação à infância, verifica-se um imperativo da boa forma que converte lógicas mercadológicas em práticas de si ou, como se propõe neste trabalho, práticas da boa forma.

**Palavras-chave:** Comunicação; Corpo; Boa forma; Subjetividades; Visibilidade.

## **ABSTRACT**

This dissertation studies how contemporary subjectivities are engendered in discourses and practices related to good shape. It's assumed that the technologies of the image and the regimes of visibility participate of transformations relevant in the subject modes relating with itself, instituting new directions of healthy life. In this context, the body has become a central figure: not any body type, but a lean, defined, sliced, almost inorganic body, released to an audience that is eager to know about each detail of the intimate life. This work seeks to formulate how good shape – in the different definitions, in the various senses and in each stage of life – can be integrated into a field of self-practices and cares, occupying central place in the constitution of contemporary subjectivity. Through the genealogical perspective, to analyze the senses, behaviors and fitness individuals are exemplary images to understand the new configurations of the ways of being and living, as well as perceiving the displacements of senses, behaviors and, especially, caring for oneself, transforming values related to family and birth. From gestation to childhood, there is an imperative of good shape that converts marketing logics into self-practices, or as it is proposed in this work, practices of good shape.

**Keywords:** Communication; Body; Good shape; Subjectivities; Visibility.

## LISTA DE IMAGENS

Imagem 1 – Anna Clara Mansur – Musinha <i>fitness</i>	22
Imagem 2 – Família séculos XVI-XVII	49
Imagem 3 – Família dos séculos XVIII-XIX	49
Imagem 4 – Família do século XX	50
Imagem 5 - Família contemporânea	50
Imagem 6 – Família contemporânea	51
Imagem 7 – Família Contemporânea	51
Imagem 8 - Gabriela Zugliani	52
Imagem 9 – Imagens da gestação medieval – séculos XV-XVI	78
Imagem 10 – Imagens da gestação medieval – séculos XV-XVI	78
Imagem 11 – Manuais de medicina sobre gravidez – séculos XVII-XVIII	78
Imagem 12 – Manuais de medicina sobre gravidez – séculos XVII-XVIII	78
Imagem 13 – Modelo anatômico em marfim – século XVII	79
Imagem 14 – Manuais de medicina – séculos XVIII-XIX	79
Imagem 15 – Manuais de medicina – séculos XVIII-XIX	79
Imagem 16 – Manuais de medicina – séculos XVIII-XIX	79
Imagem 17 – <i>Spa</i> para grávidas– século XX	80
Imagem 18 – Leila Diniz	80
Imagem 19 – Leila Diniz	80
Imagem 20 – Grávidas <i>fitness</i>	81
Imagem 21 – Grávidas <i>fitness</i>	81
Imagem 22 – Barriga chapada na gravidez	81
Imagem 23 - Parto de Sarah Schmid	82
Imagem 24 – Quadro O nascimento de Esaú e Jacó	111
Imagem 25 – Manual do parto medieval do <i>Rosegarden</i> de Rösslin	112
Imagem 26 – Xilogravura de Jost Amman	112
Imagem 27 – Cena de parto doméstico com presença masculina	114
Imagem 28 – Máquina de Madame du Coudray	114
Imagem 29 – Parto medieval com a presença de mulheres e padre	115
Imagem 30 – Parto contemporâneo em casa	115

# S umário

<b>INTRODUÇÃO</b>	
o percurso para entender as imagens e os sentidos da boa forma	12
<b>1. NO PAIN, NO GAIN: A FAMÍLIA FITNESS E A EMPRESARIZAÇÃO DA INFÂNCIA</b>	22
1.1. Cuidados de si: a boa gestão das práticas de si	25
1.2. Os novos sentidos do ser criança e a <i>performance</i> infantil	36
<b>2. BARRIGA CHAPADA NA GRAVIDEZ: IMAGENS DO CORPO GRÁVIDO NA CONTEMPORANEIDADE</b>	52
2.1. Famosas porque são famosas: a “celebridade comum” e a vontade de saber	57
2.2. Grávidas saradas: o corpo grávido como alvo de nosso olhar	65
<b>3. PARTO TAGARELA: DO SILÊNCIO DO QUARTO ÀS VOLUNTÁRIAS DA VISIBILIDADE</b>	82
3.1. Segredo da vida: o contexto histórico do silêncio das mulheres	85
3.2. Do silêncio a tagarelice? Entre as conquistas e a submissão da visibilidade	94
3.3. Os regimes de vigilância sobre o corpo e o parto	102
<b>FOCO, FORÇA E FÉ: CONSIDERAÇÕES FINAIS SOBRE OS SENTIDOS DA BOA FORMA</b>	116
<b>REFERÊNCIAS</b>	123

# **INTRODUÇÃO**

---

**O PERCURSO PARA  
ENTENDER AS  
IMAGENS E OS  
SENTIDOS  
RELACIONADOS À  
BOA FORMA**

Pensamos em todo caso que o corpo tem apenas as leis de sua fisiologia, e que ele escapa à história. Novo erro; ele é formado por uma série de regimes que o constroem; ele é destroçado por ritmos de trabalho, repouso e festa; ele é intoxicado por venenos – alimentos ou valores, hábitos alimentares e leis morais simultaneamente; ele cria resistências. (Michel Foucault, *Microfísica do poder*)

A organização não governamental britânica Girlguiding publicou em outubro de 2016 um relatório de pesquisa que visou mapear a percepção de mais de 1.600 mulheres do Reino Unido, entre sete e 21 anos, sobre corpo, saúde mental, representação midiática e comportamento.<sup>1</sup> Os dados da pesquisa revelam que meninas com apenas sete anos já sentem vergonha de seus corpos: “Quero que toda garota se sinta feliz com a aparência delas.”<sup>2</sup> Entre meninas de sete a dez anos, aproximadamente 25% dizem sentir pressão para ter um corpo “perfeito”. Além disso, 36% nessa faixa etária afirmam que as pessoas as influenciam no sentido de que elas pensem ser a aparência o atributo mais importante do que suas habilidades. Essa porcentagem aumenta exponencialmente no grupo de 11 a 16 anos, em que 53% das entrevistadas sofrem essa influência. Entre elas, uma participante que “se sente com vergonha de fazer algumas coisas por conta de seu corpo”<sup>3</sup> corrobora a insegurança de cerca de 54% das entrevistadas nessa faixa etária, que revelam “não ser bonitas o suficiente”,<sup>4</sup> e de 51% delas, que se consideram “precisando perder peso”. O crescente percentual acompanha a idade: entre o grupo de entrevistadas de 17 e 21 anos, o número de mulheres que questionam sua aparência (não se sentem bonitas o suficiente), ou acreditam precisar perder peso, corresponde a 66% e 59%, respectivamente.

Segundo dados dessa mesma pesquisa, 49% das garotas entre 11 e 21 anos sentem-se menos livres para compartilhar suas imagens *online* por medo de serem vítimas de condutas impróprias. Entre 1068 participantes, aproximadamente 530 mulheres relatam receber mensagens de cunho sexual de conhecidos e desconhecidos, bem como conteúdo pornográfico violento enviado de

---

<sup>1</sup> *Girls Attitudes Survey* 2016. Disponível em <<http://bit.ly/2dqaLcF>>. Acesso em 4 out. 2016.

<sup>2</sup> *I want every girl to be happy with how they look*, desejo de uma participante da pesquisa na faixa de sete a dez anos. Disponível em <<http://bit.ly/2dqaLcF>>, p. 4. Acesso em 4 out. 2016. Nessa e em todas as demais citações em idioma estrangeiro a tradução é nossa.

<sup>3</sup> *I'm embarrassed about doing certain things because of my body*, afirmação da entrevistada. Disponível em <<http://bit.ly/2dqaLcF>>, p. 6. Acesso em 4 out. 2016.

<sup>4</sup> *Girls feel they are not pretty enough?*. Disponível em <<http://bit.ly/2dqaLcF>>, p. 4. Acesso em 4 out. 2016.

maneira “voluntária”, além de sofrer ameaças de serem vítimas de agressão sexual no mundo *offline*. Uma entrevistada – da faixa de 11 a 21 anos – declara que “não é possível fugir das pessoas *online*; na vida real você pode sair correndo, mas na internet elas sempre estarão lá”.<sup>5</sup> Essa liberdade cerceada, verdadeiro pavor da violação de suas imagens – e corpos –, ganha uma dimensão maior quando se constata que 80% das entrevistadas já tiveram alguma fotografia embaraçosa publicada *online* sem seu consentimento.

A partir do quadro apresentado, observa-se a série de valores sociais que perpassam a imagem do corpo feminino, permeável ao olhar de uma sociedade que define sentidos por seus contornos e narrativas. A imagem de um corpo “perfeito”, verbalizada pelas participantes da pesquisa não é um ideal apenas feminino ou exclusivo de mulheres jovens. Inclui-se antes em idealizações que se têm tornado cada vez mais presentes e determinantes para os modos de vida contemporâneos. Mais do que corresponder a simples insegurança das mulheres, tal imagem materializa discursos das mais variadas ordens: midiáticos, científicos, comerciais, pedagógicos, para citar alguns deles. Por que ter um corpo perfeito tem-se tornado, na atualidade, algo tão central? E o que, entretanto, seria um corpo perfeito? Que lugar a boa forma ocupa na sociedade contemporânea e, sobretudo, como essa boa forma pauta e organiza as relações do sujeito com ele mesmo? Quais as relações entre os discursos acerca da boa forma e os novos dispositivos tecnológicos, os novos modos de nos comunicar? Quais os entrelaçamentos entre a boa forma e o regime de visibilidade contemporâneo?

Como desdobra Michel Foucault (1988), em sua análise genealógica, a alteridade dos discursos precisa ser pensada a partir de uma tessitura abrangente, identificando como eles se exercem e de que maneira seus mecanismos são entrelaçados a outras estruturas, a fim de os engendrar em modos de saber e ser. Dessa forma,

A genealogia seria, portanto, com relação ao projeto de uma inscrição dos saberes na hierarquia de poderes próprios à ciência, um empreendimento para libertar da sujeição os saberes históricos, isto é, torná-los capazes de oposição e de luta contra a coerção de um discurso teórico, unitário, formal e científico (FOUCAULT, 1979, p. 172).

---

<sup>5</sup> *You cannot escape people online – you can walk away from people in real life, but the internet is always there*, declaração da entrevistada. Disponível em <<http://bit.ly/2dqaLcF>>, p. 18. Acesso em 4 out. 2016.

Pelo olhar genealógico, podemos entender os sentidos, valores, discursos e objetos de análise como fluidos, pois essa perspectiva não objetiva demarcar uma origem nem definir uma linha evolutiva dos fatos históricos; visa antes compreender o solo e as condições de possibilidade que permitiram a emergência de certas “verdades”. De acordo com Foucault (1979), segundo a proposta genealógica, a produção dos sentidos emerge da intencionalidade de práticas e estratégias, configurando uma história descontínua e de cortes epistemológicos que nos permitem interrogar a história, as forças interessadas e as relações de poder que estão em constante luta. Dessa maneira, a genealogia problematiza a maneira como se exercem essas lutas, por meio de quais mecanismo elas se processam, entendendo que os sentidos e os valores “vencedores” são aqueles que estão cristalizados em nossas crenças, corpos e modos de vida. Em contraponto à lógica de mão única causa/efeito, o olhar genealógico percebe um complexo tecido histórico-cultural, em que sentidos e valores são, ao mesmo tempo, expressões e produtores, efeito/instrumento<sup>6</sup>.

Diante disso, a perspectiva genealógica mostra-se interessante para este trabalho, uma vez que possibilita a construção de solos de problematização e a percepção da emergência de objetos – especialmente aqueles em processo de transformação, como os discursos associados à boa forma –, assim como a percepção dos desmoronamentos e direção das questões culturais materializados por imagens contemporâneas. Nesse exercício de analisar condições de emergência de sentidos, privilegia-se o mapeamento de determinadas mudanças em curso que, a partir de um entrelaçamento de certos deslocamentos e estranhamentos, detectados e analisados, tendem a ressaltar certas discontinuidades e rupturas sobre o presente.

Sugestões de produtos para dietas, dicas de pílulas para controle das emoções, publicações diárias sobre rotinas de exercícios, imagens de crianças fazendo presença “VIP” em eventos de fisiculturismo, mulheres em avançado estágio de gravidez executando exercícios *crossfit*<sup>7</sup> e os almoços de domingo das famílias sem a sobremesa tradicional da avó. Trata-se de narrativas

---

<sup>6</sup> Foucault (1988) propõe compreender a sexualidade por meio da lógica efeito-instrumento. Sob uma perspectiva genealógica, mais do que efeitos ou consequências de deslocamentos históricos, os objetos analisados – como o corpo e a boa forma – devem ser investigados a partir de um contexto histórico e social, pois são ao mesmo tempo efeitos e instrumentos, produtos e produtores constituídos e reconfigurados em campo móvel de muitas relações de forças.

<sup>7</sup> O *CrossFit* é um programa de treinamento de força e condicionamento físico geral com base em movimentos funcionais, feitos com intensidade e constantemente variados. Em geral esses movimentos se enquadram em três modalidades: levantamento de peso olímpico, ginástica olímpica e condicionamento metabólico ou cardiovascular.

vinculadas a certas lógicas de consumo, visões de um corpo espetacularizado, perspectivas de medicalização, procedimentos para determinadas práticas de si. A boa forma parece ser um conceito central do sujeito na sociedade neoliberal<sup>8</sup>; conceito que aparece muito cedo e que permanece em grande parte de sua vida. O desejo da “boa forma” já não se restringe a grupos específicos, todos nós, grávidas, crianças, adultos e velhos somos atravessados pelos discursos de corpos “perfeitos” e estilo de vida saudável, seja pelo bilhete da escola do filho, pedindo que os pais contribuam com um lanche “saudável” para o piquenique da turma, ou pela prateleira do mercado, onde parece que todos os produtos ganharam uma versão sem açúcar, sem gordura, sem lactose. Essa profusão de discursos e práticas comprova o quanto a boa forma está presente em todas esferas e fases da vida.

A pesquisa da Girlguiding atesta que as preocupações relacionadas ao corpo, beleza e peso estão presentes nas respostas de crianças, adolescentes e mulheres adultas. Os valores associados ao corpo “perfeito” são transversais a todos os momentos da existência do indivíduo e em todos eles estão presentes. O corpo contemporâneo é uma espécie de valor moral presente na vida do indivíduo, e, de tão potente, o discurso da boa forma já está encrustado na superfície de nossos corpos, legitimado pelos discursos midiáticos e corroborado por uma imensurável variedade de produtos e serviços. Por seu sentido fluido, seria possível identificar uma ideia de boa forma relacionada às mulheres e crianças? O que significa ser uma criança saudável hoje? Uma “família *fitness*”? Quais as figuras ligadas a uma gravidez “bem-sucedida”? A partir da centralidade que o conceito da boa forma assume em todas as esferas da vida do indivíduo, buscamos neste trabalho formular de que maneira a boa forma – nas diferentes definições, nos vários sentidos e nas etapas da vida – pode ser integrada em um campo de práticas e cuidados de si, ocupando lugar central na constituição da subjetividade<sup>9</sup> contemporânea. Nessa perspectiva, este trabalho tem como objetivo

---

<sup>8</sup> Para formalizar o entendimento de neoliberalismo e o uso de outros termos associados, de acordo com Paulo Vaz (2000), a esse deslocamento econômico no qual os discursos e iniciativas visavam o bem-estar por meio da providência do Estado, em que o mesmo regulava os mercados e na homogeneização dos riscos econômicos. Atualmente, estimula-se a liberdade dos agentes econômicos, empreender é a palavra de ordem, e os riscos econômicos são responsabilidade do indivíduo, que é autônomo e deve alcançar o sucesso.

<sup>9</sup> Neste trabalho, entende-se por subjetividades “os modos de ser e estar no mundo” (SIBILIA, 2008, p.16) em constante transformação, que remetem ao sujeito como um ser histórico, constituído por valores externos e culturais da época em que vive, assim como, por algo imaterial que reside “dentro”, “encarnado no corpo” do indivíduo. Segundo Sibilía (2008), a construção das subjetividades contemporâneas tem-se deslocado em direção à “superfície do corpo”, calcada pelo crescente desejo de ser visto e pela vontade de construir um “‘eu’ visível” nas telas e em outras vitrinas confessionais midiáticas.

mapear os sentidos e modos como circulam os discursos relativos à boa forma, a partir das relações entre imagem, tecnologia e corpo.

Para investigar os sentidos dos discursos da boa forma na constituição do sujeito contemporâneo, estudamos os trabalhos de alguns autores principais a fim de embasar as reflexões propostas diante das imagens do corpo “perfeito” e dos discursos a seu respeito. As obras de Michel Foucault (1979, 1984, 1985, 1987, 1988, 2008, 2014) e de Paula Sibilia (2003, 2004, 2006, 2008, 2010a, 2010b) foram profundamente analisadas por serem basilares para todos os capítulos. Consideramos ainda os conceitos de celebridade desenvolvidos por Chris Rojek (2008) e David Marshall e Sean Redmond (2015). Quanto ao corpo contemporâneo, a base teórica foi construída a partir das reflexões desenvolvidas por Benilton Bezerra (2002), Deborah Lupton (1999, 2012) e Francisco Ortega (2008). E para entender os deslocamentos no âmbito da visibilidade e vigilância privilegiamos as problematizações de Fernanda Bruno (2004, 2013) e Guy Debord (1997).

Articulado às reflexões teóricas, o quadro imagético deste trabalho teve com germe um processo de escavação de imagens e discursos sobre a boa forma, amplamente difundidos em jornais, revistas, manuais médicos, programas televisivos, em que o corpo é percebido como protagonista de um tipo específico de vida saudável. Assim procuramos, como proposto por Foucault (1984, p.16), entender como esses conteúdos são constituídos, os jogos, as regras e as opiniões que eles cristalizam, alcançando o objetivo que se espera de “textos ‘práticos’ que são, eles próprios, objeto de ‘prática’ na medida em que eram feitos para serem lidos, aprendidos, meditados, utilizados, postos à prova, e visavam, no final das contas, constituir a armadura da conduta cotidiana” (p.16). Como destacado pelo autor, o intuito desses textos – ainda que não de forma consciente – era operar na lógica efeito/instrumento, viabilizando que os sujeitos questionem seus comportamentos e modos de ser, os conservem, engendrem e os adequem às noções vigentes na época do que se considera um indivíduo ético.

Percebemos que, além da aderência que esses discursos encontram em todas as esferas de nossa vida, pessoas que alcançaram esses corpos “perfeitos” ganhavam notoriedade e se apropriavam de discursos profissionais – preparadores físicos, médicos, nutricionistas e esteticistas – por conta dos contornos exemplares de seus corpos. Analisamos os discursos e as imagens divulgados por algumas dessas “celebridades” visando traçar um panorama, por aproximadamente

2 anos (2014 a 2016). Devido ao processo constante de mutação dos sentidos, práticas e personagens *fitness*, métricas como alcance, números de seguidores, frequência de notícias, quantidade de comentários foram importantes para direcionar o que parecia relevante à temática, permitindo a seleção de imagens emblemáticas que compuseram o *corpus* deste trabalho.

No aprofundamento que visou perceber os interesses desse contexto, nos foi possível destacar o Instagram como mídia social a ser analisada prioritariamente, pois constatamos grande volume de publicações e comentários públicos. Além disso, recortes de outras mídias sociais foram incorporados, sobretudo porque os perfis relacionados com “boa forma” usam como tática de *marketing* entrelaçar a continuidade de conteúdo em todos os demais espaços sociais, como Facebook e Snapchat, por exemplo. Nesse sentido, uma série de exercícios está resumida em um vídeo de 15 segundos no Instagram, mas a rotina completa “ao vivo” pode ser acompanhada no Snapchat. Para essa disseminação de conteúdo em diversas plataformas, os programas televisivos também contribuíram com algumas imagens. Programas especiais produzidos por canais de televisão relacionados com a temática da boa forma também foram fontes de imagens para compreender o contexto pertinente, tais como “Câmera Record – Crianças Saradas” e “Câmera Record – Grávidas Saradas”, da emissora Record, e o “Geração *Fitness*”, do canal SporTv. A análise do conteúdo do monitoramento nas mídias sociais e *sites* com seções sobre saúde e *fitness* foi feita semanalmente; porém devido à fugacidade do conteúdo produzido no SnapChat e Instagram Stories<sup>10</sup> – disponíveis para visualização durante apenas 24 horas – as publicações feitas nessas plataformas foram registradas e analisadas diariamente.

Na internet, despertam curiosidade publicações sobre mulheres nos últimos meses de gravidez com o abdômen definido. Da mesma forma, campanhas publicitárias de alimentos, parques de diversão e academias de ginásticas lançam produtos e serviços direcionados às crianças, no sentido de que tenham “vida saudável” e alcancem a “boa forma”. Há ainda histórias que se tornam alvo de admiração, como a de famílias que são modelo de sucesso devido aos seus corpos e vidas equilibradas. Diante desse quadro imagético, foram analisados os sentidos da boa forma no

---

<sup>10</sup> Em agosto de 2016, o Instagram adicionou a funcionalidade Stories ao aplicativo; na parte superior do aplicativo, o usuário pode registrar momentos especiais em fotos e vídeos, editá-los e publicá-los. O conteúdo publicado no campo “Minhas histórias” só fica disponível durante 24 horas.

âmbito das famílias *fitness*, das crianças, da gestação e do parto. São imagens que falam da atualidade, dos modos como o sujeito é pensado, das maneiras que cuidamos de nós mesmos.

O primeiro capítulo, então, desenvolve uma análise das configurações de um “tipo” contemporâneo de família: as famílias *fitness*. Elegemos essa imagem central por considerá-la fundamental na construção dos modos de ser e estar do indivíduo. Analisamos como a vida familiar pode ser atravessada pelo conceito da boa forma a partir do mapeamento dos discursos e da observação das condutas da família Luglio. Reconhecida na internet por seu estilo de vida saudável e pela prática de exercícios físicos envolvendo todos os seus membros, ao analisar a rotina familiar via mídias sociais, observam-se deslocamentos nos sentidos da família moderna. Nas famílias contemporâneas, o corpo é protagonista, base para as relações financeiras; ele ganha contornos de capital-competência e é o valor a ser vendido pelos empresários de si. Dessa maneira, seguindo uma lógica neoliberal, observa-se a família como plataforma para “empresariamento”<sup>11</sup> de si. Ser responsável pelo próprio sucesso implica práticas de si e cuidados de si muito particulares com esse corpo que é a base financeira e imagética familiar.

No âmbito das crianças, mais do que produtos e serviços publicitários para proporcionar uma vida “mais saudável”, as brincadeiras infantis tornam-se um verdadeiro negócio. A exposição e a lógica empresarial inserida nas relações familiares modificam diretamente os sentidos de ser criança. Analisamos, especialmente, as crianças que têm seus corpos já visíveis por frequentar academias de ginástica e ter seus estilos de vida *fitness* legitimados pelo público-alvo em perfis de mídias sociais. Os pais regulam as aparições para audiência, mas também são os responsáveis por torná-las visíveis, observação que possibilitou uma análise sobre o deslocamento do sentimento de família. Dessa forma, compreendemos que o controle das subjetividades e das condutas infantis é efetuado mediante a estratégia de “empresariamento” generalizado da sociedade e da educação.

Não apenas os corpos das famílias e das crianças são alvo das práticas relacionadas à boa forma. Como uma espécie de “marco zero”, a gestação também se altera. Momento tradicionalmente vivido sem restrições alimentares ou exigências de condutas que visassem ao

---

<sup>11</sup> O termo “empresariamento” é usado para fazer referência ao processo contemporâneo em que a vida e os corpos e dos indivíduos estão sendo construídos e expostos a partir de noções próprias da administração de empresas, criando mercados, parcerias, estratégias de marketing e modos de ser.

corpo, hoje a gravidez também exhibe imagens “saradas”, de “barrigas chapadas”. As grávidas *fitness* – donas de corpo esculpido até o último mês de gestação – foram analisadas nesse capítulo, pois permitem problematizar por que situações íntimas como gestação e parto despertam a “vontade de saber” em uma audiência ávida por atualizações. Nessa lógica espetacular, o corpo grávido sarado é o atributo que confere notoriedade a essas “celebridades-comuns”, ícones da gestação vivida de forma saudável e especialistas nos cuidados de si. Praticar exercícios de alta *performance* e manter dietas restritivas são atitudes que demonstram novas relações de poder quanto ao corpo grávido e permitem refletir sobre a ideia de gravidez “bem-sucedida”.

Cabe ressaltar que o “desejo de saber” do público pelas banalidades da vida *fitness* não se esgota na gravidez. Nem o desejo de se expor que legitima toda a divulgação da vida diária. As transformações que operam mudanças nos conceitos de família, infância e corpo grávida atingem também o momento do parto, tema do terceiro capítulo. Os discursos nas mídias sociais e as transmissões ao vivo do nascimento permitem observar a emergência imagética e discursiva de um evento comumente vivido como privado, assim como, as dinâmicas de visibilidade e vigilância contemporâneas. Mais do que restrita aos familiares, a narrativa sobre o nascimento não era proferida pelas mães ou parteiras. Amplamente divulgado nas mídias sociais, o parto sai do silêncio dos manuais médicos, do olhar arguto masculino, para uma verdadeira tagarelice em que a experiência da gestante e as transformações de seus corpos são narradas pelas próprias mulheres.

Assim, bebês que já nascem dentro de uma vitrine, suas imagens têm valor empresarial, e sua exposição é assegurada nos perfis de seus pais ou em seus fã-clubes. O tempo em que foram amamentados apenas com leite materno, sua dieta a partir do sexto mês, seus primeiros passos são acompanhados por uma audiência ávida e movida pelo estilo de vida “saudável” dessa família. De tão “adequados” aos contextos da boa forma, já que antes do nascimento são *experts* na “dobradinha” dieta e exercícios, será que os possíveis vencedores da disputa contra a organicidade do corpo são frutos desse “projeto” de vida que é a boa forma?

Diante desse panorama, neste trabalho, o leitor percorre vários momentos da vida do sujeito, identificando que a “boa forma” e a “vida saudável” não são questões exclusivas das mulheres jovens. Elas estão presentes em todas as esferas da vida, de crianças e idosos, de homens e mulheres, tratando-se de certa moral contemporânea. Estudamos e descrevemos imagens exemplares, às

vezes exageradas, de uma configuração de subjetividade, de algo que transforma e forma todos nós, ainda que não adeptos dos imperativos do *fitness*. Ao final de cada capítulo, propomos uma série de imagens “visuais” que complementam o quadro imagético “textual” antes apresentado e materializa os sentidos com base no contexto histórico, mapeando os deslocamentos e as continuidades de práticas e discursos em todas as esferas da existência do indivíduo.

# CAPÍTULO 1

## **NO PAIN, NO GAIN: A FAMÍLIA FITNESS E A EMPRESARIZAÇÃO DA INFÂNCIA**



Imagem 1 -Anna Clara Mansur, musinha *fitness*.

Fonte: Página Facebook Anna Clara Mansur. Disponível em <<http://bit.ly/2kj9bJS>>. Acesso em 5 set. 2015.

O despertador toca às 5h30 no apartamento da família Luggio, no Morumbi, em São Paulo. A mãe, Alessandra, logo ao levantar, coloca a roupa de ginástica e vai para a cozinha preparar o café da manhã. Quando o marido, Enrico, de 46 anos, e as filhas, Natalia, 18, e Bruna, 15, acordam, uma hora depois, a mesa está posta: não faltam variedades de frutas frescas, granola, pão integral, queijo branco, além de vitamina com leite de amêndoas, cacau em pó, semente de chia e linhaça. Não se trata, entretanto, de um comercial de margarina. A ausência do produto na mesa da família, aliás, é regra: “esse tipo de alimento” não entraria nunca na “imagística” dos Luggio, como a própria matriarca afirma.<sup>12</sup> À lista de restrições no armário de mantimentos, somam-se ainda qualquer embutido, suco concentrado e refrigerante. A rotina continua e em algum momento do dia, todos irão se dedicar a seus corpos, cumprindo suas séries de exercícios na academia – que registrarão para posteriormente exibir essa força de vontade “invejável” em suas contas no Instagram, aplicativo no qual se apresentam com a seguinte *hashtag*:<sup>13</sup> #fitfamily. Assim como a descrita imagem do café da manhã, publicada no perfil de Alessandra,<sup>14</sup> outros momentos da rotina *fitness* são constantemente compartilhados não apenas no perfil social da mãe, mas de todos os membros da família.

A cena cotidiana de uma família reunida ao redor da mesa para a refeição faz parte do repertório de imagens, comuns ao comportamento de várias casas. O que, no entanto, torna notória a rotina de uma família a ponto de mobilizar quase 200 mil seguidores? Para a matriarca, “parada na rua por gente”<sup>15</sup> que a acompanha pela internet e considerada a principal *web* celebridade dos Luggio pela revista *Veja-São Paulo*,<sup>16</sup> sua rotina desperta interesse público por uma conjunção de fatores. “Um movimento de vida saudável que eles criaram” (ou acreditam ter criado); o fato de sua “família viver dentro de um dia a dia conduzido pela ‘saudabilidade’, pelo esporte”; sua formação em nutrição; o fato de ter clientes famosos, como a atriz Cláudia Raia; o estilo considerado saudável mantido pela família; e a prática assídua de exercícios físicos realizada ao lado de seu marido e filhas fazem do cotidiano dessa #fitfamily um verdadeiro manual da “boa forma”. Como informa Alessandra, a prática de musculação e outras atividades físicas realizadas familiarmente tem o objetivo de incentivar outras famílias a seguir um

---

<sup>12</sup>LUGLIO, Alessandra. Comentário em entrevista concedida à revista *Veja-São Paulo*, de 5 nov. 2014. In: BRAUN, Sophia. “Fit Family” faz sucesso no Instagram com exercícios e alimentação. Disponível em <<http://abr.ai/1Kov4nv>>. Acesso em 24 jan. 2016.

<sup>13</sup>As *hashtags* são palavras ou expressões que indexam o conteúdo no ambiente *online*. Elas são identificadas pelo símbolo “#”. Normalmente, as *hashtags* não possuem acentos ortográficos, nem espaço entre as palavras. No caso acima, #fitfamily, o termo é usado em inglês e pode ser interpretado como família *fitness*, ou seja, uma família que possui um estilo de vida “saudável”, praticante de atividades físicas e com alimentação “balanceada”.

<sup>14</sup> Perfil no Instagram: @aleluggio.

<sup>15</sup> Neste trabalho ao apresentar comentários extraídos das mídias sociais, a ortografia original será preservada, com intuito de evidenciar sentimentos e as formas de se comunicar inerentes ao ambiente digital.

<sup>16</sup>LUGLIO, op. cit.

“estilo de vida mais saudável”. Nessa empreitada digital, Alessandra já foi contratada para assinar linhas de produtos *fitness* como lancheiras térmicas, prestou consultoria para o desenvolvimento de produtos como iogurtes e suplementos e tornou-se embaixadora de uma marca de roupas esportivas razão pela qual, as imagens do cotidiano familiar veiculadas nas mídias sociais não podem, de modo algum, exibir marcas concorrentes da patrocinadora. Seu negócio inicial, a clínica em que atua como nutricionista no Jardim Paulista, tem agenda concorrida, e o preço da consulta é mais da metade de um salário mínimo.<sup>17</sup>

Assim como Alessandra, todos os outros Lugio possuem contas no Instagram e compartilham suas rotinas exemplares de exercícios e alimentação saudável. Mais do que replicar as publicações do perfil de Alessandra, cada um produz seu próprio conteúdo e se relaciona com sua base de seguidores. Por exemplo, Natalia, filha mais velha, *chef* de cozinha recém-formada, 40 mil seguidores no Instagram, conta em entrevista à revista *Veja*, que as publicações em que exibe seu abdômen definido despertam muitos comentários de seus seguidores, interessados em seu modo de vida.<sup>18</sup> Alguns mais atentos, aliás, observam as mudanças ínfimas no corpo de Natalia, questionando a falta de cintura; outros se sentem íntimos o suficiente para opinar que a barriga musculosa é garantia de sucesso.<sup>19</sup> Para provar o quanto sua rotina é rígida, a jovem de 18 anos relata que, durante as férias, chega “a passar seis horas seguidas praticando exercícios físicos”.<sup>20</sup>

Como coadjuvantes nas mídias sociais, estão o pai e a filha mais nova – que também praticam diversas atividades físicas e seguem a rotina familiar *fitness*. Até mesmo o cachorro da casa, o pastor-de-shetland, Giggio, tem perfil no Instagram,<sup>21</sup> com postagens seguidas pela *hashtag* #*fitção*. Nelas, as cenas do animal comendo frutas e fazendo exercícios, como corrida e natação, são frequentes. O cachorro, que já conquistou a marca de 10 quilômetros de corrida ao lado de seus donos, possui metas próprias para se tornar cada vez “mais saudável” e, em breve, alcançará mais um degrau nessa escalada, trocando “a ração comum por uma *light*”.<sup>22</sup> De fato, como a imagem do café da manhã evidencia, não apenas o cachorro, mas todos os Lugio possuem rígida rotina alimentar. Proteína só de peixe, grãos, ovo e tofu. Chocolate eventualmente, contanto que possua mais de 70% de cacau. Extravagâncias, segundo Natalia, filha mais velha, são raridade: “até posso fazer um *brownie*, mas uso aveia e biomassa

---

<sup>17</sup> Base do salário mínimo nacional de 937 reais em 2017.

<sup>18</sup> LUGLIO, N. Comentário em entrevista concedida à revista *Veja-São Paulo*, de 05 nov. 2014.

<sup>19</sup> Comentários da publicação no perfil @natluglio – “@rita\_silva Cade a cintura @natluglio?” e “@tabatalves13 Que sonho! Vc vai ter mto sucesso”. Disponível em <<http://bit.ly/1RpGAAG>>. Acesso em 24 jan. 2016.

<sup>20</sup> LUGLIO, A., op. cit.

<sup>21</sup> Perfil no Instagram: @giggiolugio.

<sup>22</sup> LUGLIO, A., op. cit.

de banana”.<sup>23</sup> Enrico, o pai, é categórico ao afirmar que “muita gente nos acha exagerados. Mas as pessoas não imaginam que viver desse jeito une muito a família”.<sup>24</sup>

Vale destacar que não é incomum a ideia de uma família *fitness* compartilhar na internet sua rotina de exercícios e sua dieta alimentar. Como os Lugio, outras famílias, no Brasil e no mundo, publicam suas rotinas diárias para uma audiência fiel e, muitas vezes, anônima. Em busca nos mecanismos de pesquisa na internet, utilizando a hashtag #fitfamily, aproximadamente dois milhões de publicações são indexadas de maneira orgânica.<sup>25</sup> O mesmo termo em um *site* de busca de vídeos resulta em quase um milhão de resultados.<sup>26</sup> Todo esse conteúdo é publicado por pais, mães, avós, adolescentes e crianças, exibindo ínfimos detalhes de sua rotina na busca de uma “boa forma” e de um “estilo de vida saudável”. Esses registros não revelam ocasiões especiais, mas sim momentos que, outrora, poderiam ser vistos como da esfera íntima, restritos aos familiares e amigos mais próximos. De maneira geral, as imagens são de uma lancheira saudável no intervalo da escola ou da organização da dieta para a semana, rotina de exercícios e toda uma série de práticas que parecem evidenciar um estilo de vida voltado para a boa forma corpórea.

### 1.1. Cuidados de si: a boa gestão das práticas de si<sup>27</sup>

O “gerenciamento” da vida dos Lugio e de outras famílias *fitness* que compartilham suas rotinas familiares como produtos em vitrines permanentes é imagem exemplar daquela generalização da “forma empresa”, tratada por Michel Foucault (2008), nos mais diversos âmbitos da vida humana. Quando o modelo econômico, modelo da oferta e da procura, investimento-custo-lucro, se verte numa racionalidade, num modelo hegemônico do tecido social e de nossa existência, toda uma série de transformações é colocada em movimento. A vida do indivíduo deixa de estar inscrita no âmbito de uma grande empresa, da “firma” ou do Estado. A família também não é mais uma empresa coesa, mas um *pool* de “empresas-indivíduos”, submetido – como os grupos empresariais – às normas, regularidades, conjecturas e demandas externas. Cada Lugio, até mesmo

---

<sup>23</sup>LUGLIO, A. op. cit.

<sup>24</sup>LUGLIO, A. op. cit.

<sup>25</sup> A pesquisa da hashtag #fitfamily foi realizada no Instagram, indexando resultados públicos em janeiro de 2017.

<sup>26</sup> A pesquisa indicada foi feita no YouTube com a expressão “fit family”. A busca semântica da expressão “família fitness” indexou 100 mil resultados na mesma plataforma de vídeos.

<sup>27</sup> Parte do presente capítulo foi apresentada no VIII Encontro de Pesquisa em Comunicação (Enpecom) – Crítica de Mídia, com o título “Tal mãe, tal filha: famílias *fitness* e os empresários de si mesmos no contexto da ‘boa forma’” (FONSECA, SANZ, 2016, p. 601-613).

o cachorro, é, desse modo, “célula-empresa”, sócio de si mesmo, a própria Companhia; seu nome, habilidade e estilo de vida devem qualificar sua competência e abrir possibilidades para novos e permanentes êxitos e sucessos. Configura-se, então, uma economia constituída não de indivíduos, mas de unidades empresariais múltiplas, células complexas. A vida de cada membro da família é solicitada, como analisa Foucault (2008, p. 331-332), a se inscrever

no âmbito de uma multiplicidade de empresas diversas encaixadas e entrelaçadas, de empresas que estão, para o indivíduo, de certo modo ao alcance da mão, bastante limitadas em seu tamanho para que a ação do indivíduo, suas decisões, suas opções possam ter efeitos significativos e perceptíveis, bastante numerosas também para (que ele) não fique dependente de uma só; e, enfim, a própria vida do indivíduo – com, por exemplo, [...] sua relação com a sua família, com o seu casamento, com os seus seguros, com a sua aposentadoria – tem de fazer dele como que uma espécie de empresa permanente e de empresa múltipla.

Ser uma empresa múltipla requer investimentos. Assim, a tarefa de aperfeiçoamento permanente é um dos deveres do homem transformado em empresário de si mesmo. Foucault (2008, p. 311) explica: “sendo ele próprio seu capital, sendo para si mesmo seu produtor, sendo para si mesmo a fonte de (sua) renda”. Capital humano, cuja composição articula elementos inatos (hereditários) e adquiridos. Nesse caso, os empresários de si no âmbito *fitness* parecem especialmente exemplares. Por um lado, exibem suas performances a partir da “qualidade” de seus “equipamentos genéticos”, instrumentos “inatos”, capazes de torná-los aptos a se adequar ao modelo hegemônico. Como lembra Paula Sibilia (2006, p. 39), o sentido do termo *fitness* remete exatamente à “adequação” (*to fit*: adequar-se) e, nesse caso, “adequar-se” a um modelo corpóreo: “uma e outra vez, esse vocábulo parece ressoar nas academias de ginástica como uma palavra de ordem que exige *to fit*, incitando seus devotos a se *adequarem* ao modelo hegemônico”.

Evitar extravagâncias e buscar o equilíbrio demandam doses altas de prudência, sacrifício e privação. Nessa missão contra o corpo biológico, viver já é um perigo, pois deteriora o corpo físico, ainda que seguindo as recomendações da família Luglio. Dentro de uma luta sem fim e sem vencedores aparentes, os indivíduos abominam a organicidade do corpo, estão imersos em padrões sociais e sistema de valores, encaram a tarefa individual de gerenciar a si, assumem suas responsabilidades de lutar contra a gordura, as marcas do corpo e as artificialidades dos alimentos. Diante disso, a boa forma parece ser, assim, um conceito central do sujeito performático na sociedade neoliberal, aquele “empresário de si” do qual tratava Foucault (2008). De acordo com o

autor dois elementos são centrais na concepção neoliberal norte-americana: o conceito de *Homo economicus* e capital humano. De acordo com o conceito de *Homo economicus* do liberalismo, o indivíduo é um parceiro de trocas, enquanto no neoliberalismo, ele passa a ser “empresário de si mesmo”. É o homem que é sócio de si mesmo, pois é seu próprio capital e seu próprio produtor, sendo seu corpo sua própria empresa. Ou, no caso das famílias *fitness*, a superfície do corpo é o próprio capital. Assim como são elas exemplos contemporâneos do conceito “empresário de si”.

Foucault (2008) afirma que o investimento para formar esse tipo de sujeito é o que vai formar uma “competência-máquina” e inclui os elementos que entram na constituição do capital humano. O tempo que os pais dedicam a seus filhos, o número de horas que a mãe passa ao lado do berço do recém-nascido, as horas que o pai e a mãe investem quando crianças são alguns dos elementos que constituem a formação do capital humano. Não são, portanto, apenas as condições de aprendizado que constituem o sujeito profissional e empreendedor – o tempo que lhe é dedicado, os cuidados que lhe são proporcionados, o nível de cultura de seus pais e o conjunto de estímulos culturais recebidos por uma criança constituirão os elementos capazes de formar o capital humano.

A família Luglio, portanto, é um exemplo contemporâneo da aplicação do conceito “empresário de si”. Mais do que uma “empresa familiar”, cada membro dessa família é uma “empresa em si”, seja pela atuação individual no Instagram, em que cada um é responsável e produtor dos conteúdos que difunde, ou pelas associações entre esses indivíduos, que são verdadeiras parcerias comerciais, como o projeto que Alessandra (mãe) e Natalia (filha) divulgaram no Instagram. Juntas, elas são responsáveis pelo evento “Dieta Saudável”, parte do projeto “S School” em que Alessandra palestra sobre alimentação e estilo de vida saudáveis e Natalia é responsável por um *workshop* de receitas sustentáveis, completas nutricionalmente e com foco em alimentos orgânicos. Conforme publicação no perfil @alelugio, ao convidar seu público a participar da palestra e do *workshop*, Alessandra reforça a associação com Natalia: “minha filha @natilugio *chef* formada em gastronomia natural pelo @naturalgourmetinstitute fará um pequeno *workshop* com receitas de baixo impacto ambiental”.<sup>28</sup>

Os comentários da publicação exemplificam como o estilo de vida e o conteúdo difundido pelos perfis da família influenciam o cotidiano dos seguidores. Há aqueles que reforçam – “Eu vou

---

<sup>28</sup> Publicação de 4 fev. 2016. Disponível em <<http://bit.ly/1KFsHN4>>. Acesso em 5 fev. 2016.

com certeza! Não vejo a hora de aprender, ainda mais, com vcs. Dessa vez pessoalmente e n só virtualmente 🧑🏫🧑🏫” – e aqueles que demonstram tanto interesse no “trabalho” dos Luglio a ponto de sugerir cursos *online* – “Olá, acompanho o trabalho de vcs a distância. Estou no interior de Minas Gerais, quase Goiás. Gostaria de sugerir cursos à distância”.<sup>29</sup> Além disso, essa articulação das diversas empresas presentes em uma família evidencia que, na contemporaneidade, cada indivíduo é sócio de si mesmo e é a própria empresa, pois seu nome, suas habilidades, sua formação, seu corpo e estilo de vida qualificam sua competência para exercer certas atividades, como a associação entre os Luglio no projeto “S School”.

São exemplares também nos modos que “investem em si mesmos”, aperfeiçoando e buscando a “melhor versão” de seus corpos a partir do trabalho sem fim da “boa forma”. Não por acaso, o corpo para as famílias *fitness* aparece como um “bem” individual que merece receber investimento e ser exibido, tornado instrumento de sobrevivência financeira. Em uma medida, a “qualidade do corpo” reforça a “propriedade” inata do capital vendido por tais famílias. Em seu pretense caráter elevado, configura-se como uma espécie de condição social que lhes permitirá integrar o “mercado”. Em outra, é também o corpo exercitado, que aparece como lugar do esforço, do trabalho, do empenho, que pode e deve ser, enquanto “equipamento genético”, desenvolvido e aprimorado. Assim, como percebe Foucault (2008, p. 316), tanto os cuidados médicos quanto as atividades relativas à saúde dos indivíduos são pensados, no neoliberalismo, “como elementos a partir dos quais o capital humano poderá primeiro ser melhorado, segundo ser conservado e utilizado pelo maior tempo possível”.

O corpo *fitness* – o corpo de cada célula dessas famílias – é, portanto, uma peça simbólica do sujeito-capital, plataforma sobre a qual os sentidos de pertencimento social são construídos. É território em que verdades e valores morais são engendrados e legitimados na tessitura social contemporânea. Trata-se de um tipo de subjetividade calcada em um “empresariamento” do *self* que se efetiva, sobretudo, a partir do corpo (como capital). Por essa razão, exige cuidados exaustivos, eternos, ininterruptos, sendo uma das plataformas fundamentais dos regimes atuais de visibilidade. Assim, o corpo constitui não apenas a superfície (ou a imagem) de nossas subjetividades, mas, de forma muito particular, a sua imagem-tecido. Os discursos sobre ele, as

---

<sup>29</sup> Resposta ao convite de Alessandra para seu público participar da palestra da S School. Disponível em <<http://bit.ly/1KFshN4>>. Acesso em 5 fev. 2016.

verdades, as prescrições acerca de sua “vida saudável”, sua boa forma parecem permear variadas faixas etárias, em diversos momentos da vida, penetrando, conseqüentemente, cada vez mais a vida familiar, seja da família já consolidada, seja nos modos de ser e estar das famílias que vão se formar.

Cabe ressaltar, no entanto, que a “boa forma” não produz apenas sucesso e felicidade. Mais do que simples atributo físico, tal expressão materializa verdades acerca do sujeito contemporâneo – relacionadas à saúde, à estética, à medicina e ao que devemos e queremos ser.<sup>30</sup> Compartilhada nas mídias sociais, comprada e vendida na grande mídia, a “boa forma” tornou-se uma espécie de centro de gravidade da sociedade contemporânea, materializando, no entanto, um estranho paradoxo. Enaltece o corpo, mesmo que o submeta a uma lógica infinita de aperfeiçoamento. Coloca-o como a condição necessária do sucesso. Esse corpo, no entanto, assim como os recursos financeiros aplicados em fundos de investimento, não pode ficar parado, sua materialidade não deve estar relacionada a gordura e morosidade, sob o risco de perder sua qualidade inata; para que o corpo se torne um bem, para que permita ao empresário de si ampliar seu capital humano, ele deve atender a outra exigência: ser a imagem de uma competência adquirida. O paradoxo parece estar aí – no fato de que o corpo precisa se superar enquanto corpo, estar às vezes submetido a extremas violências, imolações e sacrifícios para ser a evidência de sucesso por estar (e ser reconhecido) em sua melhor forma, para se verter em capital-competência.

Administrar bem o corpo, ter uma “boa forma” e seguir uma “vida saudável” conferem ao indivíduo, portanto, características de um bom gestor. Quando o corpo precisar ser “sacrificado”, interrompendo a rotina extenuante de exercícios físicos, para que o indivíduo desenvolva outras habilidades, como a atividade intelectual, o sujeito deve fazê-lo de modo pontual, mas, sobretudo, dentro da lógica neoliberal. A luta contra a organicidade pode ter uma “trégua discursiva”, se seu estilo de “vida saudável” for “realmente autêntico”: isso assegura que seu corpo possa, como uma

---

<sup>30</sup> Os estudos desenvolvidos por Paula Sibilia (2006, p.11) são estruturantes para compreender o corpo contemporâneo. Segundo a autora, o mundo contemporâneo ostenta uma relação paradoxal com o corpo. Em primeiro plano, percebe-se um enaltecimento do corpo humano, que é constantemente submetido a uma série de práticas que visam às “boas aparências” (p.11). A autora destaca, aliás, que o próprio umbigo é uma metáfora central desse corpo protagonista e da lógica egocêntrica aplicada à manutenção de um corpo espetacular. Afirma que o corpo orgânico, viscoso, biológico é desprezado com veemência pelas sociedades ocidentais do século XXI. Há um pavor à gordura, aos excessos corpóreos e às adiposidades comuns ao corpo. Para evitar esse grande “mal” que é a organicidade do corpo, técnicas e práticas ascéticas das mais diversas não são apenas recomendadas, são essenciais para a existência do sujeito contemporâneo. Para aprofundar a questão da centralidade do corpo na cultura contemporânea, ver “O homem pós-orgânico: a alquimia dos corpos e das almas à luz das tecnologias digitais” (SIBILIA, 2002) e “O pavor da carne: riscos da pureza e do sacrifício no corpo-imagem contemporâneo” (SIBILIA, 2004).

máquina, voltar muito em breve à “forma” com músculos aparentes. Tudo, é claro, deve ser bem medido a partir tanto da ideia de risco, quanto da de custo/benefício. Segundo Alessandra Luglio, após três semanas de rotina intensa, sem treinos e superando um processo inflamatório, a partir do seu esforço individual, “seguindo um modelo alimentar *possível*, equilibrado, sem excessos e sem carências *nosso* corpo responde com tranquilidade, sem grandes perdas e nem grandes ganhos! Isso é o que chamo de alimentação sustentável, bom *pra* você, bom para tudo, é *#lifestyle*”.<sup>31</sup>

Tudo depende apenas “de cada um de nós”, cada pessoa é responsável por seu sucesso e a ela cabe gerenciá-lo. Decisões cotidianas assumem, dessa maneira, dinâmica e linguagem empresariais – tornam-se ações-estratégias. A “gestão de si” contemporânea constitui a base de toda uma série de prescrições e dietas morais que tem como base certos perfis, imagens e práticas corporais. Alcançar o sucesso e a melhor performance, principalmente no âmbito da boa forma, exige constante negociação entre riscos, desejos, fadigas e responsabilidade individual. Como explica a filha mais velha dos Luglio, Natalia, quando “justifica” para seus seguidores que, devido à rotina intensa de estudos, seu corpo foi colocado em segundo plano e, por isso, não estava tão definido como há oito meses, quando “treinava com mais frequência e comia MUITO. Eu era uma das pessoas mais saudáveis que conheço”. Ressalta que apesar dessa pausa nas atividades físicas, continuava comendo de forma saudável; com a “dupla infalível” exercícios e dieta, tinha “um corpo (eu acho) bem bom!”. Natalia ressalta que apesar de buscar um corpo magro e rotina saudável, não consome aceleradores de metabolismo nem faz dietas mirabolantes, e critica as pessoas que adotam esse tipo de práticas. Essa ingestão de suplementação e dietas restritivas para aumentar a performance, de acordo com Natalia, tem uma explicação. As pessoas fazem “tudo isso para ter um corpo ‘perfeito’ de musas *fitness* que, muitas vezes, têm MUITO mais tempo para treinar já que isso faz parte do trabalho delas... elas são lindas, *nas (mas)* são elas. Eu não desejo ter o corpo de ninguém”. E por ser membro assíduo do grupo da vida saudável, mesmo com um corpo não “tão esculpido”, Natalia é categórica ao afirmar que “as pessoas são diferentes, você tem que tentar fazer o SEU melhor, sem perder sua saúde...”.<sup>32</sup>

Tal negociação supõe ainda outra barganha: a boa forma contemporânea só se realiza rebatida no olhar do outro – vigilante, ideal e eterno. Não basta seguir continuamente as receitas

---

<sup>31</sup> Publicação do perfil @aleluglio. Disponível em: <<http://bit.ly/2b4bQIf>>. Acesso em: 6 ago. 2016.

<sup>32</sup> Publicação do perfil @natluglio. Disponível em <<http://bit.ly/1RpGAAG>>. Acesso em 24 jan. 2016.

mais “atualizadas” de comportamento; não é suficiente corrigir eventuais vulnerabilidades de segurança ou fraqueza; não basta encontrar constantemente novos *patches*.<sup>33</sup> A família *fitness* precisa ser vista e, de preferência, seguida. Segundo Paula Sibilia (2008, p. 8), em nossa atualidade, “só é o que se vê”, sendo a invisibilidade total praticamente o sinônimo da inexistência do indivíduo.<sup>34</sup> O “parecer ser” e o “aparecer para ser” estão intimamente relacionados, tanto nas construções de nossos discursos quanto na constituição de nossa subjetividade. Assim, a família *fitness* não teme somente a gordura e a flacidez, mas também a invisibilidade. Desse modo, quando o indivíduo da família *fitness* não estiver “em dia” com seu corpo e com suas “práticas de si”, precisará negociar com seus “seguidores” e esclarecer a “falha” – quando possível, exibir imagens que o absolvam, que comprovem que, algum dia, houve investimento em seu “bem-capital”. Trata-se de uma administração voltada também para uma permanente aprovação, como fazem as empresas de *marketing* para se manter no mercado. Observa-se, então, que as “práticas de si” são as formas que o sujeito encontra de se relacionar consigo mesmo, a partir de um solo sociocultural, de toda a influência que recebe da sociedade em que está inserido, de se narrar, destacando os procedimentos e as técnicas adotados nesse exercício de autoconhecimento, e “as práticas que permitam transformar seu próprio modo de ser” (FOUCAULT, 1984, p.30).

Cabe ressaltar que as formas de constituição do sujeito e das subjetividades são construídas tanto a partir de instâncias exteriores quanto no interior do próprio sujeito. Dessa forma, destaca-se que o sujeito é composto por saberes externos que visam a sua subordinação e, simultaneamente, por práticas de si que lhe conferem relações autônomas e particulares. Essas alterações no modo de perceber ou de interpretar a “verdade” são concebidas em meio a confronto interno e externo. (FOUCAULT, 1984). No exemplo de Natalia suas práticas de si encontram fundamento em orientação social que valoriza o corpo magro e discursos que elevam os valores de empreendedorismo, apoiam-se em sua família e cristalizam-se no olhar da audiência que engendra valores sobre seu corpo.

---

<sup>33</sup> *Patch*, “remendo”, em inglês, é termo apropriado pela indústria de desenvolvimento de sistemas quando um programa precisa ser desenvolvido para atualizar ou corrigir uma vulnerabilidade de segurança, ou para acompanhar a atualização do concorrente, sendo também uma forma de deixar os sistemas constantemente *up-to-date*.

<sup>34</sup> Neste trabalho apropria-se do termo extimidade, conforme proposto por Paula Sibilia (2008). Esse conceito e demais relações sobre o regime de visibilidade e vigilância serão desenvolvidos no capítulo sobre o parto.

De fato, os seguidores são os clientes do espetáculo das banalidades cotidianas, “públicos-alvo”, que estabelecem regras, demonstram preferências e regulam corpos, como consumidores. Em uma negociação “eterna”, cada *feedback* do público, especialmente, os positivos – assim como nos serviços ao cliente das empresas – reforça e legitima a boa forma como um modo de conduta indispensável ao sujeito contemporâneo. A exposição voluntária na internet de seus hábitos cotidianos e de sua “gestão de si” não é, portanto, especialmente autônoma. Provavelmente, a liberdade de que a família *fitness* dispõe pode ser exercida “desde que...” as escolhas feitas sejam as que seu público espera. Para se manter, os Luglios precisam ser fiéis a padrões corporais e alimentares, precisam ser incansáveis com a autovigilância e “agregar, constantemente, novos valores a sua marca”. Quando Natalia expõe seu “ex-abdômen definido”, algumas seguidoras questionam sua falta de cintura, condenam suas opções, sugerem novas escolhas. Nesse sentido, Sibilia (2006, p. 121) esclarece que há um processo de moralização das práticas corporais, que, no entanto, possui metas bastante prosaicas, tais como “vencer no mercado das aparências, obter sucesso ou ganhar eficiência, efetuar uma boa performance física e sobretudo visual. Enfim: todos valores mercadológicos, todos fatores bem cotados no mercado de valores contemporâneo”.

Tamanho gerenciamento exige práticas de si muito particulares: certos controles de afetos, determinados manejos de hábitos e algumas dietas morais. Os sentidos de “cuidados de si” que são compartilhados nas mídias sociais, comprados e vendidos na grande mídia podem ser pensados por meio de noções históricas. O próprio entendimento contemporâneo do conceito cuidados de si permite compreender que a valorização de certas condutas, naturalização de práticas e modos de cuidados com o corpo são essencialmente construídos “dentro” de cada sociedade de forma condizente aos regimes de poder e às condições de possibilidades. Michel Foucault (1984, 1985) afirma que compreender os cuidados de si de cada sociedade é uma forma de mapear a história das subjetividades. As “relações consigo mesmo” devem ser percebidas por meio da formação e das transformações culturais, tendo em vista as condições de possibilidade que perpassam a construção dos indivíduos. Para Foucault (1984), o cuidado de si pode ser compreendido como um conjunto das experiências e técnicas que o indivíduo constrói e é a base para formá-lo em si mesmo. Ao investigar essa questão na Antiguidade clássica, o autor encontra outros tipos de “cuidados de si”, práticas com pretensões transcendentais da alma, como busca do conhecimento para a consolidação

moral e intelectual. Entre as práticas de si dessa época, evidenciam-se os ritos de purificação, as técnicas de reclusão e concentração da alma, visando atingir um ponto além da corporeidade.

Nesse sentido, toda a dietética promovida pelas imagens *fitness* pode ser pensada não somente como ações morais, mas também como imagens das atuais práticas ascéticas, já que supõem o exercício de esforços, trabalhos, técnicas, regimes que objetivam alcançar certos “modos de ser empresariais”. Segundo Foucault (1987), compreende-se por ascese ou, precisamente, ascetismo o comportamento que visa ao controle dos afetos, que manifesta o controle de si. Por exemplo, no caso das religiões, volta-se para renúncia, desapego, sacrifício, e o corpo é então percebido como aquilo que é preciso dominar, aniquilar para avançar na perfeição da vida espiritual. Já na contemporaneidade, com base no exemplo das famílias *fitness*, o controle do corpo para a boa gestão de si está intimamente ligado à busca da boa forma – afinal, é preciso controlar os desejos, mantendo uma rígida dieta e submeter o corpo a horas prolongadas de exercícios físicos. O suplício contemporâneo está ligado a subir na balança e medir os percentuais de gordura; caso os resultados evidenciem algum ganho de gordura, a busca da boa forma torna-se uma série de castigos, pois práticas como jejuar, rotinas de exercícios até o limite do corpo e a punição pela fuga da dieta são aceitáveis (e desejáveis) na busca desse corpo capital-competência. O hedonismo nos dias de hoje parece ter seu ápice na exibição desse corpo esculpido na internet, seja por imagens de “antes ou depois”, do corpo suado após ter “pago” a rotina de exercício ou da mesa saudável nas refeições familiares.

Ligado a esse corpo sinônimo de sucesso, foco de tantas famílias como a dos Luglio, esse rol de práticas bioascéticas deflagra a fuga constante da materialidade do corpo que atende às exigências de um determinado projeto de sociedade no qual os indivíduos precisam se responsabilizar pelos cuidados de si mesmos (FOUCAULT, 2008).–Segundo Francisco Ortega (2008), trata-se de uma “bioascese”, prática que se distancia definitivamente das técnicas ascéticas que, um dia, se constituíram como exercícios de liberdade ou de resistência a modos prescritos. Diferentemente das ascèses da Antiguidade, em que os trabalhos sobre si ansiavam encontrar caminhos “de demarcação”, singularização, de alteridade, encontramos na maioria das práticas de bioascese a vontade de uniformidade, de adaptação à norma e de constituição de modos de existência conformistas e egoístas, visando à procura da saúde e do corpo perfeito como peça

fundamental no processo de desmontagem da cultura íntima e de somatização e exteriorização da subjetividade (ORTEGA, 2003).

Tal processo está presente na vida das famílias contemporâneas; em especial na dos Luglio, tudo parece girar em torno do corpo. Ele não é apenas uma plataforma individual a ser vendida, um instrumento de sobrevivência financeira; é também o lugar por meio do qual sentidos de pertencimento são construídos, a ponte entre a família e seus seguidores. É o território em que as verdades e os valores morais dessa família *fitness* são engendrados e legitimados, solo fundamental dos regimes atuais de visibilidade. Assim, ter como ponto de partida uma família – recanto mais íntimo das relações humanas e base para a construção das subjetividades – possibilita pensar relações mais amplas entre o corpo e as exigências morais de um projeto de sociedade no qual os indivíduos precisam, sozinhos, assumir a responsabilidade pelo “cuidado de si mesmos” (FOUCAULT, 2008). Implicada na boa forma, realiza-se, primeiramente, uma moral com ares contemporâneos – efetivada a partir de certa imposição de regras e condutas, interdições e promoções, exigência de ser visto, enfim, a partir de um conjunto determinado de práticas de si. Como pensou Foucault (1984, p. 28), “toda ação moral comporta uma relação ao real em que se efetua, e uma relação ao código a que se refere; mas ela implica também uma certa relação a si”, algo que não se restringe à “consciência de si”, mas, sobretudo, exige a constituição de si enquanto “sujeito moral”: o sujeito “estabelece para si um certo modo de ser que valerá como realização moral dele mesmo; e, para tal, age sobre si mesmo, procura conhecer-se, controla-se, põe-se à prova, aperfeiçoa-se, transforma-se”.

Cabe ainda ressaltar que o corpo contemporâneo exige cuidado ininterrupto e atenção eterna, ele é o centro de gravidade dos cuidados de si. O corpo constitui não apenas a superfície (ou a imagem) de nossas subjetividades, mas, de forma muito particular, sua imagem-tecido. Os discursos a seu respeito, as verdades, as prescrições acerca de sua vida saudável, sua boa forma parecem permear todos os tipos de corpos, de todas as faixas etárias, em todos os momentos de nossas vidas. São expressões que combinam sentimentos de “excesso” e “falta” em grupos sociais distintos, comportamentos diversos, articulados com os conceitos de bom gestor de si.

No caso das famílias *fitness*, fica explícito: os cuidados de si centram-se no corpo, especialmente, nas lutas contra ele, visando à longevidade ideal, saúde inorgânica, performance

inequívoca, beleza padronizada – todos os elementos dessa moral destinada a vencer no “mercado”, como ativos do capital humano. De acordo com os estudos de Sibilia (2006), configura-se na atualidade uma busca da pureza e da limpeza do corpo que, de fato, altera os sentidos de sua organicidade. Tal redefinição conceitual possui como corpo-ícone a imagem desencarnada e bidimensional, desenhada para ser exibida e, simultaneamente, vigiada. São “investimentos” que buscam uma visibilidade cada vez menos material, menos corporal, e que corroboram para a existência de estratégias de estilização corporal.

Saudáveis ou não, as práticas de “bioascese” realizadas pelas famílias *fitness* ganham significativa visibilidade e adesão em meio a outras famílias. A rotina *fitness* dos Luglio, por exemplo, e seus cuidados de si os tornam especialistas, *status* não associado por suas formações em nutrição e alimentação natural. A boa gestão da família demonstra habilidade empreendedora e uma admirável (pelo menos por seus seguidores) capacidade de ter e manter uma boa forma, ainda que sua “fama” nas mídias sociais esteja mais atrelada a seus corpos magros e esculpido. Trata-se de outro mercado, muito contemporâneo: o mercado das imagens íntimas e banais, vendidas para quem desejar ver e que se tornam os modelos ideais a seguir, pois, devido ao corpo esculpido que evidencia o sucesso dessas famílias, fazem-se referência de práticas e discursos sobre os modos de ser que devemos almejar.

Nesse sentido, por mais que pareçam dividir opiniões ou presumir certa liberdade do indivíduo que se expõe, esses exemplos integram um conjunto de imagens exemplares de um projeto de sociedade no qual os sujeitos, por meio de eficientes “práticas de si”, devem cuidar de seus corpos, garantindo uma boa forma. Assim, uma boa “gestão de si” engendra novas formas de bioasctismos que se desenvolvem na procura de um corpo construído como uma imagem, plástica, moldada para o consumo visual de uma sociedade espetacular.

Isso significa que o sentimento de família que perpassa os sujeitos das famílias *fitness* parece distanciar-se bastante do que fundou modernamente o próprio conceito de família. Se houve notável sincronismo entre os sentimentos de família e de intimidade na constituição do sujeito moderno, na sociedade contemporânea a sincronia se dá por outros sentidos. Parece que o sentimento contemporâneo de família, pelo menos das famílias *fitness*, vai-se forjando a partir do empreendedorismo individual, o que possibilita a sobrevivência de cada membro, como empresário

de si mesmo, e, assim, também o “sucesso” da família. Mas não apenas isso; para que a família se legitime como núcleo social, sua imagem de saúde e felicidade se torna cada vez mais necessária. Trata-se, desse modo, da sincronia entre a “boa forma” da família e sua visibilidade; entre o desejo de ser (sendo visto) e o desejo de saber acerca das banalidades cotidianas (que, um dia, foram íntimas).

Tal sincronia começa cedo nos dias atuais. Não se restringe a certos tipos de famílias e atravessa o tecido social como um todo, entrelaçando, amplamente, o regime de visibilidade ao estranho conceito de boa forma. Também crianças e grávidas desejam ser *fitness*, mas não só; desejam ser vistas como *fitness* e aprovadas como “saudáveis”, legitimando seu permanente empreendimento no corpo, a partir das imagens que produzem e fazem circular. As famílias *fitness* são, no entanto, ícones dessa sincronia, sintoma e instrumento, imagens exageradas daquilo que já não podemos ignorar. Nesse sentido, o modelo de empresa familiar, que tem como imagem exemplar os Luglios, reforça um panorama de família *fitness* com filhos adolescentes. Estando precocemente inseridas nas lógicas da busca de um corpo perfeito, como operam essas famílias com crianças nos dias de hoje?

## 1.2. Os novos sentidos do ser criança e a performance infantil

A fotografia com contornos de propaganda exhibe uma criança vestindo roupa de malhar e segurando uma *shakeira* para misturar suplementos que potencializam os resultados da atividade física. A legenda da foto afirma que a empresa tem parceria com a musinha *fitness* e é responsável por sua alimentação saudável e pelos *looks* que usa em suas práticas físicas.<sup>35</sup> Em outro dia de trabalho para a mesma marca, a criança é presença VIP no evento Arnold Classic Brasil 2016, chancelado pelo ator e ex-fisiculturista Arnold Schwarzenegger, no Rio de Janeiro. Acompanhada por sua mãe, a musinha é parada por fãs que querem tirar fotos e pedem autógrafos. A viagem de trabalho da criança é também acompanhada pela equipe da TV Record,<sup>36</sup> que combina com os pais uma surpresa para a garota. Ela conhecerá sua inspiração no mudo *fitness*: Juju Panicat, ex-

---

<sup>35</sup> Publicação no Facebook de Anna Clara Mansur. Disponível em <<http://bit.ly/2kj9bJS>>. Acesso em 5 set. 2015.

<sup>36</sup> Fonte: Câmera Record – Crianças Saradas. Disponível em <<http://bit.ly/2kV8Wqu>>. Acesso em 12 jun. 2016.

dançarina do programa Pânico da emissora Rede TV!<sup>37</sup> Assim, como toda pessoa que conhece seu ídolo, na hora do encontro, monitorado por seus pais, Anna Clara chora e afirma, emocionada, que “ela é muito linda” e que quer “ser perfeita que nem Juju”.<sup>38</sup>

Anna Clara Mansur, a “primeira musinha *fitness* da internet”, como se intitula, tem nove anos, mora no estado de Goiás com sua família e, sob a tutela de seu “PAIsonal” – alusão à expressão *personal trainer*, profissão do pai da criança – e do olhar atento da mãe, Mileny Mansur, pratica diariamente exercícios funcionais e de musculação em uma academia de ginástica e compartilha sua rotina nas mídias sociais, em especial no Facebook e Instagram (@musinhafitness). O sonho de ser reconhecida como personalidade de sucesso na internet chegou à casa goiana não por inspiração das artistas mirins da novela infantil, mas pelo desejo de alcançar um corpo esculpido, assim a notoriedade de Anna Clara é articulada a partir de seus atributos corporais e sua rotina *fitness* divulgados nas mídias sociais.

A família constitui um importante ponto de fixação para o desenvolvimento da criança. E isso não é diferente para as crianças que querem ser cantoras ou artistas de televisão nem com relação às que pertencem a famílias *fitness*. Para que essas crianças realizem seus sonhos de visibilidade, as famílias são fundamentais. A mãe da musinha *fitness* da internet, Mileny Mansur, deixou o emprego para acompanhar mais de perto a vida de “estrela” da filha. Ela gerencia os perfis nas mídias sociais depois de a primeira conta de sua filha no Instagram ter sido bloqueada.<sup>39</sup> Atualmente, também é responsável por transmitir e “editar” o dia a dia da filha no Snapchat. Como Mileny, outros pais de crianças “célebres”, abriram mão de suas vidas profissionais para administrar a vida atribulada de quem precisa aparecer. Seus filhos tornaram-se suas carreiras.

Em 2015, Anna Clara ganhou notoriedade quando *sites* e programas de fofocas começaram a questionar se era adequada a rotina de treinamento da criança. Exatamente depois da polêmica e das críticas, o número de seguidores em seu perfil no Instagram, do dia para noite, passou de 998

---

<sup>37</sup> Juliana Salimeni, apelidada Juju Panicat (nome que se apropria do termo em inglês *cat*, remetendo à ideia de Gatas do Pânico), devido a seu trabalho de assistente de palco no programa Pânico na TV. Em 2012, o programa foi encerrado e vendido para a emissora Bandeirantes. Com classificação indicativa de mais de 18 anos, foi alvo de críticas por explorar o corpo de mulheres seminuas, desrespeitar artistas e a própria equipe do programa com “pegadinhas”. O humor duvidoso, com ingredientes como racismo, invasão de privacidade e assédio moral, desencadeou uma série de processos judiciais contra a emissora e os humoristas.

<sup>38</sup> Fonte: Câmera Record – Crianças Saradas. Disponível em <<http://bit.ly/2kV8Wqu>>. Acesso em 12 jun. 2016.

<sup>39</sup> Notícia sobre o bloqueio da conta. Disponível em <<http://bit.ly/29UnfcT>>. Acesso em 3 maio 2016.

para 20 mil. Esse crescimento exponencial no número de seguidores colocou os perfis sociais da menina em evidência – incluindo os olhares “atentos” das grandes empresas digitais, como o Instagram, que identificou a impossibilidade de Anna Clara, em função de sua idade, ter um perfil vinculado a ela. O bloqueio do perfil,<sup>40</sup> entretanto, não evitou que seus pais fossem convidados para o programa Encontros da Fátima Bernardes da TV Globo e para portais de notícia; ao contrário, a polêmica sobre a vida da criança aumentou a sua visibilidade e de sua família. Segundo sua mãe: “no domingo, ela tinha 998 seguidores, quando acordei na segunda pela manhã já estava com 4 mil. Ela vibrou, ficou muito feliz porque nessa idade existe uma disputa por quem tem mais seguidores. Na noite de segunda-feira o perfil alcançou 22 mil seguidores. Ela ficou arrasada quando a conta foi bloqueada”.<sup>41</sup>

Diante das críticas, Mileny Mansur, mãe-empresária, argumentou que todas as publicações feitas pela filha nas mídias sociais eram realizadas sob sua supervisão, bem como a rotina de treino, que era exibida apenas para os colegas. No entanto, o fato de o perfil ser público possibilitava que todos os usuários do Instagram tivessem acesso às postagens. Para a mãe tornou-se uma “questão de honra” continuar e por isso, começou novos perfis para Anna Clara – @musinhafitnessmamae, lembrando, é claro, que tudo na página estaria sendo sempre “administrado pelos pais”.<sup>42</sup> A nova conta do Instagram já tem hoje, aproximadamente, 80 mil seguidores. A “honra” em tornar públicas as banalidades do cotidiano da família Mansur, em especial a vida da musinha, evidenciando a rotina “saudável” da criança, sua participação em eventos e as marcas de produtos que ela divulga, ganhou novas plataformas, como o SnapChat. Essa rotina tão agitada e transparente nas mídias sociais não mudou apenas a vida de Anna Clara, com contratos publicitários e fãs, mas também a de seu pai, que abriu novas turmas de ginástica para crianças, e a da mãe, que deixou o emprego de diretora de escola para “acompanhar a filha de perto”. Esse olhar vigilante dos pais sobre as mídias sociais parece que aos poucos vai-se flexibilizando, e diariamente, no perfil conjunto com sua mãe, Anna Clara publica no Instagram Stories momentos que ultrapassam o dia a dia fitness, mostrando uma tarde em casa com a amiga ou até mesmo transmissões “ao vivo” via o aplicativo,

---

<sup>40</sup> Fonte: Câmera Record – Crianças Saradas. Disponível em <<http://bit.ly/2kV8Wqu>>. Acesso em 12 jun. 2016.

<sup>41</sup> Idem.

<sup>42</sup> Após a conta ter sido bloqueada, em todos os perfis relacionados à Anna Clara Mansur houve a inserção da informação de que eles são administrados pelos pais da criança, como pode ser observado na biografia do Facebook da garota <<http://bit.ly/2kVkhaa>>. Acesso em 20 nov. 2016.

exibindo idas ao *shopping*.<sup>43</sup> E o perfil “annaclaramansur\_” abastecido apenas por Anna Clara também foi criado. Como boa empresária de si, a musinha *fitness* não limitou sua atuação ao Instagram, Facebook e SnapChat, nem suas parcerias empresariais. Em 2016, ela e suas primas abriram um canal no YouTube, chancelado pela marca musinha *fitness*, no qual falam sobre maquiagem, filmes e atividades cotidianas; nele, a rotina de exercícios não é foco, mas ocasionalmente um vídeo de “receitinhas” saudáveis é publicado, adequado ao público, como a receita de um “Danoninho saudável”; afinal, ser *fitness* não é uma “novidade” na vida de Anna Clara – é um estilo de vida, e não uma “invenção de criança” com data determinada para acabar.

De fato, as polêmicas sobre a vida da musinha *fitness* nos fazem pensar qual seria o papel de uma família para o desenvolvimento de suas crianças. Mais ainda: qual seria o sentido que o mundo contemporâneo imprime para aquele “ponto de fixação” que as famílias, principalmente as de classe média, são para os filhos? Qual o sentido da infância que tais experiências produzem? É fato que o conceito de infância, assim como o de família, é histórico. Como pensado por Foucault (1995), o sujeito não é algo “dado”, mas constituído no contexto de práticas históricas e sociais. Segundo estudos sobre família desenvolvidos por Ariès (1986), nas sociedades europeias medievais não havia um sentimento ou concepção de infância. Essa etapa da vida que no Brasil, de acordo com o Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA), é restrita até os 12 anos de idade, era limitada à fase da vida em que a criança não pode satisfazer suas necessidades biológicas.

Ao longo dos séculos XVII e XVIII, sugere Ariès (1986), as crianças eram apenas “pequenos adultos”, fato corroborado, aliás, pela indústria cultural, e movimentos artísticos não referenciavam imagens de crianças. Além disso, elas eram mantidas pouco tempo no seio familiar, e logo que assumiam sua independência física, eram inseridas nos espaços dos adultos; não havia instituição escolar nos moldes que conhecemos, e o aprendizado se fazia no contato com os adultos com que conviviam, sendo difusa a noção do que era “adequado” para a criança. Conforme Ariès (1986, p. 10), “uma série de práticas sociais como jogos, ocupações, trabalhos, profissões e armas, não estava determinada para nenhuma idade”, assumindo, assim, contornos muito diferentes da infância contemporânea na qual a “vigilância eterna”<sup>44</sup> está presente já no momento do nascimento

---

<sup>43</sup> Devido ao fato de as imagens e os vídeos produzidos no Stories e Snapchat só ficarem disponíveis durante 24 horas, não é possível disponibilizar um link de acesso. Esses relatos foram acompanhados diariamente para consolidação do cenário imagético deste trabalho.

<sup>44</sup> A proposta de vigilância eterna objetiva destacar essa homogeneização da atenção a todos os momentos da vida do

e tanto os olhares familiares quanto os “invisíveis” nas mídias sociais regulam práticas e modos de ser “considerados adequados” nessa etapa da vida.

A valorização da criança como membro fundamental da família foi uma construção de sentido moderna. De acordo com Ariès (1986, p.57), no século XVII, predominavam na sociedade europeia o “infanticídio tolerado” e a falta de um sentimento de importância da criança, pois essa fase da vida não era considerada frágil, então a “possibilidade de perda não era uma dor muito grande”. O adjetivo “tolerado” associado à prática do infanticídio visa ressaltar que era proibido e ato digno de punição, mas, assim como ocorre com o aborto na sociedade ocidental contemporânea, existiam diversos espaços clandestinos para praticá-lo. Esse cenário só começa a ser modificado na segunda metade do século XVII, quando também, destaca Ariès, começa a ser desenvolvido um sentimento de valorização da infância, corroborada por mudanças demográficas decorrentes de baixa fertilidade e baixa mortalidade infantil que não poderiam ser explicadas apenas por avanços da medicina e hábitos de higiene. A sociedade e as famílias se reorganizam em torno da infância, e sua importância cresce, pois já não se pode substituí-las sem dor e perdê-las não parece natural para o fluxo biológico da vida. A criança se torna o divertimento, e sua companhia desperta prazer nos familiares; segundo o autor, ela adquire novo espaço dentro e fora da instituição familiar.

Assim, o sentimento da família e da infância desenvolvido nos séculos XVI e XVII engendra novos discursos e práticas sobre os cuidados e os corpos infantis. A partir dessa nova percepção social da infância, admitiu-se que elas não estavam maduras para a vida e que precisavam ser submetidas a um regime especial que as preparasse para o convívio em sociedade e a vida adulta. Diante disso, a educação e a pedagogia infantil progressivamente foram instauradas na sociedade, “a família deixou de ser apenas uma instituição do direito privado para a transmissão dos bens e do nome, e assumiu uma função moral e espiritual, passando a formar os corpos e as almas” (ARIÈS, 1986, p. 195).

No âmbito da família contemporânea, exige-se também que ela não seja mais o lugar de proteção, acolhimento ou privacidade. De fato, o regime de visibilidade – que é alimentado por essas personagens *fitness* e, ao mesmo tempo, o que lhes possibilita a existência – legitima um

---

sujeito contemporâneo, o que, em um regime ao vivo, sem cortes, com pouca ou nenhuma edição, 24 horas por dia, todos os dias da semana, permite observar uma vigilância tão enraizada no cotidiano, que nem se nota; na verdade, almeja-se.

deslocamento significativo no próprio estatuto da família. Como explicitou Ariès (1986, p.189), o conceito de família esteve, desde a Modernidade, vinculado a uma reorganização entre os espaços privado e público: a família moderna “separa-se do mundo e opõe à sociedade, o grupo solitário dos pais e filhos”. O nascimento e o desenvolvimento de um sentimento de família foram constituídos, como mostra Ariès, a partir da ideia de recolhimento, longe da rua, da praça, da vida coletiva, reforçando a intimidade da vida privada em detrimento das relações de vizinhança, de amizade e de justaposições sociais e solidariedades coletivas.

Anna Clara Mansur parece também ser o centro de sua família, ocupando um espaço de considerável valorização; os Mansur, no entanto, em vez de separá-la do mundo dos adultos, permitem que nele ela seja exposta. A garota, aliás, é a base financeira e imagética de todos os membros da família. Assim como nos Luglio, cada membro da família é uma “célula-empresa”; no caso dos Mansur, porém, a criança é a imagem central para as demais atividades dos pais, como no trabalho do pai, *personal trainer*, em que Anna Clara aparece como exemplo de caso de sucesso por praticar atividade física na infância. Seu corpo e notoriedade atestam a qualidade do trabalho de seu pai e servem de estímulo para pais indecisos matriculem seus filhos nas turmas de crianças.

Trata-se de um claro “empresariamento” da infância. Assim, seu público pode acompanhá-la permanentemente pelo Snapchat, em seus “instantes” do cotidiano, mostrando que a criança tem livre acesso ao *smartphone* e à internet – as condições de possibilidade para seu sucesso. Como lembra sua mãe, em uma de suas publicações, “Vício. Não larga”,<sup>45</sup> dando indícios de que a criança é uma *heavy user* de *smartphone* e plataformas de redes sociais. Esse “empresariamento” depende, portanto, da adoção de um ritmo e de uma “liberdade de acesso” que nos fazem lembrar as descrições de Deleuze (1992, p. 4) sobre o sentido ondulatório de um funcionando em órbita, sempre em um feixe contínuo da sociedade de controle.

Toda essa exposição promovida pelos pais e pelas crianças encontra, também, contratempos. Wesley Mansur, em entrevista ao Câmera Record, confessa: “se dissesse que não houve nenhum caso, estaria mentindo”.<sup>46</sup> Apesar de confirmar a existência de ocorrências

---

<sup>45</sup> Vídeo exibido no Snapchat. Pela limitação do tempo de permanência das imagens não é possível disponibilizar a imagem descrita.

<sup>46</sup> Declaração ao Programa Câmera Record – Crianças Saradas. Disponível em <<http://bit.ly/2kV8Wqu>>. Acesso em 20 jun. 2016.

inapropriadas, os pais ressaltam na entrevista que como eles gerenciam os perfis sociais em que a rotina da criança é exibida, tomam “bastante cuidado”, sendo vigilantes na escolha das fotografias, evitando ressaltar “partes do corpo”. Tal preocupação, entretanto, não faz os pais *fitness* desistirem da exibição. O pai de Thaisa Fitness (@thaissafitness) – menina fisiculturista – permite que as mudanças do corpo de criança para adolescente sejam ressaltadas por fotos de “antes e depois” e por diversos vídeos.<sup>47</sup> Em suas três contas do Instagram<sup>48</sup> é possível encontrar comentários ressaltando o “corpo de mulher” e “as linhas maravilhosas” da garota. Em contraposição, diversos comentários alertam o pai para tomar cuidado com a exposição da filha.

Se desde a Modernidade, como abordado por Foucault, as crianças – saindo de um meio de confinamento para outro – eram comparadas aos prisioneiros, hoje elas são também vigiadas pelas “formas ultrapassadas de controle ao ar livre” (DELEUZE, 1992, p. 2). Segundo Foucault (1987), a escola confinou a infância em um regime disciplinar, que atingiu seu ápice de rigidez nos séculos XVIII e XIX, resultando no enclausuramento total do internato. Hoje, porém, já não parece haver muros tão sólidos nem mesmo na escola. Tal como articulado por Sibilia (2012), a crise atual que a escola vivencia está diretamente associada com a incompatibilidade entre os dispositivos disciplinares modernos, que privilegiam a reclusão, e os corpos e subjetividades fluidas dos jovens de hoje. Devido a isso, a autora sugere a dispersão como marca da atualidade, modo de subverter as normas da escola disciplinar e fazer com que o indivíduo sobreviva em rede.

A concepção da escola moderna parece ainda mais uma tecnologia dissonante não apenas por seu direcionamento para o mercado de trabalho que demanda a formação contínua, mas por não desenvolver as habilidades valorizadas nos dias de hoje, já que o atual regime de visibilidade parece ressaltar efeitos distintos do disciplinar, especialmente, por sua transversalidade ao corpo e processo de subjetivação exteriorizado. As crianças não precisam necessariamente só aprender matemática ou ser educadas para disciplinar os pais, elas devem saber lidar com as novas tecnologias de filmagem e plataformas sociais de interação. Nesse processo, parecem tornar-se adultas precocemente, pois desde cedo elas dominam habilidades e espaços tão importantes para

---

<sup>47</sup> Vídeo da apresentação do Mr. Cabo Frio 2016. Disponível em <<http://bit.ly/2g6OaEu>>. Acesso em 13 out. 2016.

<sup>48</sup> Thaissa também teve sua conta bloqueada, mas apesar de todos os esforços de seu pai – Kaka Treinador – junto ao Instagram, a conta da garota permaneceu bloqueada, só sendo reativada quando Thaissa completou 13 anos, em 2016. Para continuar a exibir a rotina de treinos da menina nesse período, o pai usou seu perfil @kakatreinador, e criou um novo @talpai\_talfilha., argumentando para a empresa ser o pai o responsável pelo perfil

se ter “sucesso” na sociedade atual, como “ser eloquente”, “saber” conceder uma entrevista e “lidar” com os fãs. A todo momento as imagens das crianças são transmitidas, seja pelos aplicativos para celulares que permitem o controle da localização pelos pais ou, de forma muito voluntária, transmitindo seus passos “ao vivo” via o Stories do Instagram.

Seja por meio de aplicativos, babás, pessoalmente, proteger e ser responsável pela segurança das crianças é tão importante que cada país tem suas leis e condutas morais relacionadas à obrigação da família com os cuidados da infância. Considerando toda a nossa rede de conhecidos com menos de 12 anos, quantos deles já possuem perfis em mídias sociais? Ou têm suas fotografias expostas na internet por pais ou familiares? O ECA também afirma que pessoas com 18 anos de idade incompletos não podem ser consideradas adultas. Além disso, o artigo 5º do estatuto assegura que “nenhuma criança ou adolescente será objeto de qualquer forma de negligência, discriminação, exploração, violência, crueldade e opressão, punido na forma da lei qualquer atentado, por ação ou omissão, aos seus direitos fundamentais” (BRASIL, 2014, p.12).

De fato, como poderiam optar por ficar sem audiência as crianças que já nascem com fã-clubes *online* ou ainda no primeiro ano de vida já têm seus corpos estampados em estratégias de *marketing*? E aquelas que tiveram seus partos transmitidos “em tempo real” e o nascimento acompanhado por diversos seguidores? Claro, não estamos falando de todas as crianças contemporâneas, mas de um tipo muito específico de infância, relacionado às crianças que possuem acesso digital, mas que, por outro lado, funcionam como “guias”, linhas fortes que afetam também as crianças sem acesso à internet e sem poder econômico para consumir esses bens e serviços ou até mesmo modelar seus corpos.

Todo esse agenciamento do corpo infantil permite notar que as imagens das crianças na internet apresentam uma nova relação entre família e intimidade. Conforme explicitado por Ariès (1986), o conceito de família esteve, desde a Modernidade, vinculado a uma reorganização dos espaços privado e público. Como Ariès (1981) estudou, o caráter histórico do sentimento de família tem profunda relação tanto com a ideia de intimidade quanto com a invenção moderna da infância, conceitos que se transformam novamente hoje. As mudanças que o próprio núcleo familiar atravessa, bem como o lugar que a instituição familiar parece ocupar, desempenham função importante na constituição de uma infância calcada na visibilidade. Segundo o documentário

*Infância a alma do negócio*,<sup>49</sup> apesar das práticas contemporâneas de exposição do espaço privado, já no século XX a forma de criar os filhos era conteúdo midiático relevante, pois a criança já era vista como elo importante das relações de consumo.

De acordo com Ariès e Duby (2006), nos séculos XIX e XX, na França, os muros da vida privada em princípio cercavam o universo doméstico da família e do lar. O que acontecia no universo doméstico pertencia estritamente à vida privada. Os autores afirmam que foi o século da “conquista do espaço”, pois nesse período ocorreu um movimento de individuação, tanto no âmbito de pequenos bens como na organização das casas, fatores que viabilizaram a “realização da vida privada” (ARIÈS, DUBY, 1992, p. 62). As residências burguesas eram amplas e, muitas vezes, possuíam um quarto para cada membro da família. Essas transformações permitiram, segundo Sibilía (2008), a construção de uma subjetividade intodirigida, calcada em momentos solitários de reflexão e escrita de diários íntimos. Regras sociais baseadas nos espaços de convívio da sociedade burguesa foram construídas nesse período histórico, como a sala de visitas ser o espaço público dentro das casas, sendo os quartos reservados à esfera mais íntima, proibida até para membros das famílias de diferentes gêneros.

Parece que tais relações se alteraram bastante, as crianças estão até nos *reality shows*. O programa americano *The Biggest Loser*, ou em tradução literal “O maior perdedor, é um deles e mostra a “vida real” de crianças que precisam perder peso. Junto com 15 adultos, três crianças participaram do programa em “uma jornada para perder peso e mudar suas vidas para sempre”.<sup>50</sup> O *marketing* do produto se apoia na suposta “epidemia da obesidade” e propõe “ajudar as crianças” obesas, encontrando aderência nas famílias para esse projeto de vida. Um grupo de crianças é convidado a se submeter a uma rotina alimentar e de exercícios físicos intensos com o apoio de preparadores físicos e médicos, uma espécie de mentoria, visando emagrecer, pois só adultos competem por dinheiro. Afinal, o programa não quer incentivar as crianças a cuidar de sua saúde estimuladas por prêmios; elas precisam entender que “o que é importante é ser magro”.<sup>51</sup>

---

<sup>49</sup> Disponível em <<http://bit.ly/1swU79b>>. Acesso em: 07 de maio de 2015.

<sup>50</sup> Notícia sobre o novo elenco do programa, incluindo a participação de três crianças. Disponível em <<http://eonli.ne/2lDsy2s>>. Acesso em 22 out. 2016.

<sup>51</sup> Publicação sobre a crianças no programa. Disponível em <<http://bit.ly/2l6WN3N>>. Acesso em 22 out. 2016.

Não é raro que a fama da infância esteja ligada ao corpo “saudável” ou ao corpo que, por meio do esforço individual, precisa ser magro. No caso da paulista Lorena Reginato, 12 anos, não foi o corpo saudável que a levou a conquistar o sonho de ser *youtuber* famosa, tendo até sua história contada no programa Fantástico, da TV Globo. No entanto, foi seu corpo que protagonizou sua história de superação. Após a retirada de um tumor no cérebro e tratamento do câncer, a criança se deu conta de que seu sonho era ter no YouTube um canal de “sucesso”,<sup>52</sup> no qual ela falaria de jogos e de sua vida. Criou, então o canal @carecaTV e em menos de um dia já tinha alcançado um milhão de seguidores. Usar a doença para “se promover”, no entanto, não foi bem visto por alguns usuários, e o canal de Lorena foi hackeado e tirado do ar. Após a comoção de diversos programas televisivos e ação *vloguers*,<sup>53</sup> a criança teve seu canal devolvido, com identidade visual e edição dos vídeos mais profissionais. Antes de completar três meses, já possuía mais de dois milhões de seguidores. O canal sobre jogos foi perdendo a audiência, mas no mês de dezembro, Lorena voltou aos portais de notícias e programas televisivos, por conta de um novo vídeo. “Estou curada. E quis compartilhar com vocês que torceram por mim” comemorou a menina diante das câmeras, olhares onipresentes que vigiam e oprimem os modos de ser e estar das crianças que são exibidos em perfis nas mídias sociais; assim, atualmente, não apenas escola e família são responsáveis pelos cuidados, educação e direcionamentos para essas crianças alcançarem o “sucesso” – há também uma audiência que participa ativamente nessa construção dos padrões considerados adequados para a infância, motivando os fracassos e ovacionando o sucesso. Apesar de todo acesso a essa visibilidade, os termos de condição e de uso das mídias sociais como Instagram e Facebook exigem para ser usuário das plataformas que o gestor da conta tenha, pelo menos, 13 anos e, sendo menor de 18, é necessário comprovar que está usando o serviço com permissão dos pais ou responsáveis.

Para Anna Clara, o corpo e sua aparência são claramente os objetos de seu sucesso. Viver um estilo de vida “saudável”, praticar exercícios físicos e compartilhar sua rotina na internet são condutas alinhadas aos modos de ser de sua família *fitness*. Tal como confirmado por sua mãe, a criança é uma referência no círculo de amigos e até mesmo reconhecida como modelo a ser seguido pelas alunas da “turminha *fit kids*”<sup>54</sup> de seu pai – uma criança de aproximadamente sete anos, suada

---

<sup>52</sup> História apresentada no primeiro vídeo do canal, disponível em <<http://bit.ly/28OcUtu>>. Acesso em 1 jun. 2016.

<sup>53</sup> *Vloguers* são blogueiros que difundem seus conteúdos por meio de vídeos e utilizam essencialmente o YouTube como plataforma.

<sup>54</sup> Fonte: Câmera Record – Crianças Saradas. Disponível em <<http://bit.ly/2kV8Wqu>>. Acesso em 20 jun. 2016.

após a aula, afirma que viu Anna Clara na internet e na televisão; por isso perguntou à mãe se poderia “treinar” também. Ao ser questionada pela repórter sobre o que vira de “tão bonito na musinha *fitness*”, a criança, que já busca se adequar, não titubeia: “magrinha, né?”. Tais imagens se relacionam profundamente com o ser criança contemporâneo e permitem perceber a importância que a imagem do corpo tem assumido nessa fase da vida.

No *reality show* analisado com participação de crianças “gordinhas”, a luta pelo ideal de beleza é ainda mais explícita. O programa reforça a visão neoliberal de que o corpo gorduroso é sinônimo de fracasso. E evidencia em suas entrevistas com as famílias que a responsabilidade pela doença orgânica de seus filhos é de seus estilos de vida. De quem, no entanto, seria a culpa pelas doenças mentais – depressão e síndrome dismórfica corporal – que a pressão por não ter um corpo “adequado” causa nessas crianças?

Como um bom espetáculo, o *reality show* evidencia o castigo sobre o corpo das crianças fora de forma. Os treinamentos são quase militares, a dieta é restritiva, a exposição do sofrimento é diária na frente das câmeras, mas elas são poupadas da aferição pública do peso, e não existe expectativas de ganho monetário, pois como bem ressalta a equipe do programa o objetivo de suas participações não é o dinheiro e sim o corpo magro<sup>55</sup>. A criança que menos emagrecer está fora do programa. E, claro, no discurso, a criança e a família aprendem como se devem alimentar e a importância do exercício. Afinal, todo o sacrifício, as humilhações e o sofrimento a que a criança foi submetida “ensinaram” o estilo de vida correto. As crianças que mais “perdem” viram exemplos e participam de programas televisivos que as tornam celebridades e famosas por sua força de vontade e perseverança para alcançar um corpo mais “saudável”. Tão perverso quanto a fama no número de seguidores, o valor dessas crianças para a sociedade está no peso que deixou o corpo; e agora, pelo fato de seguirem os padrões estéticos da magreza, são dignas de visibilidade.

No âmbito das crianças *fitness*, *youtubers* mirins e participantes de *reality shows*, os valores neoliberais do empresário de si estão instaurados em suas almas; afinal, o indivíduo que é responsável pelo seu sucesso entende que o corpo infantil deve ser autônomo e empreendedor. Legalmente, as crianças não são aptas a cuidar de si; mas, nitidamente já operam na lógica do mercado. A sobrevivência dessas crianças, o ser visível, não é apenas financeira; essa dinâmica

---

<sup>55</sup> Conforme declaração publicada na notícia. Disponível em <<http://bit.ly/2l6WN3N>>. Acesso em 22 out. 2016.

lhes impõe a busca incessante de “aperfeiçoamento” e da melhor performance possível, pois “ser visto” só depende do esforço de cada um.

A realidade dessas crianças naturaliza sacrifícios e privações que talvez não sejam adequados à idade, como dietas restritivas para corpos em desenvolvimento, práticas extenuantes de exercícios que podem lesionar definitivamente o corpo infantil, uma visibilidade sem regulação que pode desencadear doenças psicológicas. Se desde cedo as crianças já são “programadas” a entender que o corpo orgânico e com certa adiposidade é reflexo de fracasso, que tipos de limites esses sujeitos terão na busca desses contornos belos tão valorizados em nossa sociedade?

É difícil responder a essa pergunta com assertividade, mas há evidências, nas imagens contemporâneas elencadas neste trabalho, pois nos permite constatar que estamos diante de uma geração que nasceu dentro de um regime de visibilidade fluido e do “ao vivo”. Tal regime valoriza o que está estampado na superfície do corpo e, assim, talvez revele um indício de falta de limites na submissão às práticas bioascéticas como a técnicas cirúrgicas, medicamentos e toda uma série de práticas que possibilitem alcançar e manter o corpo perfeito. Especialmente, quando se percebe que as práticas envolvem altas doses de esforço, tempo e dinheiro. Apenas quem tem sucesso pode adquiri-las. Além disso, dietas, musculação, cirurgias, suplementação e tratamentos estéticos são constantemente renovados sob a lógica de novos produtos e serviços que visam à conquista de um corpo magro, esculpido e sem marcas. Assim, a constante possibilidade de investimento e novos tratamentos é infinita.

As famílias, que eram responsáveis pelos valores formadores das subjetividades das crianças, estão agora ampliadas pelo acréscimo de audiência e muitas opiniões sobre os comportamentos e corpos das crianças. Não só as crianças, porém, têm seus modos de ser e estar no mundo engendrados nessa vivência digital; seus pais também são os objetos visíveis desse público. Toda essa busca está calcada na transformação do corpo dito “inadequado” mediante altas doses de punição com intuito de atingir os padrões ideais corpóreos tão amplamente disseminados nas telas das redes sociais, nos programas vespertinos de domingo ou na ida ao supermercado. Nessa luta contra a organicidade corporal, o corpo infantil e adolescente não precisa desenvolver nenhuma habilidade ou profissão convencional, como nutricionista, *chef* de cozinha e *personal trainer*. Por estar na faixa etária escolar, esses corpos não têm carteira assinada, mas seus meios de

confinamento não limitados por paredes, estão aprisionados nas telas de nossos dispositivos. Nessas celas contemporâneas, onde o pequeno empresário de si deve exibir suas formas esculpidas e rotinas alimentares exemplares como valor pessoal, seu contributo para sociedade é imagético, corporal e muito bem avaliado nesse mercado das vidas cotidianas.



Imagem 2 – Família dos séculos XVI-XVII; na pintura é possível inferir, além da presença dos pais e crianças, a de uma babá ou avó, permitindo visualizar o conceito de família da época  
Fonte: Obra de Bernardino Licinio.  
Disponível em <<http://bit.ly/2nJrzBh>>.  
Acesso em 06 jan 2016.



Imagem 3 – Família dos séculos XVIII-XIX pousa para pintar na sala de estar, espaço da casa destinado aos membros de “fora” e de convívio social.  
Fonte: Blog It’s About the time. Disponível em <<http://bit.ly/2ovUDsS>>. Acesso em 20 jan 2017.



Imagem 4 – Família do século XX narrada pelo olhar fotográfico.

Fonte: State Library Victoria. Disponível em <<http://bit.ly/2neIbgf>>. Acesso em 06 jan 2017.



Imagem 5 – Família contemporânea – montagem feita a partir das imagens publicadas nos perfis dos Luglio.

Fonte: Instagram @natiluglio e @aleluglio. Disponíveis em <<http://bit.ly/2o89dLc>>; <<http://bit.ly/2ovYVAI>>. Acesso em 12 fev 2017.



Imagem 6 – Família contemporânea; publicada no perfil da mãe musinha *fitness*, da direita para esquerda, Anna Clara Mansur (musinha *fitness*), Juju Salimenei (Ex-Panicat) Mileny Mansur (mãe), Wesley Mansur e Anna Clara Mansur (musinha *fitness*)  
Fonte: Instagram Mileny Mansur Oficial. Disponível em <<http://bit.ly/2nJVURj>>. Acesso em 12 fev 2017.



Imagem 7 – Família contemporânea, os Santos. Da direita para esquerda, Aline Barreto, Kaka Treinador e Thaissa Fitness  
Fonte: Instagram Kaka Treinador. Disponível em <<http://bit.ly/2nsmiM2>>. Acesso em 12 fev 2017.

## CAPÍTULO 2

# BARRIGA CHAPADA NA GRAVIDEZ: IMAGENS DO CORPO GRÁVIDO NA CONTEMPORANEIDADE



Imagem 8 - Gabriela Zugliani – quinto mês de gestação  
Fonte: Instagram - Disponível em < <http://bit.ly/1oFZVID>>.  
Acesso em: 06 jan 2016.

Na mulher tudo é enigma e tudo tem uma só solução: chama-se gravidez. (Nietzsche, *Assim falava Zaratustra*)

A rainha e o círculo íntimo da família são os primeiros a ser informados do nascimento. Como fizeram os outros antecessores da linhagem, o pai deve estar presente no parto. Depois, o cerimonialista real anuncia o nascimento do novo bebê, por meio de uma proclamação assinada pelos médicos, exibida no mesmo cavalete usado para fixar o registro de nascimento do pai da criança, em frente ao Palácio de Buckingham. Desta vez, antes mesmo que a notícia chegue à primeira página dos jornais nacionais e internacionais, o anúncio do nascimento será comunicado pela própria monarquia britânica em suas páginas oficiais do Twitter<sup>56</sup> e Facebook.<sup>57</sup> Cento e três salvas de canhão celebrarão a notícia. A bandeira do país será içada em todos os edifícios oficiais. O ministro do Interior e o secretário privado da rainha informarão as demais autoridades. Após receber alta médica, os pais apresentarão a criança aos súditos. A família seguirá para apresentá-la à rainha e comunicar o nome do bebê.

Longe da família real e dos protocolos oficiais da realeza, outro nascimento é divulgado publicamente nas mídias sociais. Também acompanhadas por fãs, imagens e notícias detalhadas da vivência da futura mãe: tempo das contrações, ida para o hospital, momento do parto compartilhados *online*, aparentemente em “tempo real”. O público assiste a um vídeo que mostra a imagem de uma barriga de gravidez avançada, monitorada por fios e aparelhos. No texto da publicação, os pais informam os “seguidores” de que a mãe estava no hospital, já sentindo contrações. Entre os mais de seis mil comentários recebidos no *post*, alguns exaltam e admiram a tranquilidade da mãe, apesar da demora do trabalho de parto.<sup>58</sup> Outros “seguidores” elencam elogios mais diretos à aparência materna – bonita, “maquiada”, sem “nenhuma estria na barriga”, “bicha destruidora! Não sou bonita assim normalmente, *mta* menos depois de 12 horas de parto! *Kkkk* *jesus* amado”.<sup>59</sup> A curiosidade sobre o nascimento é expressa por alguns seguidores como

---

<sup>56</sup> The British Monarchy: @the\_british\_monarchy.

<sup>57</sup> Página Oficial *The British Monarchy* no Facebook: <<https://www.facebook.com/TheBritishMonarchy>>.

<sup>58</sup> Conversação entre @janainacantanhede e o perfil da @layanakarla. Diálogo @janainacantanhede olha q tranquilidade p quem tava cm dor (...)...Fico pasma cm tanta elegância!! @layanakarla Tô é besta... Quero o meu assim kkk 😊 se fosse outra estava aos berros”. Vídeo e comentários disponíveis no Instagram. Disponível em <<http://bit.ly/1niQVSz>>. Acesso em 10 nov. 2015.

<sup>59</sup> Conversação entre os perfis @carolinakresch; @analuisalins e @rafaelafermn. Disponível em <<http://bit.ly/1PwFH3m>>. Acesso em 10 nov. 2015.

preocupação com a família. No Instagram, a falta de notícias em “tempo real” angustia “seu público”, desencadeando uma série de comentários que “exigem” notícias, fazendo, aliás, com que alguns seguidores “migrem” para o perfil do pai em busca de atualizações. “Notícias???? Estamos todos ansiosos! (...) Se a Vicky já nasceu, seja bem vinda ao mundo princesa; se ainda não nasceu, venha logo princesa, estamos todos te aguardando (...) Gente, estamos preocupados (...) Por favor, nos dêem notícia!”.<sup>60</sup>

É exatamente no perfil paterno que, durante a madrugada, um novo vídeo é publicado, informando que a neném ainda não nasceu e que a mãe, mesmo desejando o parto natural, teria requisitado anestesia, devido às fortes dores das contrações: “são 4h30 da manhã e até agora, nada da Dona Vicky chegar. Estamos aqui esperando. Eu aguentei até onde deu, mas não teve jeito, eu tive que tomar a peridural porque estava com muita dor. Continuem torcendo por nós”.<sup>61</sup> Mais duas publicações antecedem o momento do parto; um vídeo que mostra exercícios pélvicos para incentivar a dilatação; outro em que a mãe, segurando um terço em frente a barriga, reza. Cerca de 10 mil comentários antecedem o nascimento da criança. Muitos deles refletem os sentimentos de uma audiência ansiosa, como se o novo bebê fizesse parte de suas próprias famílias. Dezoito horas de trabalho de parto, 250 mil *likes* e 17 mil comentários na fotografia do primeiro encontro entre mãe e filha proclamam o nascimento da “princesa”.

O primeiro nascimento descrito, do filho primogênito do príncipe William e Kate Middleton, segue, como se sabe, a tradição inglesa e as prescrições do protocolo de apresentação dos herdeiros reais. Não atende apenas às atenções midiáticas destinadas aos nascimentos das celebridades em geral, mas ao nascimento de um novo membro da família real, divulgado também pela própria imprensa oficial do Palácio. Além de receber destaque midiático, o nascimento do bebê dá mais notoriedade às ações da realeza, estreita o relacionamento com os súditos e movimenta um montante importante para a economia. Trata-se, segundo a London School of Marketing, de um evento que gera, aproximadamente, 419 milhões de dólares para a economia britânica, principalmente com a venda de souvenirs.<sup>62</sup>

---

<sup>60</sup> Comentários de @siilvaa\_reeh; @cristianefernandes; @elisouza16 @maguilaovitaflex. Ocorreram no dia 21 de agosto de 2015, no perfil @maguilaovitaflex, disponível em: <<http://bit.ly/1R7IKSn>>. Acesso em 10 nov. 2015.

<sup>61</sup> Vídeo disponível em <<http://bit.ly/1RIdCfW>>. Acesso em 10 nov. 2015.

<sup>62</sup> Matéria veiculada no Jornal Hoje da Rede Globo em 2 maio 2015. Disponível em <<http://glo.bo/1KCh9Wx>>.

O segundo parto tratado, no entanto, não se refere ao nascimento de nenhum membro da realeza ou da elite política, tampouco alguma filiação de atores ou atrizes famosas. Trata-se de um tipo provavelmente diferente de “celebridade”: Izabella Falconi, brasileira, é conhecida nas mídias sociais exatamente por ser alguém como “nós”, mas sobretudo por compartilhar seu cotidiano *fitness* e ter conquistado um corpo considerado “perfeito”. Também conhecida como palestrante motivacional, empresária do segmento de academias e produtos relacionados à “boa forma”, Falconi possui mais de dois milhões de seguidores em sua conta no Instagram. Seu público acompanhou cotidianamente seus “segredos” e conselhos para conquistar uma silhueta magra e esculpida, mesmo nos nove meses de gestação. Além disso, foram também compartilhados os detalhes da decoração do quarto da criança e a compra de seu enxoval, bem como a série de exercícios para cada estágio da gravidez.

Os dois exemplos acima – nascimento do filho do príncipe inglês e da filha da modelo *fitness* – evidenciam certa “vontade de saber” do “público” sobre a intimidade dessas mulheres que têm seus corpos como alvo de análises minuciosa. Pequenas mudanças físicas, alterações na rotina de exercícios, detalhes da dieta alimentar tornam-se, no âmbito dessa audiência, matérias “relevantes”. Como “pessoas da família” os seguidores de Nara Marques, outra blogueira *fitness*, por exemplo, discutiam, diante das imagens publicadas referentes aos cinco meses de gestação, se estaria ela de fato grávida, se nas imagens poderiam ver o crescimento adequado dos seios e “um ovinho na barriga” da modelo.<sup>63</sup> Não raro, portanto, a vida íntima dessas grávidas torna-se também assunto para portais de notícias ou revistas de celebridades, que expõem as transformações dos corpos femininos e incentivam o olhar atento e vigilante do público, confirmando, então, tal “estado da celebridade”. O interesse da audiência e a “demanda” de atualizações de informações acerca da vida privada desses corpos grávidos (suas dores, fracassos, incertezas e alegrias dos meses de gestação) atingem seu auge numa significativa “curiosidade”, em uma forte “vontade de saber” que não esmaece diante do nascimento.

---

<sup>63</sup> Comentários sobre as mudanças físicas foram feitos na publicação de Nara Marques, blogueira *fitness*, em que anuncia a gravidez. Na íntegra - @ciseratti – “Ai, que legal. Que notícia mais fofa! Meus parabéns, @marquesnara. Dão trabalho, mas é uma delícia ter um neném em casa. Muita saúde pra vocês. Felicidade!!! 😊😘 ps.: bem q eu tava notando um ovinho na sua barriga e fiquei pensando, nem tinha visto essa foto aqui ainda! Haha”. Disponível em <<http://bit.ly/1Qgkkdx>>. Acesso em 3 set. 2016.

Trata-se de uma curiosidade coletiva, algo que parece justificar a publicação dos ínfimos detalhes da vida, das menores mudanças do humor, das sensações mais agudas sofridas no trabalho de parto aos processos mais corriqueiros do dia a dia de uma grávida – vivenciados por qualquer um de nós – como o inchaço dos seios, as dores nas costas e as dificuldades da amamentação. O que, no entanto, essa “suposta vontade de saber” acerca das banalidades da vida dessas blogueiras nos possibilita pensar? Por que tanta “vontade de saber” sobre o corpo grávido, o parto e a rotina das famílias? E quais, então, seriam os critérios que definem atualmente este atributo “celebridade”? Estaria ele circunscrito a um grupo privilegiado, a um tema específico? De que maneira essa relação entre “ver e ser visto”, “ser visto e ser” implica novos modos de cuidados de si e cuidados do corpo grávido especificamente?

De fato, talvez haja pouco em comum entre a vida da família real e a da família de Izabella Falconi, além do fato de suas vidas serem acompanhadas com afincos por “estranhos”, por meio das mídias sociais, sendo, nessa perspectiva, ambas imagens de um tipo contemporâneo de “celebridade”. Nesse sentido, a família real não parece ocupar exatamente uma posição inabalável no *ranking* do “verdadeiro símbolo” do que desejamos “ver e saber”. Desejamos “saber” dos detalhes banais da vida alheia (e desejamos muito), independentemente do fato dessa vida estar certificada por um “selo de celebridade” ou por laços físicos de proximidade.

Cabe ressaltar que a expressão “vontade de saber”, utilizada entre aspas, não se refere apenas à curiosidade inerente aos seguidores dos perfis de mídias sociais, mas a uma “vontade generalizada”, desejo coletivo por um certo “saber”, algo que acaba tendo efeitos não apenas nas narrativas da mídia em geral, mas também nos discursos científicos, médicos, econômicos e artísticos, atuando numa espécie de naturalização de certas práticas culturais e criando pressupostos para novas verdades, normas e regras.<sup>64</sup> Utilizada neste trabalho, a expressão objetiva desnaturalizar e problematizar a “curiosidade” acerca da vida alheia, desejo de público cada vez mais estridente, embora amorfo. Assim, com base nas teses de Michel Foucault, trata-se também de relacionar tal “vontade de saber” a uma vontade de verdade; e relacionar ambas as investigações à “forma-sujeito” que se configura numa atualidade. Como pensou Foucault (2014, p. 4), problematizar a vontade de saber significa pensar a vontade de verdade. E pensar

---

<sup>64</sup> Cf. Sanz e Fonsêca (no prelo).

a vontade de verdade não é tão profundamente histórica quanto qualquer outro sistema de exclusão; se, na raiz, não é arbitrária como eles; se não é modificável como eles no decurso da história; se, como eles, não se apoia e, como eles, não é incessantemente reativada por toda uma rede institucional; se não forma um sistema de coerção que se exerce não só sobre os outros discursos mas toda uma série de outras práticas.

Claramente Foucault não se referia aos mesmos discursos que aqui referimos; nem às mesmas instituições. De todo modo, a “vontade de saber” do público por meio da vida privada não é algo que pode ser pensado de modo inteiramente autônomo, já que se relaciona com uma “certa” descrição do sujeito, verdades acerca do corpo, princípios morais, éticos, culturais com relação às noções como corpo, saúde, intimidade, beleza, privacidade etc.<sup>65</sup> Nesse aspecto, a perspectiva foucaultiana nos possibilita pensar o “interesse permanente e generalizado” pela vida alheia como parte de um processo mais amplo, parte de uma “vontade contemporânea de saber” que não está apenas nos discursos do senso comum (nos comentários das redes sociais), mas naturalizada também em outras narrativas, científicas, tecnológicas e morais, igualmente relacionadas às “técnicas polimorfos do poder” (FOUCAULT, 1988, p. 17). Assim, não basta identificar que há, de fato, um desejo “público” de acompanhar o cotidiano da vida privada; há que pensar também como foi possível que isso adquirisse caráter “público”; como foi possível, por outro lado, que as pessoas passassem a desejar o olhar anônimo e, por isso, colocassem na rede, voluntariamente, suas imagens íntimas – de sua gravidez e parto; avaliar por que o banal adquiriu tal relevância e, de que modo, tudo isso interfere, molda, modifica as nossas relações com nosso corpo e com os cuidados de si, sobretudo na gravidez.

## **2.1. Famosas porque são famosas: a “celebridade comum” e a vontade de saber**

Em primeiro lugar, caberia questionar se a “vontade de saber” acerca da intimidade da vida alheia elege temas próprios no contemporâneo. O que poderia ser digno do olhar da audiência atual? Difícil circunscrever temas – em torno dos corpos esculpidos e do momento do parto, outros assuntos são objeto de atenção. As dificuldades no período da gravidez, o processo de amamentação, a rotina pós-parto, ou seja, toda a intimidade das novas famílias (sejam de membros

---

<sup>65</sup> Idem.

da realeza ou não) se torna, cada vez mais, conteúdo “relevante”, capaz de gerar interesse, comentários, discussões na rede social e, às vezes, notícia na imprensa do mundo todo. As abordagens e opiniões se modificam, mas o interesse do público parece se manter.

No caso dos nascimentos da realeza britânica, não parece haver qualquer novidade. Trata-se de um exemplo típico de celebridade de âmbito mundial, símbolo dos personagens tradicionalmente considerados “célebres”, aparições protocolares, etiquetas e normas bastantes previsíveis. A origem etimológica do termo “celebridade” encontra-se na origem latina de referências ao termo “*celebrem*”, que se relaciona com “fama” e “estar aglomerado” (ROJEK, 2008, p.11). Chris Rojek define celebridade como fabricações culturais que impactam a consciência pública e são “geridas” por “intermediários culturais”, “sempre” implicando divisão entre um “eu privado” e um “eu público”. Na perspectiva do autor, “a apresentação pública do eu seria sempre uma atividade encenada, na qual o ator humano mostra uma “fachada” ou “face” aos outros, enquanto mantém reservada uma boa parte do eu” (p. 13). Ainda nos seus termos, o neném da família britânica seria uma celebridade conferida – inserida numa linhagem e numa tradição. Nesse caso, agora de acordo com Eric Hobsbawm e Terence Ranger (1984), a sociedade creditaria seu julgamento num legado cultural, historicamente construído, por nascimento ou casamento. Mesmo que essas “tradições” sejam, como lembram os autores, inventadas, seus membros carregariam uma espécie de direito que lhes conferiria notoriedade e destaque social. Essas “tradições inventadas” são as bases que asseguram o interesse do público e destaque midiático a esses personagens que por sangue ou matrimônio são alvo da atenção de uma audiência.<sup>66</sup>

Já a conexão do termo celebridade com o latim remeteria a “*celere*”, base da palavra “celeridade” – que significa “veloz”. Segundo Chris Rojek, tal concepção de velocidade atribuiria ao conceito de celebridade um sentido de notoriedade temporária e passageira, o que explicaria outro tipo de celebridade, a “celebridade atribuída”. Sem nenhum talento especial, habilidade única, tal celebridade ganharia destaque, apenas, em contextos específicos e sempre fugazes. Na

---

<sup>66</sup> Hobsbawm e Ranger (1984) entendem por tradição inventada “um conjunto de práticas, normalmente reguladas por regras tácitas ou abertamente aceitas; tais práticas, de natureza ritual ou simbólica, visam inculcar certos valores e normas de comportamento através da repetição, o que implica, automaticamente, uma continuidade em relação ao passado. Aliás, sempre que possível, tenta-se estabelecer continuidade com um passado histórico apropriado” (HOBSBAWM, RANGER, 1984, p.10).

emergência de um novo rosto, cada um de nós, assim, deveria aproveitar seu um minuto de fama, breve na origem, possivelmente substituído pelo próximo indivíduo aclamado pelo público.

De fato, não há (como há na casa da duquesa) nenhuma possibilidade de prever se as grávidas *fitness* se manterão como “celebridades” por mais qualquer tempo. Assim, ao lado de Falconi, surgem rostos “novos” diariamente, embora todos “perfis muito semelhantes”, em especial no tipo de conteúdo que abordam e no papel assistencialista que desempenham na forma de se relacionar da sociedade ocidental contemporânea. Na busca ininterrupta da legitimação do olhar do outro, a todo momento, no entanto, surgem outros discursos confessionais nos quais “pessoas comuns” exibem temas diversos da esfera íntima, almejando minutos de “fama”.<sup>67</sup>

Tal aparição (quando aprovada pelo público) vai paulatinamente operando uma distinção: as pessoas tornam-se célebres por ser uma imagem do que o comum deveria ser, do que “todos nós” “deveríamos ser”.<sup>68</sup> A ambiguidade dessa imagem é que as mantém em seu *ranking* – são pessoas que, obviamente, não se distinguem das “pessoas comuns” por nenhum pertencimento real, por nenhum laço sanguíneo ou mesmo por nenhuma profissão, como aquelas que tradicionalmente colocam atores de novela e filmes, por exemplo, em exposição pública permanente. Bella e Nara, assim como outros potenciais *digital influencers*,<sup>69</sup> não possuem origens aristocráticas, não são personagens famosos da indústria da moda ou do entretenimento. Tal enquadramento as poderia definir, portanto, como “pessoas comuns”. No entanto, as grávidas *fitness* também se distinguem da “vida real”: seus corpos grávidos alcançam uma forma esculpida, magra, cheia de tonicidade, limpa (mesmo no pós-parto), adquirindo o atributo e o “valor esperado” de, enfim, uma imagem de idealização contemporânea. Seus fãs são fãs exatamente pelo fato de eles (“pessoas comuns”)

---

<sup>67</sup> O uso da expressão “pessoas comuns”, no âmbito deste trabalho, é apropriado para destacar dois grupos de mulheres: celebridades e anônimas. Afinal, um corpo esculpido e belo no pós-parto é um atributo e “valor esperado” das celebridades contemporâneas. Ele não é alcançado ou possível para pessoas comuns, apesar de ser alvo de desejo. Para destacar essa diferença, é interessante a apropriação da definição de João Freire Filho (2010, p. 70) de que pessoas comuns são aquelas que não pertencem às elites dirigentes, econômicas, intelectuais, não são personalidades do esporte, da moda e do entretenimento.

<sup>68</sup> Cf. Sanz e Fonsêca (no prelo).

<sup>69</sup> Conforme trabalhos anteriores (Fonsêca, 2016; Fonsêca, Sanz, 2016), a apropriação da expressão difundida na internet *digital influencers* tem como intuito fazer referência aos formadores de opinião na internet que são notórios por sua produção de conteúdo e um grande número de seguidores, motivo pelo qual conseguem contratos com marcas para divulgar produtos e serviços, pois acabam por ser considerados “especialistas” por seus seguidores.

não terem conquistado um corpo liso, esculpido e moldado por dietas. Talvez por isso sejam “inspiração” para uma plateia que acompanha suas rotinas diariamente.<sup>70</sup>

Assim, a habilidade dessas grávidas parece estar no modo como tornam seus cuidados de si imagem de vitrine.<sup>71</sup> Se suas gestações são tão “dignas” quanto as da duquesa de se tornar públicas, cabe, entretanto, nuançar um detalhe – tal intimidade exposta se torna relevante enquanto estiver adequada à manutenção de seus abdomens definidos. A silhueta esculpida e o estilo de vida dinâmico na gravidez são técnicas que fazem, no contemporâneo, as mulheres *fitness* “verdadeiras especialistas”. São, portanto, atributos que mantêm suas audiências fiéis e, em decorrência, seus títulos de “celebridades”. Agregados a eles – para usar termo bastante contemporâneo – tais mulheres demonstram habilidade empreendedora, capacidade de ser, como todos deveriam, empresárias de si mesmo (ou de sua boa forma).

A emergência dessas “celebridades” e a relevância de um conteúdo sobre os recônditos da intimidade e das banalidades diárias evidenciam, na realidade, um mercado não menos importante que o da realeza: o mercado de vidas cotidianas, vendidas nas plataformas digitais, que se tornam manuais e referências de práticas, verdades, saberes e discursos sobre o que somos e o que devemos ser. Espécie de guia da vida contemporânea, manual do que devemos almejar e conquistar. Desse modo, o estatuto dessa “celebridade-comum” altera o sentido tanto do termo “celebridade” quanto de pessoa “comum”. Não por acaso, as celebridades tradicionais parecem querer, cada vez mais, adquirir contornos menos “glamourosos” ou até mesmo, mais “comuns”. Kate Middleton, por exemplo, revela – no próprio *site* oficial da realeza e em entrevistas à grande imprensa – comportamentos comuns, compartilhando banalidades e opções cotidianas, como o fato de não ter usado cinta pós-parto ou ainda suas angústias para aprender a cuidar do recém-nascido, a ajuda disponibilizada por sua mãe, a opção por não contratar uma babá nos primeiros dias após o nascimento. São as ações banais que parecem aproximar a duquesa do público e captar uma visibilidade não diretamente associada à linhagem real ou protocolar.

De maneira irônica, o *marketing* criado em torno da duquesa de Cambridge, quando exhibe sua silhueta pós-parto sem cinta, a afasta da imagem das grávidas como Bella, aquelas que, de fato,

---

<sup>70</sup> Ver Sanz e Fonseca, no prelo.

<sup>71</sup> Aprofundaremos adiante as expressões cuidados e práticas de si.

poderiam ser consideradas “pessoas inteiramente comuns”. Nessa perspectiva, os conceitos de celebridade atribuída e conferida ou mesmo de “celebridade” e “pessoa comum” parecem insuficientes para o cenário exposto neste trabalho. No âmbito do regime de visibilidade contemporâneo, tal distinção perde cada vez mais suas limitações, já que não conseguimos também delimitar a divisão entre um “eu privado” e um “eu público”. Sentimos como se o mundo todo pudesse (e quisesse) se expor; como se o mundo todo desejasse ser uma “celebridade global”, tendo (ao menos) alguns “minutos de fama”. Não por acaso, como constata Paula Sibilia (2010a), os adjetivos “famoso” e “famosa” (que tradicionalmente acompanham substantivos como autor, atriz e cantor) assumiram hoje sentido próprio, um significado em si, fazendo as vezes de substantivos: “um grupo de famosos”, “uma famosa”, “um famoso”. Desse modo, Izabella Falconi “pode” compartilhar momentos privados, como o parto, com os “fãs” porque é “famosa”. Na sociedade do espetáculo, como afirma Sibilia (2010a, p.54), “a celebridade se autolegitima. Por que os famosos são famosos? A única resposta possível, para boa parte dos casos, é que os famosos são famosos porque são famosos”.

Tal mercado de vidas cotidianas está profundamente ligado aos atuais processos econômicos e políticos, que configuram simbologias complexas e tecem estilos de vida, vivenciados por todos nós, de uma forma ou de outra, também por meio do consumo de bens materiais e imagéticos. Como afirmam David Marshall e Sean Redmond (2015, p. 214), a “celebridade global” aparece como figura central nos dias de hoje em função da incorporação de valores, práticas e processos neoliberais, podendo ser definida como espécie de *commodity*:<sup>72</sup> alcançam espaços (e tempos) inimagináveis. Os autores afirmam que o conceito envolve a transmissão de posições dominantes, ideologicamente, ocidentais que naturalizam seu modo de vida como a única forma de viver que vale a pena, fetichiza as estruturas democráticas, as relações sociais e os estilos de vida. Por esse suposto achatamento e “homogeneização” cultural, a celebridade global produziria em sua audiência, uma “sensação” de perda de percepção do que é a cultura “natural” – fruto das relações familiares, amigos e até mesmo da cidade de nascimento – e engendraria discursos, modos de ser, “verdades” sobre o corpo como rotinas próprias de seu estilo

---

<sup>72</sup> Normalmente, associa-se *commodity* com produtos de origem agropecuária, extração mineral ou vegetal, produzidos em larga escalada e com características homogêneas. Os autores se apropriam do termo para caracterizar as “celebridades globais” pela questão do alcance – “distribuídas” em todos os lugares – e sem muitas diferenciações em seus atributos e dinamicidade, pois todos os dias rostos diferentes, e ao mesmo tempo semelhantes, ganham espaço no palco que divulga a vida cotidiana.

de vida e de seu modo de ser. Não é de se estranhar, por exemplo, o fato de os comentários nas páginas de Falconi serem redigidos em diversos idiomas, como francês e espanhol, reforçando o sentimento de única comunidade, global e instantânea, que compartilha valores, crenças e, sobretudo, um modo “empreendedor de ser”.

A naturalização de práticas e comportamentos decorrentes da emergência das celebridades globais pode ser percebida por alguns desafios na internet que tornam notórios cuidados e práticas de si sem fronteiras geográficas que incidam nas transformações dos sentidos dos corpos e subjetividades. É o caso da Whole30, um desafio alimentar de um mês que promete um “*reset*” no organismo, abandonando industrializados, grãos e legumes.<sup>73</sup> Criado pela nutricionista esportiva Melissa Hartwig e pelo médico funcional Dallas Hartwig, a proposta da empresa Whole9 ganhou o mundo a partir do livro *Whole30 – 30 dias para mudar*, que ensina a dieta para mudar de vida “comendo de verdade”. A *hashtag whole30* no Instagram indexa mais dois milhões de imagens públicas, com legendas em diversos idiomas, mostrando pessoas que aceitaram o desafio e compartilham com o mundo suas dificuldades, receitas e corpos magros devido ao esforço e disciplina de seguir o programa durante 30 dias.<sup>74</sup> Trata-se de uma espécie de “senso comum sem fronteiras” (MARSHALL; REDMOND, 2015, p.214), imagens e discursos que, dissertando sobre saúde, beleza, enconomia familiar e, enfim, também sobre a gravidez, produzem verdades e saberes. Desse modo, tais manuais da vida contemporânea, muitas vezes condizentes apenas com o cotidiano da vida de pessoas como Bella Falconi, são apropriados pelos “seguidores” e redistribuídos, num alcance praticamente imensurável.

Cabe ressaltar que tal distribuição não é imensurável apenas espacialmente. Efetivam-se também novas temporalidades. É o tempo, no entanto, a estrutura a que as visibilidades precisam se submeter: tempo contínuo e acelerado. A generalização desse tipo de celebridade – transformada numa espécie de tecnologia que todos estão aptos a operar – subordina-se fundamentalmente a um regime temporal. Mais do que alcançar novos públicos e culturas, as celebridades globais precisam estar voluntariamente engajadas em paradoxal temporalidade: “eterna” e instantânea, em dinâmica

---

<sup>73</sup> Site oficial internacional sobre whole30. Disponível em <<http://whole9life.com/>>. Acesso em 15 nov. 2016.

<sup>74</sup> Dados da pesquisa realizada no Instagram. Disponível em <<http://bit.ly/2mpQENZ>>. Acesso em 15 de nov. 2016.

que cruza constantemente visibilidade e vigilância. Em que cada banalidade cotidiana ou momento íntimo deve ser mostrado, regido pela lógica do “tempo real” (SANZ, FONSECA, 2017).

Assumir essa exibição da vida em tempo real já faz parte da rotina de Gabriela Zugliani. Mãe de três filhos, nutricionista, durante todo o período da gestação Gabriela expôs seu corpo esculpido por exercícios físicos intensos e dietas restritivas. Com aproximadamente 350 mil seguidores no Instagram, Zugliani se apresenta como nutricionista ortomolecular e esportiva, com “ênfase” na estética e definição muscular. Sua biografia em seus perfis nas mídias sociais parece uma apresentação profissional e se confunde com o conteúdo pessoal publicado na página, por meio do qual é possível acompanhar o cotidiano de sua família, sua rotina de exercícios e muitas imagens de seu corpo “trabalhado” há 16 anos.

Munida de disposição “sobre-humana”, todos os dias da semana, às 5 horas da manhã, ela deseja bom dia a seus seguidores e os incentiva a ir malhar, utilizando o Stories do Instagram<sup>75</sup> – aplicativo de redes sociais que viabiliza o registro de cada momento do dia com duração de armazenamento, assim como no SnapChat, de 24 horas. Toda a rotina de se arrumar, descer pelo elevador, entrar no carro, explicar a série de exercícios do dia durante o trajeto, postar imagens de alguns momentos na academia e fechar a série de publicações mostrando seu corpo suado ao lado de seu *personal trainer* ocorre enquanto a maioria das pessoas está lutando contra o sono, ativando a “soneca” do despertador. Emblemático dessa temporalidade, também o Snapchat, aplicativo de troca de mensagens, imagens e vídeos, tem-se tornado uma dessas “tecnologias de celebridades”,<sup>76</sup> sobretudo na difusão desse modo de “ser-celebridade” em que exibir a intimidade não é uma extravagância de tipos específicos, mas uma característica dos modos de ser contemporâneo. As vitrines de imagens do Snapchat incentivam a produção audiovisual “ao vivo” de forma constante. De acordo com Sibilia (2003, p. 6):

A dinâmica do capitalismo contemporâneo detém uma ferocidade inusitada, e uma capacidade jamais vista de capturar, copiar e vender “modos de ser” que ficam rapidamente obsoletos e, como tais, após serem consumidos devem ser

---

<sup>75</sup> O conteúdo produzido no Stories é disponibilizado no perfil @gabrielazugliani no Instagram.

<sup>76</sup> A expressão tem por base o entendimento de Foucault (2004, 2015) em que tecnologias são procedimentos inventados, aperfeiçoados, reformulados incessantemente, operando segundo a lógica efeito instrumento para a cristalização do poder que os indivíduos utilizam a fim de entender-se a si mesmos. O autor configura quatro grupos de matriz prática para entender as tecnologias: produção, sistemas de signos, poder e de si (FOUCAULT, 2004, p.323). Assim, o Snapchat, o Instagram e as demais plataformas de redes sociais online podem ser considerados tecnologias de celebridades, pois elas são efeito e instrumento da produção dessas celebridades globais.

descartados e substituídos a toda velocidade por outros, sempre desenhados sob o imperativo do gozo constante, da fruição e do sucesso eminentemente visíveis.

O espetáculo é, nesse sentido, o cotidiano das pessoas que, em busca dos momentos de fama, reconhecimento ou pertencimento, exibem acontecimentos da esfera íntima como as rotinas médicas de uma gestação e uma dieta alimentar, agregando certa teatralidade à vida cotidiana. Não é de se espantar que esse mesmo cotidiano se torne, cada vez mais, o conteúdo veiculado pelas grandes mídias. Conforme destacado nos exemplos de mães *fitness*, a condição para a mercantilização do privado por meio das narrativas autobiográficas está no deslocamento contemporâneo do “estatuto do eu” (SIBILIA, 2008). Segundo a autora, nesses relatos autobiográficos, os sujeitos constroem seus espetáculos para exibir uma intimidade inventada. Esse “eu-narrador” supervaloriza a vida, os acontecimentos diários e as esferas banais da vida privada, pois relatar a própria vida valoriza o sujeito como protagonista, “alguém que vive a própria vida como um verdadeiro personagem” (SIBILIA, 2008, p. 51). Como veremos no próximo capítulo, esse indivíduo, na ânsia de se tornar visível, é encorajado constantemente pelas redes sociais na internet a tornar pública sua vida privada. Como se uma pretensa vontade de saber permanente e generalizada exigisse também exposição ininterrupta. E vice-versa, da audiência estar exaurida com tantas imagens da vida cotidiana alheia, o fato delas existirem e serem veiculadas aumenta ainda mais uma pretensa “vontade de saber”. Eis aí o lugar que essa vontade de saber da vida alheia encontra-se com certo impulso de só ser ao “se exibir”.

Está aí o lugar central que as imagens ocupam hoje. Elas constituem vetores importantes da constituição de nossos modos de ser, de nos relacionar e de nos conhecer (SANZ, 2015). Como pensou Guy Debord (1997), na sociedade do espetáculo, é por meio das produções audiovisuais que o indivíduo é transformado em mercadoria espetacularizada. Assim, entende-se a sociedade do espetáculo como a “sociedade da imagem” em que a realidade e a subjetividade do indivíduo são construídas pela cultura audiovisual e difundida pelos meios de comunicação. Segundo o autor, a partir do momento que a economia dominou a vida social, houve uma degradação do “ser” para o “ter” de toda atividade e dos princípios da sociedade.

As narrativas das grávidas *fitness* são, nessa perspectiva, efeitos-instrumento da sociedade do espetáculo, fruto das interações interpessoais e das mediatizações que o indivíduo estabelece com a sociedade. Por isso, a construção dos sentidos individuais acontece nas associações e

conexões estabelecidas, porque são feitas apropriações das percepções externas que moldam os modos de expressão individual. Nesta sociedade, cujo mundo se apresenta na forma de narrativas imagéticas, o modo de organização da vida social é regido pelo espetáculo, e a imagem permeia a construção de todas as relações sociais. Quem não ganha dinheiro com isso age como se ganhasse. De todo modo, o que importa aqui não é definir características atuais para o conceito “celebridade”, mas perceber que tal conceito faz parte de relações de poder e saber que ultrapassam uma curiosidade banal da audiência, evidenciando o projeto de sociedade que estamos vivendo.

## 2.2. Grávidas saradas: o corpo grávido como alvo de nosso olhar

Uma fotografia de Gabriela Zugliani causou polêmica entre internautas. A imagem fotográfica mostra uma mulher, com roupas de ginástica, em estágio avançado de gravidez. Trata-se de um autorretrato realizado através do espelho de um elevador. Na imagem, entretanto, algo inusitado: a barriga da grávida Gabriela está cheia de “gominhos” de um abdômen “definido”. Respondendo às críticas, Gabriela declara: “não sou um ET, isso é resultado de toda a minha história”.<sup>77</sup> O corpo que desperta estranhamento é alvo de admiração de seus fãs que acompanham as imagens diárias compartilhadas por Gabriela de estilo de roupa. Relatos que em sua maioria estão ornados com roupas utilizadas para “malhar” na academia e que contrastam com a própria transformação - cada vez “menos musculosa” para, então, tornar-se mais “seca com mais qualidade muscular”.<sup>78</sup> Eventualmente, os atendimentos a seus pacientes, nas cidades de São Paulo e Rio de Janeiro, tornam-se também dignos de ser compartilhados com a audiência.

Gabriela, como também as já comentadas Falconi e Marques, torna suas práticas bioascéticas o motivo principal de sua visibilidade, em especial, durante a gravidez. Práticas ascéticas que, diferentemente de outros momentos históricos, como a Antiguidade, não visam a nenhuma transcendência espiritual, evolução da alma ou bem coletivo. Ao contrário, são práticas e técnicas de si que visam sobretudo a um “aperfeiçoamento” físico, a partir de um “eu” individualizado, seguindo – como afirma Ortega (2008) – uma certa moralidade da saúde (*healthism*). Isso significa que, no regime atual de visibilidade o corpo não é personagem coadjuvante. Aliás, o corpo (e um tipo bem próprio de corporeidade) assume protagonismo nos

---

<sup>77</sup> Matéria que reproduz a declaração de Zugliani. Disponível em <<http://glo.bo/2kV6SAI>>. Acesso em: 06 jan 2016.

<sup>78</sup> Publicação de “antes e depois” de Zugliani. Disponível em <<http://bit.ly/2kQtL8X>>. Acesso em 10 jan de 2017.

discursos e nas imagens acerca do sujeito, nos atributos para os bem-sucedidos empresários de si mesmos, bem como na configuração das novas práticas do sujeito, balizadas pelo conceito de “boa forma”. O corpo, portanto, como vimos neste trabalho, no capítulo sobre as famílias, é caminho e alvo, flecha e chegada. O corpo (e não qualquer corpo) que, na atualidade, torna certas mulheres “musas” e “célebres” grávidas; o corpo *fitness* que “agrega”, em torno de Isabela e Marques, tantos seguidores.

“Mas, afinal, essa boa forma é saudável para o bebê?” Quem questiona é a locutora do programa “Grávidas Saradas”, produzido pela TV Record, em 2015.<sup>79</sup> Tão fluido quanto qualquer outro adjetivo, a boa forma ganha, nessas imagens, contornos distantes de outros momentos históricos. Nelas, diversas gestantes – “famosas” ou não – demonstram como administram dietas restritivas e praticam exercícios de “alta intensidade”. Karin Sanches, 36 anos, 26<sup>a</sup> semana de gravidez, fisioterapeuta, uma das personagens do programa, aparece em uma imagem congelada, executando um exercício de suspensão na barra. Enquanto a imagem para, o espectador pode, por meio da barriga, visualizar os contornos do bebê. O “espanto” quanto à alta intensidade dos exercícios praticados no estágio avançado da gravidez e à disposição de Sanches é destacado nos discursos dos demais alunos entrevistados. No entanto, a declaração da avó, mãe de Karin, Hilda Santos, chama a atenção, pois a futura avó afirma que “para mim foi assustador” quando presenciou a filha, grávida, praticando exercícios.

A surpresa foi tão grande, que assistir à filha pulando corda com 24 semanas a deixou “com vontade de virar as costas e ir embora (da academia)”. Apesar de saber que a filha sempre praticou muita atividade física, com seus 62 anos, Hilda não esconde sua insegurança quanto à prática de exercícios na gravidez e confessa que achou “que quando ela (Karin) estivesse grávida ela fosse diminuir; eu sou um pouco ‘das antigas’ achando que é muita coisa, mas eles estão dizendo que pode, e que está provado que pode” e finaliza afirmando: “eu acho uma loucura, mas eles querem assim, acham que está certo, então não é por falta de falar”. E aparentemente a angústia da avó não iria diminuir tão cedo: ao ser questionada sobre o estágio da gravidez em que pensa parar de praticar

---

<sup>79</sup> Programa Grávidas Saradas. Disponível em <<http://bit.ly/2kyO75Y>>. Acesso em 10 de jun de 2016.

exercícios de *crossfit*, Karin é sincera: “eu brinco com todo mundo que a minha bolsa vai estourar aqui no box, eu vou daqui para a maternidade”.<sup>80</sup>

No primeiro trimestre da gestação de Isabella, a revista *Crescer* publicou a notícia “Bella Falconi – Grávida? Nem parece”,<sup>81</sup> reproduzindo a fotografia da modelo na academia de ginástica, em que exibia o abdômen definido sem sinais aparentes da gravidez. Na matéria, aparece a declaração da grávida, publicada anteriormente em seu perfil ao imaginar a filha reclamando da falta de espaço para crescer dentro de sua barriga “chapada”: “A Vicky, numa hora dessas: ‘tá f\*\*\* para me esticar aqui dentro, mamãe’. Será?”.<sup>82</sup> Em uma nova publicação, após o parto, agora em seu Instagram, a empresária publicou um “antes e depois”, destacando, a barriga de um dia antes do parto, comparada com outra imagem três dias após o parto com a filha nos braços. No texto, Falconi destaca “Minha recuperação está sendo incrível”, evidenciando que atribui esse “sucesso” à rotina saudável durante toda a gravidez, ao parto normal e à equipe clínica multidisciplinar que a acompanhou. E motiva as demais mães enfatizando que “Não importa quantos “efeitos colaterais” a gravidez tenha, ser mãe é uma dádiva e passaria por tudo de novo sem pensar duas vezes. Obrigada Deus!”.<sup>83</sup>

Entre o tom às vezes irônico da mãe, os elogios publicados em admiração pela “boa forma” das grávidas *fitness*, os discursos médicos e científicos presentes nas publicações e os questionamentos críticos, parece ir, aos poucos, se assentando uma narrativa generalizada, que acaba por incluir o corpo grávido no âmbito da lipofobia – medo da gordura.<sup>84</sup> Justificam-se, assim, medidas, às vezes drásticas, para a manutenção de uma boa forma durante os nove meses de gravidez e depois deles – como a abdominoplastia, feita junto com o parto cesáreo, que é alvo de especulação e debates em fóruns de gestações. Em um fórum para o qual os pacientes enviam perguntas que serão encaminhadas a um corpo clínico, uma usuária que não quis se identificar questiona: “Tenho 34 anos e estou tentando engravidar do meu terceiro filho, fiz duas *cesarias*, e tenho uma flacidez que me incomoda muito abaixo do umbigo, queria conciliar a *cesária* com a

---

<sup>80</sup> Todas as citações de Karin Sanches e Hilda Santos tiveram como fonte o Grávidas Saradas do Programa Câmera Record. Disponível em <<http://bit.ly/2kyO75Y>>. Acesso em 10 jun. 2016.

<sup>81</sup> Notícia publicada na revista *Crescer*. Disponível em <<http://glo.bo/1eccC24>>. Acesso em 10 jul. 2016.

<sup>82</sup> Publicação feita por Falconi. Disponível em <<http://glo.bo/1eccC24>>. Acesso em: 10 jan 2016

<sup>83</sup> Publicação disponível em <<http://glo.bo/1Pvuimd>>. Acesso em 13 jan. 2017.

<sup>84</sup> De acordo com Sibilía (2000b), p. 201, a lipofobia é um tipo de aversão relacionada ao “fantasma da gordura” em que o sujeito, tendo por base a moral, regula seu corpo e o dos demais controlando as condutas e os aspectos físicos.

*mini-abdominoplastia* isso seria possível?”. Cinco médicos respondem e são categóricos ao afirmar que o risco de infecção e trombose é maior, e o resultado será inferior se comparado ao de uma cirurgia seis meses depois.<sup>85</sup>

Já em fóruns que são espaços para as trocas de experiência entre as gestantes, uma futura mamãe divide seu desejo de realizar a operação estética junto ao parto e questiona “Vcs conhecem alguém que já fez durante a cesariana uma mini abdominal?”. Algumas internautas apesar de não conhecerem alguém que tenha feito, afirmam que consideram “perigoso”. Outras incentivam o procedimento e destacam “Isso aconteceu com uma amiga minha a terceira cesárea dela *tbm* e ela tinha *mta* pele e gordura a *medica* logo após retirar a *bebe* cortou praticamente 2 kg de pele foi tipo uma *mine* abdominoplastia ficou ótimo”. O resultado e o peso perdido instantaneamente se opõem às indicações médicas, evidenciando que imolações ao corpo grávido não são só limitadas à gestação, mas são práticas aceitáveis minutos após o parto.<sup>86</sup>

Ter corpo magro e praticar exercícios físicos, ao longo de diversos séculos, não foram premissas para o corpo das mulheres. Entre os séculos XVII e XIX, a aparição das mulheres no espaço público era restrita, pois não era conduta adequada às mulheres frequentar os espaços públicos; ficavam, assim, confinadas ao espaço doméstico. Por essa ociosidade feminina, um corpo com sobrepeso era então frequente e natural. Gilberto Freyre (2000) refere-se às mulheres da elite brasileira como brancas, gordas, ociosas, envelhecidas precocemente e que apenas em ocasiões importantes saíam de casa. Segundo Maria Odila Dias (1995), na época colonial brasileira, apenas as mulheres pobres e escravas eram vistas perambulando na cidade, isso porque precisavam ganhar seu sustento vendendo quitandas, prestando pequenos serviços a fábricas e lavando roupas.

Durante a gestação, as aparições públicas tornavam-se ainda mais raras. Como, aliás, destacado no documentário *The Royals*<sup>87</sup> pela escritora e jornalista Anne de Courey, na família real britânica, era incomum ver as rainhas e princesas nesse “estado interessante”, especialmente antes da Segunda Guerra Mundial, porque as mulheres saíam pouco de casa. A princesa Diana foi a primeira a romper o espaço privado e exibir seu corpo grávido para o mundo. Maria Del Priore (2000) destaca que em meados do século, ter o corpo gordo não era um problema, era inclusive

---

<sup>85</sup> Perguntas e respostas do fórum Estheticon. Disponível em <<http://bit.ly/2kJs4aX>>. Acesso em 8 out. 2016.

<sup>86</sup> Discussões no fórum Baby Center Brasil. Disponível em <<http://bit.ly/2lsMntd>>. Acesso em 8 out. 2016.

<sup>87</sup> Documentário *The Royals*, episódio 5, os bebês da realeza, disponível no Netflix.

sinal de saúde, valorizado pela arte como se observa na pintura renascentista. O corpo magro era associado à fome e desnutrição das classes mais pobres. A sociedade brasileira valorizava mulheres com corpos arredondados, seios fartos e quadris largos. As práticas ascéticas para garantir esse tipo de corporeidade estavam relacionadas a tomar remédios e preparados caseiros para tornar o corpo feminino mais voluptuoso e aparentar saúde.

Historicamente, pode-se observar a mudança – da valorização do corpo curvilíneo para um corpo magro – associada às questões inerentes ao avanço da economia política e do capitalismo, em que se precisa de corpos ágeis e dóceis (FOUCAULT, 1998). Segundo Tânia Silva (2013), devido às necessidades de mão de obra da indústria e à urbanização do século XX, o espaço público também se tornou adequado para as mulheres e os discursos sociais e médicos começaram a desvalorizar a obesidade. Antes associado à saúde, o corpo obeso vai sendo visto, progressivamente, como menos produtivo, associado à lentidão e pouco apto ao trabalho. Assim, para atender à necessidade crescente de mão de obra, discursos valorizando o trabalho, incorporando a mulher ao mercado reconfiguraram o olhar sobre o corpo obeso. A gordura, o ócio e a lentidão dos corpos foram considerados defeito moral do indivíduo e prejudicial ao desenvolvimento do capital que demandava corpos dóceis e ágeis. Até mesmo o aparecimento da presença de heroínas na literatura romântica produziu um novo tipo de corpo que deveria ser adequado às mulheres, pois ter corpo com curvas e sobrepeso não era condizente com a delicadeza relacionada ao “sexo frágil” (SILVA, 2013, p.43).

Não se pode deixar de perceber que a corporeidade moderna se relaciona com a própria instauração do regime disciplinar e, mais tarde, com o biopoder. Como tratou Michel Foucault (1988), adequado a um projeto moderno de sociedade, o “poder sobre a vida” se estabeleceu primeiramente pela disciplina, centrando-se no corpo como máquina. O indivíduo foi disciplinado, teve suas habilidades potencializadas, suas inquietações silenciadas, visando que a docilidade e utilidade aumentassem, de maneira integrada aos sistemas econômicos para o corpo se tornar mais produtivo. Cabe destacar que os corpos disciplinados deveriam responder às ordens e a tipos de atividades para consolidar a docilidade corporal que configura as ações e as maneiras de refletir, em consonância com as necessidades capitalistas que demandavam força de trabalho: “a disciplina fabrica assim corpos submissos e exercitados, corpos “dóceis” (...) aumenta as forças do corpo (em

termos econômicos de utilidade) e diminui essas mesmas forças (em termos políticos de obediência). Em uma palavra: ela dissocia o poder do corpo” (FOUCAULT, 1988, p. 165).

Não por acaso, nas primeiras décadas do século XX, as mulheres foram incentivadas a praticar esportes, graças a essa visão que desvalorizava os corpos gordos e precisava aumentar as forças produtivas. De lá para cá, porém, muito parece ter mudado. Em primeiro lugar, é possível notar um aprofundamento nesse processo de desvalorização do corpo gordo. No século XXI, o desprezo pela gordura é selado pela Organização Mundial da Saúde (OMS), que define a obesidade como doença crônica.<sup>88</sup> De maneira gradual, vários discursos médicos e midiáticos ajudaram a desvincular o conceito de corpo magro à necessidade do trabalho para tornar-se atributo relacionado ao corpo belo. Essa valorização do corpo magro instaurou um culto ao corpo que deve direcionar todos os seus esforços na busca de um ideal imagético como o das grávidas *fitness*. Sem espaço para falhas e negligências, em todas as etapas da vida o corpo feminino deve estar submetido a rotinas de exercícios e dietas da boa forma, sendo, então, “digno” de visibilidade.

Não se trata apenas, entretanto, de uma progressão, agora elevada em termos exponenciais. Entre os corpos dóceis das grávidas modernas e os corpos sarados das grávidas *fitness* há, no mínimo, um deslocamento. Os corpos dóceis e exercitados da disciplina podem, até, ser tão magros quanto os “sarados”, mas as práticas que os formataram foram outras; as práticas que os formatam hoje são cada vez menos disciplinares, mais dinâmicas, mais fluidas e permanentes; os corpos malhados são cada vez menos dóceis, embora não mais rebeldes. Nessa nova “demanda” social, o corpo grávido, além de magro, precisa ser constantemente dinâmico. Carol Buffara, por exemplo, grávida de 29 semanas de sua primeira filha, além de compartilhar as mudanças de seu corpo – crescimento da barriga e inchaços –, fala também, nas redes sociais, a respeito de uma luta própria e de comportamentos “indisciplinados”. Queixa-se, culpada, da “falta” de energia para ir malhar e lança ao seu público questões sobre as dificuldades físicas que vem enfrentando na gravidez.<sup>89</sup>

O constante desejo de praticar exercícios físicos na gravidez e a culpa, como a de Carol Buffara, de não estar mais tão dinâmica nesse período, assim como a luta para manter, durante a gestação, os regimes de boa forma, se adequam às exigências morais e corporais da sociedade

---

<sup>88</sup> WORLD HEALTH ORGANIZATION. Obesity and overweight. Disponível em <<http://bit.ly/18pCdAN>>. Acesso em 3 jan. 2017.

<sup>89</sup> Publicação disponível em <<http://bit.ly/2168c0n>>. Acesso em 07 jan 2016.

contemporânea – se já houve momentos em que se considerava “aceitável” certa adiposidade, durante a gravidez, esse período se torna mais do que nunca uma fase da vida em que se deve vigiar sua organicidade. Todo esse investimento e bom “gerenciamento” da boa forma na gravidez evidenciam ideias de que na atualidade considerar uma gestação “bem-sucedida” não tem relação apenas com a saúde do bebê e da mãe, mas com um tipo de corpo esculpido que a grávida deve manter, especialmente, na forma de sua barriga, que deve permanecer chapada.

O final da gestação de Gabriela Zugliani – uma das donas de barriga de gravidez “tanquinho” – foi coroado por uma cesariana. Em outubro de 2015, devido à musculatura “extremamente fortalecida tanto do abdômen quanto do útero”,<sup>90</sup> tornou-se inviável qualquer tentativa de parto normal. Segundo conta a seus seguidores, a demora do parto se dera exatamente em decorrência das condições de sua musculatura:

o meu primeiro filho esperei 42 semanas com o objetivo de esperar o parto normal mas como a placenta estava envelhecida, o líquido amniótico estava bem pouco e zero de dilatação, não havia nem como induzir. Ele constatou a rigidez da musculatura quando fui submetida a primeira cesárea. Hoje o parto foi mais demorado que os outros. Entrei no centro cirúrgico às 21h e saí às 23:40h. Só ouvia dos médicos que não havia nada de gordura e que a musculatura estava muito fibrada. O tom deles era que realmente estavam impressionados.<sup>91</sup>

Não há dúvidas de que todos nós somos incentivados a adotar estilos de vida adequadamente saudáveis para evitar o excesso de gordura. No caso das grávidas, a medicina atual recomenda uma boa forma física para concepção de uma criança com saúde e sem problemas de desenvolvimento (LUPTON, 1999). Entre as regulações do corpo grávido contemporâneo estão as atividades físicas, como não poderia deixar de ser, pelo menos desde 2002, quando o American College of Obstetricians and Gynecologists (Acog)<sup>92</sup> reconheceu o exercício físico como prática segura, indicada para todas as gestantes saudáveis. Nascimento et al. (2014) sugerem que o exercício físico regular, da ordem de pelo menos 30 minutos por dia, promove a prevenção de doenças gestacionais como a diabetes. Se os exercícios são necessários e saudáveis para qualquer pessoa, os debates e pesquisas científicos acerca de seu limite na gestação são imprecisos. Se os

---

<sup>90</sup> Publicação logo após o parto, disponível em <<http://bit.ly/1MlpdA2>>. Acesso em: 12 jan 2016.

<sup>91</sup> Publicação logo após o parto, disponível em <<http://bit.ly/1MlpdA2>>. Acesso em: 12 jan 2016.

<sup>92</sup> ACOG Committee Obstetric Practice. ACOG Committee opinion. Number 267, January 2002: exercise during pregnancy and the postpartum period. *Obstet Gynecol.*, 99 (1), p. 171-173, 2002.

resultados da boa forma são incentivados socialmente, às vezes suas práticas ganham ares extremos. Qual seria, então, o “limite saudável” para o exercício físico durante a gravidez?

Com 37 semanas, Zugliani publicou outra imagem polêmica em seu Instagram. A grávida fazia exercícios para tríceps com uma anilha de 20 quilos.<sup>93</sup> Na imagem, seu público pode verificar os músculos aparentes na barriga mesmo no estado de gravidez avançada, mobilizados pela força necessária para a execução do exercício.<sup>94</sup> Assim, se, no nosso regime de visibilidade, “ter sucesso”, “ser feliz” e, sobretudo, ser “um bom gestor de si” implicam necessariamente manter um corpo magro e musculoso, por que os corpos grávidos estariam excluídos? Algumas das grávidas *fitness* levam tal recomendação a graus extremos, o que, pelo menos aparentemente, está estreitamente vinculado ao desejo de manter uma aparência física o “menos grávida possível”.

Não por acaso, a realização dessas atividades tem-se tornado uma problemática médica. Estão sendo atualmente desenvolvidas pesquisas, sistemas médicos e novos mercados que visam administrar excessos: profissionais de saúde capacitados para acompanhar a preparação física de gestantes ou crianças. O imperativo da saúde então parece ter que ser incentivado e, na mesma medida, regulado.<sup>95</sup> Empresas como a californiana Birthfit oferecem pacotes de acompanhamento para a grávida conquistar ou manter a boa forma na gravidez, com métodos apropriados e metas ousadas, mas sem “excessos”. A proposta da empresa possui quatro pilares – o treinamento funcional, a nutrição balanceada, a quiropraxia e o acompanhamento psicológico.<sup>96</sup>

Nas redes, as narrativas científicas sobre gravidez e boa forma se misturam a uma gama tão diversa de argumentos e “informações”, que o público já não sabe muito bem onde começam e terminam os estudos científicos. Não que isso, de fato, importe para o público. De qualquer maneira se trata de suspender tais discursos e, a partir disso, pensar o próprio conceito de saúde e, por fim, os sentidos que os cuidados com o corpo grávido têm adquirido atualmente. Com efeito, as imagens das práticas e dos discursos disseminados por Falconi, Zugliani, Marques e Buffara evidenciam que as atuais formas de sociabilidade e valorização moral estão agora no âmbito de uma

---

<sup>93</sup> Publicação disponível em <<http://bit.ly/1oG0dJv>>. Acesso em 12 jan. 2016.

<sup>94</sup> Publicação disponível em <<http://bit.ly/1oG0dJv>>. Acesso em 12 de jan de 2016.

<sup>95</sup> Szymanski, LM; Satin, AJ. Strenuous exercise during pregnancy: is there a limit? *Am J Obstet Gynecol.*, 207(3), p.179 e 1-6. Zavorsky, GS; Longo, LD. Exercise guidelines in pregnancy: new perspectives. *Sports Med.*, 41(5), p. 345-360, 2011.

<sup>96</sup> Site da empresa Birthfit <<http://www.birthfit.com/>>.

biossociabilidade, como proposto por Rabinow (1999). Segundo esse autor, a moralidade do indivíduo e as formas de sociabilidade dos dias de hoje estão centradas nessa performance corporal, diferente da referente à Modernidade, cujos critérios se centravam na raça, na política, no poder econômico e na afinidade.

Nesse sentido, o regime de práticas promovidas pelas grávidas *fitness*, que supõe exercício de esforços, técnicas, dietas específicas, volta-se para alcançar a imagem de uma suposta “evolução”, agora estritamente carnal – é ela que vai permitir, finalmente (embora fugaz), o alcance do “sucesso”. Não importa que, para evitar marcas e sobrepeso, seja necessário ultrapassar o sofrimento e padecer castigos (em caso de subversão dos regimes alimentares e físicos). Como afirma Falconi em um “antes e depois” da gravidez, “se tornar a melhor versão de si” vale a pena, afinal “ser gordo nos dias de hoje está associado a desleixo”, sinônimo de fracasso e de má gestão de si.<sup>97</sup> Já que um corpo esculpido três dias após o parto não parece o sonho de qualquer mulher, pelo menos para as subjetividades midiáticas da atualidade?

Não é de se admirar que suportar o período após a gestação torna-se um empreendimento no âmbito íntimo e mercadológico. No mapeamento de perfis e *hashtags* nas mídias sociais são mais de 15 milhões de publicações que refletem a busca, por parte de um grupo de mulheres, de um corpo esculpido, magro e sem sinais da gravidez recente. Trata-se de uma padronização dos cuidados de si; desenvolvimento de práticas do sujeito que marcam uma hoegeneização dos modos como o sujeito contemporâneo se constitui.

Pensar nesse cenário das grávidas *fitness* torna explícito o fato de que os cuidados de si, assim como no âmbito das famílias, centram-se no corpo, especialmente na luta contra sua organicidade, mediada por disciplina sem pausas e práticas bioascéticas. Ser uma boa gestora de si, mantendo o corpo esculpido na gravidez, permite observar elementos performáticos e a reafirmação de padrões de beleza, pois todas essas práticas e esses cuidados de si são essenciais para existir no mercado das aparências e ser sinônimo de sucesso. Essa constante busca de um corpo liso, sem marcas ou gordura corporal, são construções de uma visibilidade do corpo articulada em valores menos corpóreos, mais relacionada a um corpo biologicamente improvável tamanha sua definição muscular, corroborando toda uma gama de serviços e produtos que ajudam

---

<sup>97</sup> Publicação disponível em <<http://bit.ly/2kxzmyy>>. Acesso em 10 jan. 2017.

e são essenciais nesse investimento na superfície corpórea. As grávidas saradas nos deixam a pergunta: saradas de quê? Do corpo? (SANZ e FONSECA, no prelo).

Dessa maneira, os discursos sobre obesidade, diabetes, colesterol alto e risco de doenças cardiovasculares permitem entender táticas que objetivam retirar o que há de orgânico no corpo, como controle de hormônios, precisão de taxas, manipulação de riscos, desprogramações, intervenções na fome e no sono, subterfúgios que inibem a vontade de comer e até mesmo a capacidade de engordar, com intuito de assegurar um bom “empresariamento” de si. Longe das pretensões espirituais, as práticas ascéticas atuais ganham novos significados, transformando-se, como avalia Elizabeth Etorre (2009, p. 246), em um “ascetismo reprodutivo”. Decorrente de políticas públicas no combate a problemas de saúde agravados pelo sedentarismo e pela obesidade, a “ascese reprodutiva” não deve apenas regulamentar os tipos de alimentos que comem e bebem as gestantes, deve também assegurar que elas estejam consumindo os suplementos apropriados, evitando qualquer tipo de drogas, posicionando-se da maneira “correta” quando deitadas e deve garantir que estejam sempre bem informadas acerca das tecnologias de desenvolvimento e testes fetais, pois, caso não cumpram esse dever moral, as penalidades do Estado podem incidir em seus corpos.

Os sentidos das imagens relacionadas ao corpo grávido muitas vezes revelam um movimento contra o que poderia ser pensado como a “natureza biológica” do corpo orgânico. Esse desejo de perfeição e imortalidade da imagem do corpo também está evidente no desenvolvimento de tecnologias que desmitificam e dão caráter de “verdade” científica ao momento de gravidez. Por exemplo, as máquinas de ultrassom e mapeamento 3D do feto de forma “quase mágica”, apresentam para os pais a criança que ainda está em desenvolvimento. Segundo Lilian Chazan (2008), o momento da ultrassonografia é altamente aguardado pelos futuros pais, muitos afirmam que não “entendem”, nem “veem nada”, mas o exame e o conhecimento do médico legitimam a veracidade da gravidez, e muitos pais afirmam que foi o filme mais bonito que já viram.

A expectativa do filho que está por vir é atravessada por uma profusão de discursos médicos que “asseguram” a saúde da criança que está para nascer. Assim como diversas práticas de consumo eternizam o período da gravidez e o momento do parto, as transformações do corpo feminino e a beleza de um certo tipo de corpo grávido são “congeladas” e materializadas em esculturas do corpo

grávido em moldes de gesso e ensaios fotográficos que são verdadeiras obras de arte. Além das mídias sociais, ganham espaços de destaques nas casas das mães *fitness*, como a barriga de um dia antes do parto de Falconi que foi materializada em gesso e eternizada pelo trabalho da artista plástica Soco Freire para ser uma escultura no quarto de sua filha.<sup>98</sup> Corpo esse que já era notório antes da gravidez, mas, por continuar “esculpido” na gestação, torna-se mais digno ainda de ser eternizado, além de admirado pelo olhar alheio, e insumo para se tornar obra de arte. Essa crescente visibilidade do interior do corpo está em consonância com esse movimento de construção das subjetividades contemporâneas que são engendradas no exterior, pois o que está na superfície dos corpos e das telas é a “verdade” sobre o indivíduo.

O corpo “perfeito”, alvo de admiração e reconhecido como exemplo de boa forma, parece constituir novo critério de méritos relacionados ao corpo. Assim, na atualidade, um corpo considerado belo e “saudável” confere ao indivíduo *status* de um bom “gestor de si”, de pessoa bem-sucedida e uma inspiração para os demais, o que torna o indivíduo digno de um molde de gesso, de eterna visibilidade e constante vigília de seus hábitos cotidianos. Um “bom” corpo, aliás, confere ao filho recém-nascido de “musas *fitness*” certa visibilidade, a ponto de seu nascimento e infância serem eternizados e acompanhados por um fã-clubes.<sup>99</sup> Essa ideia de méritos fundados pelo corpo está intimamente relacionada com o conceito de biossociabilidade (BEZERRA, 2002, p.4) que esse novo tipo de sociabilidade valoriza e beneficia pessoas eficazes na “autovigilância biológica” e que gerenciem bem seu corpo, podendo ser percebidas como sujeito “responsável, confiável, dotado de vontade e autoestima”.

Como afirma Stéphane Malysse (2002), a mídia banalizou profundamente a ideia de que o corpo é moldável pela força de vontade, independente da classe social ou predisposição genética, como se, no Brasil, se o indivíduo souber cuidar de si, ele alcança o sucesso. As práticas e artifícios utilizados para esculpir esse corpo, no entanto, alteram e, muitas vezes, podem até prejudicar suas próprias funções biológicas. Como o caso das mães *fitness* e celebridades que não conseguem amamentar seus bebês e compartilham suas histórias para ajudar outras mulheres que também passam por isso. Os discursos das que não conseguem amamentar abrangem as frustrações e

---

<sup>98</sup> Publicação de Falconi com a barriga-arte. Disponível em <<http://bit.ly/2koyv1X>>. Acesso em 7 fev. 2017.

<sup>99</sup> A filha de Izabella Falconi, poucos dias após o nascimento, foi presenteada por um fã-clubes no Instagram que produz conteúdo sobre a criança. Disponível em <[https://instagram.com/fco\\_vicky/](https://instagram.com/fco_vicky/)>.

evidenciam as imperfeições dos corpos “perfeitos” que, embora “saudáveis”, exemplos de “boa forma”, assistidos por renomadas equipes médicas, tornaram-se não funcionais no âmbito biológico de “amamentar a cria”.<sup>100</sup> Os motivos expostos são diversos, mas no caso da Izabella Falconi, os especialistas afirmam que as diversas cirurgias nos seios e a inserção de próteses de silicone podem ter prejudicado o processo de lactação.<sup>101</sup>

Aparecem, entretanto, contrapartidas à sociedade, em que um “corpo orgânico” (ou real), apesar de parecer adquirir ares de insucesso, emerge em discursos que visam valorizar a organicidade do corpo como um valor de verdade e “fora dos holofotes”. A neozelandesa Julie Bhosale, por exemplo, exhibe as imagens de sua barriga até 14 semanas após a gestação, num texto intitulado “Meu corpo real pós-parto”.<sup>102</sup> Julie critica a maciça difusão de imagens de mulheres que deram à luz e “entraram em forma”, afirmando que, para a maioria das mulheres, o corpo muda muito, e, além de assustadores, podem ser “decepcionantes” os novos contornos que ele assume pós-parto. Ainda nesse sentido de valorizar um corpo “comum”, o perfil do Instagram @Loveyourlines incentiva que mulheres compartilhem seus corpos com marcas após a gestação, mostrando flacidez, as mudanças de cor na pele e as estrias, consideradas efeitos comuns da gravidez. Por mais que sejam consideradas marcas nesse corpo que deve ser inorgânico ou “efeitos colaterais da gestação”, propor esse debate pode evidenciar uma liberação corpórea nessa fase da vida culturalmente tão vigiada.

Desse modo, assim como algumas mulheres consideram ser escolha sua agir dentro dos discursos de boa forma durante a gestação, outras se consideram livres quando conseguem resistir a esses discursos, pois percebem como aprisionamento o fato de esse corpo, para ser “adequado”, dever ser retalhado, modificado, gerenciado, seja por dias inteiros em jejum ou na academia. A oposição contra esses discursos não é fenômeno novo; a pílula anticoncepcional, por exemplo, foi um marco da liberação do corpo feminino, que poderia, então, vivenciar a sexualidade de outra maneira, tendo os afetos e desejos não cerceados pelo medo de uma gravidez indesejada. As mulheres têm encontrado maneiras de trabalhar contra os “discursos de contenção” ao longo da história, porém as estratégias de liberação hoje parecem cada vez mais difusas e pontuais, fluidas

---

<sup>100</sup> Publicação de Falconi ao compartilhar suas dificuldades em amamentar sua filha recém-nascida. Disponível em <<http://bit.ly/20zN8gy>>. Acesso em 18 nov. 2015.

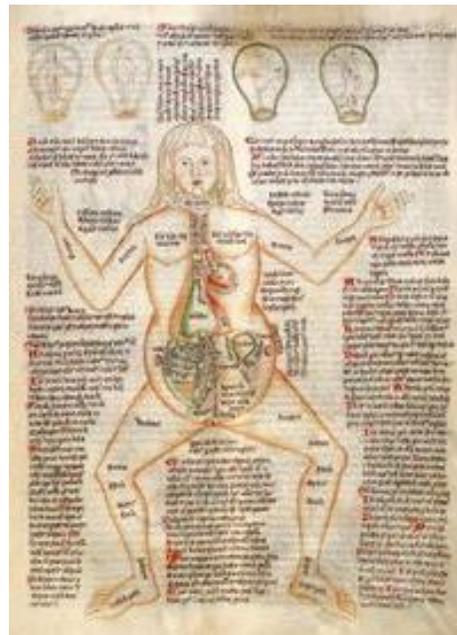
<sup>101</sup> Publicação no Instagram <<http://bit.ly/1NvyFOF>>.

<sup>102</sup> *Link* da publicação do *blog*, disponível em <<http://bit.ly/1bDjRys>>.

e cambiáveis. Podem incluir mulheres grávidas que procuram um aborto ou que vendem seus óvulos. Mulheres que buscam a “produção independente” por meio da doação de bancos de esperma e fertilização *in vitro*. Aquelas que, muitas vezes, os médicos buscam dissuadir de tentar o parto natural após já terem realizado uma cesariana. Todos esses sentidos e discursos relacionados ao corpo grávido e aos cuidados de si na gestação corroboram a percepção de que as grávidas estão sob a mira desse olhar multiforme, científico, moral e cultural.



Imagens 9/10 – Imagens da gestação medieval; pinturas dos séculos XV-XVI representando a Virgem Maria grávida Fonte: Revista *New Scientist* e Blog *The Grace of Iron Clothing*. Disponíveis em <<http://bit.ly/2mNComn>>; <<http://bit.ly/2nswioR>>. Acesso em 06 jan 2017.



Imagens 11/12 – Manuais de medicina sobre gravidez – séculos XVII-XVIII  
Fonte: Martins.(2005) e Blog *Medievalist*. Disponível em <<http://bit.ly/2nJTyRn>>. Acesso em 06 jan 2017.



Imagem 13 – Modelo anatômico em marfim, – século XVII  
 Fonte: Welcome Images. Disponível em <http://bit.ly/2o43zJD>. Acesso em 22 jan 2017.



Imagens 14/15/16 – Corpo grávido retratados nos manuais de medicina dos séculos XVIII-XIX  
 Fonte: U.S. National Library of Medicine e Martins (2005). Disponíveis em <http://bit.ly/2neYYji>; <http://bit.ly/2o46qCo>. Acesso em 12 fev 2017.



Imagem 17 – Spa para grávidas em 1965, espaço para a gestante descansar e se preparar para o parto  
Fonte: Daily Mail. Disponível em <http://dailym.ai/2nTFk10>. Acesso em 22 jan 2017.



Imagens 18/19 – Leila Diniz, atriz brasileira que nos anos 60, expôs seu corpo grávido de biquíni nas praias do rio de janeiro como forma de protesto contra a repressão.  
Fonte: Uol Notícias. Disponível em <http://bit.ly/2oejPFe>. Acesso em 12 fev 2017.



Imagens 20/21 – Grávidas *fitness* praticando exercícios de alta intensidade. Na primeira imagem, Gabriela Zugliani. Na segunda, publicação da empresa Birthfit. Fonte: Instagram @gabrielazugliani e @birthfit. Disponíveis em <<http://bit.ly/2o8luzt>>; <<http://bit.ly/2nxXKmt>> .Acesso em 06 jan 2017.



Imagem 22 – Barriga chapada na gravidez ; modelo americana, Sarah Stage, ganhou as manchetes dos *sites* de “celebridades” por sua barriga esculpida com oito meses de gravidez.

Fonte: Site Gnt. Disponível em <<https://glo.bo/2odY2NM>>. Acesso em 06 jan 2017.

## CAPÍTULO 3

# PARTO TAGARELA: DO SILÊNCIO DO QUARTO ÀS VOLUNTÁRIAS DA VISIBILIDADE



Imagem 23 - Parto de Sarah Schmid; *frame* do vídeo do nascimento  
Fonte: Vídeo do parto de Sarah Schmid. Disponível em  
<<http://bit.ly/2kSNe54>>. Acesso em 28 nov 2016.

Era a hora em que, no frio e miserável quarto. Se acrescentava a dor das mulheres no parto. (Baudelaire, *As flores do mal*)

Desde 2010, as maternidades brasileiras oferecem o serviço de partos televisionados ao vivo via internet. Serviço conhecido em revistas e *sites* especializados em maternidade, como *Baby Brother*, em referência ao *reality show* da Rede Globo Big Brother, o parto *online* é uma opção para os pais compartilharem o nascimento do bebê em tempo real com quem eles quiserem. De acordo com os hospitais que oferecem o serviço, o funcionamento é simples: uma câmera é instalada no centro cirúrgico e controlada de outra sala. A transmissão só pode ser acessada por meio de senhas distribuídas pelos pais. A filmagem não mostra “detalhes impróprios”<sup>103</sup> do corpo da mãe, os destaques são os rostos dos pais, o primeiro choro da criança, e os momentos dignos de serem lembrados do primeiro contato do bebê com o mundo.

No começo da transmissão, antes do parto, é exibida a seguinte mensagem: “Aguarde um momento... Em breve você assistirá a um dos momentos mais emocionantes da vida desta família: o nascimento”<sup>104</sup>, e então o internauta assiste a um vídeo institucional da maternidade. Prima da gestante, Flávia Alberton afirma que “a qualidade (da transmissão) foi boa”, apesar de a tela de exibição ser “bem menor do que a do YouTube. Mas deu para ver a emoção de todos”. A qualidade da imagem é preocupação da produtora, e Paulo Borges ressalta que “estamos melhorando a câmera. E nossa internet, no Brasil, infelizmente é uma porcaria. Então não é cinema”. O empresário destaca que o próximo passo é vender espaço publicitário antes, durante e depois do nascimento. Ele completa que será tudo “bem discreto, até para não agredir”.<sup>105</sup>

De sua casa no Japão, Rosana Oshiro, brasileira, blogueira e doula voluntária, decidiu em 2011, transmitir ao vivo, via web, o parto desassistido do seu quinto bebê. Em seu *blog*, Oshiro compartilhou os momentos, as inseguranças e os desafios da gravidez dos seus cinco filhos. Após duas cesarianas e dois partos em casa, seu desejo com esse “projeto”, era que “todas as mulheres tenham partos dignos e felizes, independentemente de onde elas morem (país), dos seus médicos,

---

<sup>103</sup> Matéria “Parto online – Transmissão do parto via internet é a nova moda em maternidades de todo o Brasil”. Disponível em <<http://bit.ly/2lqe3RE>>. Acesso em 10 ago. 2016.

<sup>104</sup> Matéria “Hospitais lançam serviço de transmissão de imagens via internet da hora do parto”, revista *Crescer*. Disponível em <<http://glo.bo/2gyxNg2>>. Acesso em 10 ago 2016.

<sup>105</sup> Matéria “Parto ao vivo pela internet vira moda nas maternidades”, *Folha de S. Paulo*. Disponível em: <http://bit.ly/2ht0pJd>. Acesso em 10 ago. 2016.

de sua classe social, independentes de suas crenças e tudo mais”.<sup>106</sup> Além de poder ser acompanhado em “tempo real” via *live streaming*,<sup>107</sup> o vídeo do parto foi disponibilizado no canal da mãe no YouTube, com mais de 150 mil visualizações; as imagens mostram toda a trajetória da mãe até o nascimento de sua neném. Por meio de legendas, ela compartilha seus sentimentos, dores, inseguranças, a presença das outras crianças e do marido. O momento do nascimento de Clara está na íntegra, segundo Oshiro, “sem cortes nem edições para que todos vejam como me senti realizada em parir”.<sup>108</sup> Nele, pode-se ver a mãe, mordendo o lençol, deitada de bruços, e escuta-se a voz da doula, que a acalma e orienta. Segundos depois, o bebê nasce, amparado pela doula, e é entregue aos braços da puérpera; a mãe e a recém-nascida (e a audiência) se conectam na primeira amamentação.

Também digno de visibilidade, outro parto constitui o quadro imagético deste capítulo. A imagem de uma mulher que, em trabalho de parto em pé, vestida, segurando-se em uma corda de tecido, dá à luz gêmeos, em um cômodo privado de uma casa.<sup>109</sup> A mãe é assistida por duas mulheres que a auxiliam ao dar à luz e também é acompanhada por uma mulher mais jovem e solteira, a única sem lenço nos cabelos. A seriedade é evidente nos rostos das três mulheres que participam do parto; tal como a parturiente, todas estão vestidas. Não há nenhum homem no quarto, nem é possível inferir a presença do pai ou de familiares do sexo masculino no exterior do quarto. A cena é eternizada por um olhar exterior que não participa do momento do parto nem necessariamente reproduz a experiência da parturiente.

De maneira geral, essa poderia ser a descrição de um parto natural de qualquer época, porém alguns elementos nos permitem perceber certo distanciamento, como a grávida estar vestida durante o parto; a ausência absoluta de homens no local do parto e de dispositivos de gravação de imagem e vídeo pode indicar a dissonância entre esse nascimento e os partos contemporâneos, como o de Oshiro – entre essas imagens, aliás, há séculos de diferença. Se o de Oshiro evidencia o parto que segue uma lógica espetacular, condizente com os regimes de visibilidade e vigilância contemporâneos, a segunda imagem, retrata um parto medieval.

---

<sup>106</sup> OSHIRO, R. (2010). “Por que empoderando?”. Disponível em <<http://bit.ly/1RD0XKN>>. Acesso em 17 dez. 2015.

<sup>107</sup> *Streaming* é uma tecnologia que envia informações multimídia, por meio da transferência de dados, especialmente, pela internet. O *live streaming* permite que o usuário acompanhe uma transmissão ao vivo.

<sup>108</sup> OSHIRO, R. (2010). “O parto na íntegra”. Disponível em <<http://bit.ly/20xeZ0G>>. Acesso em 17 dez. 2015.

<sup>109</sup> Imagem 24, disponível na página 112, ao final deste capítulo.

Especialistas em arte acreditam que a pintura pode ser datada do período 1475-1480, com autoria atribuída a François Maître e intitulada *O nascimento de Esaú e Jacó*,<sup>110</sup> atualmente exposta no Museu Meermanno, na Holanda. A obra eterniza o momento do parto de Rebecca, esposa de Isaac, relatado no primeiro livro da *Bíblia*, *Gênesis*. Esse nascimento é destacado nas narrativas cristãs, pois, a partir de uma oração feita por Isaac, pedindo a Deus descendentes, sua mulher, que estava tendo dificuldades para engravidar, é abençoada com gêmeos, ambos do sexo masculino. O olhar sobre o momento do nascimento, seja por meio de narrativas relevantes para a religião ou transmitido ao vivo, constitui um panorama imagético que nos permite entender os regimes de visibilidade relacionados ao parto.

### 3.1. Segredo da vida: o contexto histórico do silêncio das mulheres

A visão do parto na Idade Média, com base na pintura do nascimento de Esaú e Jacó, é de observador externo e não da parturiente.<sup>111</sup> Nas narrativas bíblicas, o olhar masculino parece ser protagonista em detrimento da experiência e de anseios das mulheres; exemplo disso é o fato de Rebecca ser descrita como “muito bonita e virgem”.<sup>112</sup> Sua gravidez é narrada na *Bíblia* como um milagre de Deus, concedido devido à oração de Isaac “em favor de sua mulher, porque era estéril”. Após esse pedido, “o Senhor respondeu à oração” e Rebecca gerou Esaú e Jacó.<sup>113</sup>

De fato, a gravidez e o nascimento de uma criança são narrações recorrentes nos livros que compõem a *Bíblia*, sendo a dor e as angústias do parto muitas vezes alvo de comparação, entendidas na época entre os piores sofrimentos: se, em *Isaías*, lemos “Como a mulher grávida, ao aproximar-se a hora do parto, se contorce e, nas suas dores, dá gritos,<sup>114</sup> no *Livro do Apocalipse* encontramos “Ela estava grávida e gritava de aflição, pois estava para dar à luz...”. Destaque-se que todos os livros da *Bíblia* foram escritos por homens, apóstolos ou escolhidos por Deus para narrar o velho

---

<sup>110</sup> Em linhas gerais, a história de Esaú e Jacó apresenta rivalidade entre os irmãos, em função da herança do pai, que seria entregue ao primogênito (Esaú), detentor de direitos exclusivos. Enquanto o pai tinha preferência pelo primogênito, a mãe apoiava o mais novo, Jacó, ajudando-o, mesmo, a planejar uma forma de enganar o pai, velho e quase cego, passando-se por Esaú. Essa questão cria inimizade e rivalidade entre os gêmeos, mas a reconciliação e consolidação de reinos prósperos acontece nos versículos 31 e 32 de *Gênesis*.

<sup>111</sup> *O nascimento de Esaú e Jacó*, François Maître, imagem 24 disponível na página 112, ao final desse capítulo.

<sup>112</sup> Passagens bíblicas disponíveis no capítulo 24, versículo 16, de *Gênesis*.

<sup>113</sup> Passagens bíblicas disponíveis no capítulo 25, versículo 21, de *Gênesis*.

<sup>114</sup> *Livro de Isaías*, capítulo 26, versículo 17.

e o novo testamento. A dor do parto explicitada nas passagens dos livros de *Isaías* e *Apocalipse* é, portanto, apenas discursiva, ouvida através das paredes dos espaços de parir.

Assim como o fato de a mulher sentir dor ao dar à luz, sua subserviência ao marido constitui um castigo divino à desobediência de Eva ao cometer o pecado original. No versículo 16 de *Gênesis*, lê-se “Multiplicarei grandemente o teu sofrimento na gravidez; em meio à agonia darás à luz filhos; seguirás desejando influenciar o teu marido, mas ele te dominará!”<sup>115</sup>. A mulher é alvo de desconfiança, e a expulsão do paraíso ocorreu por conta de seus atos. Assim, os sentidos nessas narrativas reforçam a superioridade do olhar masculino na família e na sociedade; a submissão da mulher faz parte de sua condição, e a dor do parto é um “lembrete” da punição.

Na idade medieval, as condutas “esperadas” dos indivíduos tinham como base os discursos bíblicos. Fenômenos biológicos, como o nascimento, e questões relacionadas à moral do corpo para a salvação da alma também eram guiados e controlados pela religião. Segundo Sheila Kitzinger (1978), na baixa Idade Média, o parto era considerado tão arriscado, que a Igreja católica recomendava às grávidas que preparassem a roupa do enterro e que se confessassem antes de dar à luz. Assim, devido às altas taxas de mortalidade infantil e materna, a Igreja considerava importante o trabalho das parteiras, responsáveis, aliás, por batismos em casos de urgência, para que os bebês não morressem pagãos. As mães pagãs, no último suspiro, poderiam também ser batizadas e, assim, ter suas almas salvas.

Como registra Kitzinger (1978), para reagir à crença de que as parteiras eram bruxas, a Igreja passou a emitir e exigir licenças, e elas ainda precisariam jurar que jamais usariam magia quando estivessem conduzindo um nascimento. Ervas, poções, pedras e orações não católicas para aliviar dores femininas ou garantir a vida da criança não eram bem-vindas. Assim, já nesse período, a Igreja se mantinha vigilante quanto às práticas relacionadas ao corpo, cerceando discursos sobre parto e as funções biológicas das mulheres. Não por acaso, falar de intimidades e desejos carnis era considerado pecado, assuntos que deveriam ser confessados ao padre, com intuito de garantir a moralidade do corpo e a salvação divina.

Diante do exposto, o quadro do nascimento de Esaú e Jacó e os sentidos desprendidos das

---

<sup>115</sup> Versículo 16, livro de *Gênesis*: “Disse também à mulher: Multiplicarei os sofrimentos de teu parto; darás à luz com dores, teus desejos te impelirão para o teu marido e tu estarás sob o seu domínio”.

passagens da *Bíblia* permitem compreender a Idade Média como um período histórico narrado e controlado pelo olhar masculino, até com relação a experiências intrínsecas ao corpo feminino, por exemplo, o parto. Em consonância, Jaques Le Goff (1989, p. 22), tendo como base documentos produzidos por homens desse período, já que a sociedade era dominada pelo sexo masculino, afirma que a “voz das mulheres raramente se faz ouvir”. Embora às vezes algumas se destacassem nas camadas mais altas, as mulheres eram consideradas à margem das categorias medievais; juntamente com os artistas e os marginais, elas não tinham lugar na sociedade, não eram reconhecidas por distinções profissionais, sendo definidas por seus corpos e como “esposas, viúvas ou virgens”. De acordo com o autor, devido a recentes contributos advindos da antropologia, foi possível mapear a importância da mulher no seio da família e como personagem central na consolidação de alianças econômicas e políticas da aristocracia feudal, especialmente pelo casamento.

Suas funções eram limitadas ao espaço doméstico, no qual deveria cumprir os “deveres” de esposa, centrados em ser fiel ao marido e a respeitar a autoridade do homem da casa. Dessa forma, as mulheres teriam como “direito” na sociedade medieval o amor pelos filhos, que, na aristocracia, eram entregues a amas ou, nas baixas camadas sociais, nem conseguiam nascer, devido à precária assistência médica e à pobreza. As mulheres deveriam guardar os “segredos da vida” para si, ou sussurrá-los apenas para um pequeno círculo constituído por outras mulheres com quem mantivessem estreitos laços de proximidade. Suas experiências registradas em relatos de autoria feminina não fazem parte dos diários analisados por Le Goff; por isso o historiador ressalta que os documentos que servem de insumos para seu trabalho sobre a sociedade medieval foram produzidos por homens.

Cabe ponderar, no entanto, que, apesar de os relatos de parto terem sido feitos por homens ou por um olhar observador “sem rosto”, o quarto de parir não é propriamente um espaço masculino. A entrada de homens no recinto era, aliás, proibida. Do lado de fora do cômodo, eles ouviam os gritos, gemidos e a agonia das mulheres no momento do parto, que só tinham fim com o choro da criança. O silêncio raramente era sinal de boa notícia. Acompanhado só por mulheres, parteiras ou comadres, pessoas de confiança da família ou de experiência reconhecida, o parto foi, durante séculos, um assunto que não “deveria” ser compartilhado com a comunidade. Tratava-se de um “assunto de mulher”, discutido apenas de forma oral e muito discreta pela mulher em seu

círculo íntimo, normalmente, protegidas em um ambiente privado.

Essas interdições discursivas vão-se deslocando na história. Se o quarto de parir e o nascimento eram domínios femininos, os discursos a respeito deles se tornam cada vez mais masculinos. Em meados do século XIV, os manuais e guias sobre gravidez e partos, produzidos por médicos, provocaram tensão com relação aos conhecimentos “práticos” das parteiras. Publicado em 1513 e reimpresso 14 vezes até 1541, *O jardim das rosas para mulheres grávidas e parteiras*, o *Rosegarden*, com autoria atribuída a Eucharius Rösslin, foi o primeiro manual a tratar especificamente da gravidez, do parto e das atividades inerentes às parteiras (ARONS, 1994).<sup>116</sup> Médico da cidade de Frankfurt, Rösslin foi responsável por guiar exames e licenças de parteiras, registrando em seu livro imagens do momento do parto e das tecnologias obstétricas da época.<sup>117</sup> Tratava-se de disputa progressiva de narrativas, entre parteiras e médicos, evidenciada não apenas no campo das práticas, mas também em relação ao conhecimento oral e escrito.

Obras como *Erros populares*, de Laurent Joubert, visavam demonstrar a superioridade do médico sobre as competidoras com saberes “empíricos”, e permitem perceber como aos poucos os homens começavam a ocupar os espaços físicos do parto. Se a narrativa já era proferida pelos homens, olhar científico da medicina foi enfraquecendo o domínio prático das mulheres sobre a própria fisiologia feminina, série de transformações que iria, aos poucos, diminuir a legitimidade e a relevância das próprias parteiras, assim como o controle corporal da gestante (apud BELL, 1999). Em seu manual, Joubert assim se refere às parteiras: “A arrogância e a presunção de algumas mulheres é tamanha, que elas supõem compreenderem mais sobre as condições próprias de uma mulher (como sufocação no útero, aborto e parto) do que o mais competente médico no mundo” (apud MACHLINE, 2007, p. 68). O médico pondera sua afirmação, justificando que é “razoável” que as parteiras apliquem sua experiência adquirida na prática, mas que elas estão enganadas se acreditam saber mais do que os médicos, em especial, os cirurgiões, e finaliza constatando que a alta mortalidade só corrobora a necessidade de supervisão de médico no parto. De acordo com Monica Green (2009), tais manuais formalizam práticas e condutas da Idade Média, mas por muito

---

<sup>116</sup> De acordo com Vera Machline (2007) atualmente constatou-se que a fonte principal do *Jardim das rosas* foi uma cópia da “tradução realizada por Muscio do século IX” da *Ginecologia*, de Sorano de Éfeso (?-c. 129 d.C.). Acredita-se, aliás, que foi desse manuscrito medieval que Rösslin tomou as ilustrações de bebês dentro do útero para constar de seu guia (capítulos II-IV).

<sup>117</sup> Imagem 25, disponível em 113.

tempo foram as únicas fontes escritas sobre o tema; por isso continuaram a ser referência na sociedade moderna, como é o caso de *O jardim das rosas para mulheres grávidas e parteiras*, de Eucharius Rösslin, que foi reimpresso mais de 20 vezes em diversos idiomas.

A disputa entre o discurso médico e as narrativas orais era também contenda acerca da “verdade” da experiência do parto. A partir do século XVI, são divulgados novos manuais e imagens sobre o momento do nascimento, permitindo perceber que tal disputa havia cedido lugar a uma só voz: os homens, então, tomam posse das narrativas e “verdades” acerca do parto. Isso significou também a entrada de um discurso médico que veio transformando o processo natural em uma série de procedimentos e etapas específicas. William Ray Arney (1982) afirma que o processo de medicalização do parto e a constituição das verdades sociais sobre o corpo grávido só foram possíveis devido ao deslocamento da percepção do parto – de um lugar de prática para científico. Mais importante que manusear os aparelhos cirúrgicos ou formalizar processos em prontuários, a entrada do homem no quarto de parir eleva o parto, tornando-o digno da ciência, considerado o elemento central do projeto obstétrico do século XIX.

Esse deslocamento progressivo da entrada do homem nos recintos do parto e o controle científico da narrativa, ao longo dos séculos XVI e XVII, não transformam apenas seus aparatos técnicos, mas intervêm numa cadeia de valores morais e novas verdades. Torna-se possível mapear outras imagens que evidenciam esses sentidos na construção social, como a xilogravura de Jost Amman em *De Conceptu et Generatione Hominis*, de Jakob Rueff (1554), e retratam a transição do espaço da prática (dominado pelas parteiras) para o espaço científico (protagonizado pelos homens).<sup>118</sup> Nessa imagem vemos um cômodo onde três mulheres auxiliam uma gestante, sentada em uma cadeira obstétrica, ao dar à luz. Nesse mesmo cômodo, observam-se dois homens com vestes burguesas que analisam as estrelas, remetendo aos estudos astrofísicos.

Tanto o caráter histórico do esvaziamento da presença das mulheres nos discursos e espaços de práticas quanto o fortalecimento das narrativas científicas sobre o parto são processos que podem ser observados também na literatura moderna. Como Carol H. Poston (1978) afirma, o momento do parto foi, até a década de 1970, um tópico pouco explorado na literatura, ausente também na autoria feminina. Em conformidade com as imagens apresentadas relacionadas à Idade

---

<sup>118</sup> Imagem 26, disponível na página 113.

Média, a experiência do parto era íntima e cercada apenas por mulheres. A hegemonia dos discursos masculinos acerca desse momento vai manter o nascimento como espaço de confinamento, até das narrativas: os relatos femininos são raros ou mesmo inexistentes, como afirma a autora. Dar à luz envolvia, na modernidade, confinamento, riscos, medos, mistérios e, frequentemente, embates entre a vida e a morte, e essas experiências não se materializaram em relatos públicos, pelo menos não em relatos públicos femininos.

A autora destaca o fato de que, pelo ponto de vista do homem, o nascimento no século XVII ainda preservava certo caráter religioso, ritualístico e de mistério, sendo apresentado na literatura como um momento selvagem, bárbaro e primitivo, devido aos gritos e sangramentos inerentes ao processo. Poston designa esses relatos como tradição “selvagem” do parto. Émile Zola, por exemplo, no livro *La Terre* traça um paralelo entre o parto humano e o das vacas. Para outros escritores, a força da mulher e sua coragem ao dar à luz constituem a tradição heroica na literatura. A dor, a demora no trabalho de parto, os ruídos animais e o sangue, eles ressaltam, revelam a força da mulher na luta contra a vida e a morte que é imposta no ato do nascimento.

Os homens ocupam de forma gradual os quartos de parir, mas não sem conflitos. Até o século XVII, a presença masculina ainda gerava resistências, como informa Kitzinger (1978); até esse período, se a parteira precisasse da presença de um médico em um parto difícil, ele deveria se esgueirar para dentro da sala e se esconder debaixo de um móvel. Aos poucos, no entanto, essa resistência foi-se tornando exceção. Ao longo dos séculos XVII e XVIII, a cirurgia foi incorporada à medicina, e o parto passou a ser estudado nas universidades europeias. Há, nesse sentido, enorme investimento para desenvolver tecnologias de controle médico da reprodução, além de procedimentos específicos para evitar a morte infantil. Na França, a escola de obstetrícia liderada por François Mauriceau introduz o parto horizontal, posição que facilitava as intervenções médicas. Cabe ressaltar que a Igreja e o cristianismo tiveram grande influência nessa transferência do poder das parteiras para os médicos: ao associar o corpo, especialmente o feminino, ao pecado, eles abriram caminho para que o corpo da mulher fosse considerado inerentemente defeituoso e, portanto, sujeito às intervenções “salvadoras” da medicina.

No entanto, devido ao grande número de nascimentos, as parteiras não desapareceram da sociedade moderna; tiveram, porém, suas atividades reguladas e alvo da supervisão do médico,

impactando o lugar de fala das mulheres sobre a experiência do parto. Algo que pode ser visto ainda no século XVIII, quando acontecem eventos como o organizado por Madame du Coudray, responsável por ensinar nas áreas rurais da França técnicas para diminuir a alta taxa de mortalidade decorrentes da carência de médicos.<sup>119</sup> Assim, de qualquer forma, as narrativas sobre o parto nesses períodos revelam a predominância do olhar masculino na produção do saber sobre o nascimento. Não por acaso, na segunda metade do século XVIII, em especial nas famílias burguesas, tornou-se sinônimo de boa condição financeira ter o parto assistido por um médico. Até os pequenos comerciantes procuravam mostrar que podiam proporcionar os melhores cuidados a suas mulheres grávidas, assegurando a presença de médicos no momento do nascimento dos bebês, quando as parteiras seriam apenas “auxiliares” (Kitzinger, 1978).

Como visto, então, gradualmente, na modernidade, o parto vai deixando a esfera do segredo feminino. Médicos, especialistas e pais tornam-se agora espectadores “oculares” do momento do nascimento, sem que nenhuma parede os separe da cena. O corpo feminino e o parto foram, então, considerados objetos da discursividade científica, proferida pelos homens. É possível perceber que o contexto no qual a presença do homem era “proibida” torna-se espaço em que o médico é o responsável pelo conhecimento e escolha dos procedimentos para viabilizar o nascimento, destacando uma nova relação entre o observado e o corpo passível de vigilância e controlado por práticas científicas. Esse processo se consolida no século XVIII, quando grandes cirurgiões obstétricos ganham notoriedade na sociedade europeia ao publicar manuais médicos relacionados ao corpo feminino, desenvolvidos por meio de autópsias em mulheres grávidas e natimortos. No século XIX, imagens em que o homem participava do parto já parecem naturalizadas<sup>120</sup> e não apenas em espaços médicos regulados – pode-se supor a presença dos maridos ou familiares que pudessem ajudar em partos mais difíceis.

---

<sup>119</sup> A francesa Angélique du Coudray foi parteira em meados de 1759 e responsável pela criação de um dispositivo para ensinar sobre o parto. “A máquina”, como ficou conhecido, segundo Greta Depledge e Andrew Mangham (2011), tinha como objetivo formar mais parteiras no interior rural da França para diminuir a taxa de mortalidade e gerenciar os altos índices de nascimento. O modelo tentava ser fiel à realidade orgânica do corpo feminino, usando diversos tecidos, couros, fios e tubos pelos quais fluía uma espécie de líquido para imitar o fluxo sanguíneo dentro e fora do útero, simulando os próprios movimentos do parto. Esses modelos obstétricos replicavam o corpo da mulher em posição ginecológica, da região lombar até o meio da coxa, com todo o aparelho reprodutor e diferenças do corpo na gravidez. Diversas situações eram retratadas nesses modelos, tais como gêmeos, diferentes posicionamentos do feto no útero e deformações. Com esse projeto fica evidente que o conhecimento sobre o corpo feminino já era produzido, mas com *status* de ciência mais baixo por ser desenvolvido em bases empíricas. Imagem 28 disponível na p. 114.

<sup>120</sup> Figura 27, disponível p. 114.

Esse processo de tornar o homem, de modo especial na figura do médico, presente fisicamente no momento do parto demorou séculos. Não apenas mudanças científicas e técnicas foram necessárias para alterar esse paradigma. Uma série de investimentos e políticas foi necessária a fim de criar as condições que possibilitariam o médico assumir a posição de especialista nos nascimentos. No século XVIII e XIX, a ciência dos partos foi definida como um “conjunto de conhecimentos relativos à reprodução da espécie” (MARTINS, 2005, p. 655). Como gerar a vida humana é uma capacidade inerente ao corpo feminino, foi preciso compreendê-lo profundamente. Por isso, buscou-se desmitificar todos os mistérios relacionados ao parto. Ele deveria ser explicado fisiologicamente, mapeando comportamentos observáveis e passíveis de controle, rejeitando qualquer explicação mítica; o que não pudesse ser explicado seria futuramente compreendido graças ao progresso da ciência. Retirar o caráter prático e institucionalizar o saber quanto ao corpo feminino implica torná-lo acessível apenas ao olhar de pessoas com os conhecimentos científicos necessários.

O olhar masculino sobre o corpo grávido torna-o permeável ao exame médico, transformando esse corpo gestante em espaço analisável, mensurável e passível de intervenção. Conforme Foucault (1988, p. 28-29), no século XVIII, os governos entendem que precisam lidar com uma “população”, com seus fenômenos específicos suas variáveis próprias: natalidade, esperança de vida, fecundidade”. Na modernidade, o exame médico, as ações pedagógicas, o controle da família são exemplos das formas de “regulação mais finas e bem calculadas que oscilarão, segundo os objetivos e as urgências, em direção natalista ou antinatalistas”. Configura-se, então, a constituição de forma de saber científico baseada não apenas nas vivências práticas, mas na articulação do olhar, especialmente em partos “complicados”. Tanto a experiência das pacientes quanto suas resistências foram vencidas pelo trabalho de convencimentos dos “doutores”, que se apoiaram na autoridade do tipo de saber científico que se instaura na modernidade.

Nos séculos XIX e XX, o parto, que na Idade Média era privado, íntimo, objeto de segredo feminino e sussurrado, passa a ser vivido de maneira “institucionalizada”, mergulhado nos discursos científicos. É importante ressaltar que não é apenas uma questão discursiva – fala-se mais na modernidade sobre dar à luz. Trata-se do deslocamento do âmbito privado para o institucional,

em especial, para o ambiente hospitalar.<sup>121</sup> No entanto, o fato de as narrativas sobre o nascimento emergirem na modernidade não significa que esse momento da vida tenha sido movido inteiramente para a esfera pública. Seu sentido público está aqui relacionado com sua institucionalização em hospitais, acompanhado por equipes médicas e não mais apenas por familiares ou laços femininos de proximidade.

De todo modo, após esse massivo investimento para inserir o médico na esfera do nascimento, as mulheres das classes mais altas já não aceitavam sentir a dor do parto e não desejavam correr mais riscos. Nesse cenário, em meados do século XX, observa-se a consolidação do processo de medicalização e hospitalização do parto, evidenciando a ruptura da feminilização do parto, tornando-o evento da alçada masculina e essencialmente cirúrgico. Afinal, o nascimento foi redirecionado para o predomínio do parto hospitalar, marcado por cirurgias e técnicas para "facilitar" o parto, tais como a utilização de fórceps e episiotomias.

Cabe ressaltar que a análise desses deslocamentos progressivos relativos ao parto evidencia um poder que investe sobre a vida. Como Foucault (1988, p. 130) avalia, no final do século XIX, sobrepõe-se ao poder disciplinar outro tipo de poder, que se apoia na disciplina, com intuito de controlar o corpo, as subjetividades e as populações. Denominado biopoder, constitui um poder sobre a vida que vai gerar não apenas o indivíduo, mas também a vida das massas. Trata-se do segundo polo que atuava no corpo como suporte dos processos biológicos, no corpo-espécie transpassado pela mecânica do ser vivo. De um modo mais amplo, foi na sexualidade, como estratégia política e social, que se buscou, por meio da saúde pública, o controle do ambiente familiar. Nesse sentido, o médico precisava de abertura para influenciar as famílias. Assim, a valorização da mulher como mãe foi uma estratégia que contribuiu para a entrada e aceitação do médico no ambiente familiar.

Tal configuração coloca a gestação e o parto como lugares estratégicos de ação do poder, pois neles se dá a articulação destes dois polos de ação do poder – indivíduo e massa. Assim, por

---

<sup>121</sup> A hospitalização do parto ocorre devido a uma série de interesses que inclui o *status*, pois ter esse tipo de assistência estava vinculado a uma posição financeira privilegiada. Além disso, as salas de cirurgias foram abertas pelos médicos com intuito de apresentar novos procedimentos, especialmente relacionados com problemas na gestação. Essas apresentações para validar a eficiência do método ocorriam em anfiteatros para estudantes de medicina, jornalistas e homens relacionados à manutenção financeira do hospital. Cf. Knickerbocker Hospital. Disponível em: <<http://bit.ly/1rmuL2F>>. Acesso em 15 jan. 2017.

meio de uma série de intervenções e controles reguladores, segundo Foucault (1988, p. 131) uma “biopolítica da população”, organiza-se o poder sobre a vida, gerindo a proliferação, os nascimentos e a mortalidade, o nível da saúde, a duração da vida; conseqüentemente, práticas e “verdades” sobre o corpo grávido e os nascimentos são constituídas nesse período. Em face desse deslocamento, a sociedade estaria, observa Foucault, diante do biopoder, que se apresenta por meio de duas modalidades: uma delas teria como objeto o corpo individual e por princípio o aumento de sua utilidade-docilidade (disciplinas); a outra teria como objeto a população e por princípio a regulação de seus fenômenos aleatórios (biopolíticas). Em função dessa articulação do poder é possível perceber que entre as imagens do parto medieval, as narrativas científicas modernas e o parto ao vivo de Oshiro estabeleceu-se um processo longo que, como veremos a seguir, deslocou tanto o lugar quanto o sentido das narrativas acerca do parto. Nesses períodos históricos, o corpo feminino tornou-se visível por ser considerado um objeto de estudo fundamental para gerir a vida.

### **3.2. Do silêncio à tagarelice? Entre as conquistas e a submissão da visibilidade**

Como exposto na primeira parte deste capítulo, separados por séculos, a pintura do nascimento de Esaú e Jacó, o parto domiciliar transmitido via *streaming* e o serviço de partos televisionados ao vivo pela internet, oferecido por maternidades, constituem imagens exemplares de períodos históricos diferentes, importantes para compreender os deslocamentos e as continuidades das práticas relacionadas ao nascimento. As imagens contemporâneas tratam agora de um evento cada vez menos privado, de um novo sentido de esfera pública, calcado nas trivialidades do dia a dia e entrelaçado ao funcionamento atual dos regimes de visibilidades.

De acordo com os hospitais que prestam serviços de transmissão de parto, o investimento para ser contratado é de no mínimo 7 mil reais<sup>122</sup> e oferece total “segurança ao cliente”. Caso haja algum imprevisto no parto, a conexão é interrompida e, para não preocupar os parentes, a mensagem exibida é “falha na conexão”.<sup>123</sup> Algumas maternidades dispõem de salas privativas

---

<sup>122</sup> Matéria “Parto ao vivo pela internet vira moda nas maternidades”, *Folha de S. Paulo*. Disponível em: <<http://bit.ly/2ht0pJd>>. Acesso em 10 ago. 2016.

<sup>123</sup> Idem.

para a família e amigos acompanharem o nascimento no próprio hospital. Segundo a revista *Crescer*, esse foi o pacote escolhido por Jussara Dejan Nascimento Tonon, no nascimento de sua primeira filha, que reuniu seus convidados na maternidade Santa Paula, em São Paulo. A mãe, orgulhosa, em entrevista à revista compartilhou sua experiência:

Quando eu estava me recuperando, vários médicos e enfermeiros entraram na sala de cirurgia e me falaram que parecia que uma **celebridade** havia nascido, pois tinha muita gente tirando fotos. A emoção tomou conta do berçário. A emoção é tão grande que, na verdade, nem me lembrei da câmera (CRESCER, 2010; grifo nosso).<sup>124</sup>

Devido ao crescimento da demanda, algumas maternidades montaram salas de cinema e diversos outros serviços que podem deixar essa experiência mais inesquecível, como *buffet* e lembrancinhas. Em uma maternidade carioca, o Cineparto<sup>125</sup> permite à mãe e ao acompanhante ver as reações e interagir com os familiares de dentro da sala de operação. No depoimento de Rodrigo Simas, pai do Joaquim, pai de primeira viagem ressalta que ele “não sabe como não é ter um cineparto” e acha que “fez total diferença” para ele e para esposa. Por serem muito “novos, parece que lidar sozinho dá uma agonia”, por isso, contar com o apoio da família, ainda que através de uma tela, foi importante. Simas declara ter sido “muito bonito [o momento] da oração”. Da sala do parto, ele lembra de olhar para televisão e “ter visto uma roda gigantesca, todo mundo de mão dada, todo mundo orando, a gente sentiu a energia, a presença de Deus, a positividade de todo mundo ali e fez diferença, né? Esse presente veio [referência ao filho, em seu colo] com todo amor e saúde do mundo”.<sup>126</sup>

Apesar da transmissão ao vivo, via internet e da série de serviços oferecida pela maternidade, esses partos tendem a ser limitados à esfera privada, para convidados do círculo íntimo dos pais. Nos relatos analisados nas matérias sobre o assunto, as pessoas que optam por esse serviço acreditam que ele oferece a oportunidade de compartilhar um momento de felicidade com entes queridos, incluídos parentes que estão fora do país. Além de eternizar um momento de grande importância para a família, de forma profissional e sem colocar em risco as vidas da mãe e criança.

---

<sup>124</sup> Matéria “Hospitais lançam serviço de transmissão de imagens via internet da hora do parto”, Revista *Crescer*. Disponível em: <<http://glo.bo/2gyxNg2>> Acesso em 10 ago 2016.

<sup>125</sup> Site do serviço Cineparto. Disponível em <<http://www.cineparto.com.br/>>. Acesso em 6 jan. 2017.

<sup>126</sup> Depoimento de Felipe Simas na maternidade São Francisco, publicado no site do Cineparto. Disponível em <<http://bit.ly/2lidEkn>>. Acesso em 6 jan. 2017.

Fora do âmbito hospitalar e da filmagem profissional, assim como Oshiro, Sarah Schmid, médica alemã, mãe de três filhos, compartilhou seu parto desassistido no Youtube.<sup>127</sup> Em aproximadamente 20 minutos, no vídeo gravado pelo marido e publicado em 2012, a audiência consegue acompanhar todo o parto de Sarah: o período inicial das contrações, em que se encontra vestida; os gritos e a agonia de todo o trabalho de parto, em que vai despindo a roupa diante da câmera; o momento em que ela mesma rompe a bolsa amniótica; o *close* feito quando a cabeça da criança se torna evidente no canal vaginal; e, finalmente, quando em pé, em sua sala de estar, desenrola, sozinha, o cordão umbilical do pescoço da criança e segura seu próprio bebê após um parto considerado bem-sucedido. O vídeo exhibe todo o contexto fisiológico e natural do parto e possui mais de 2,5 milhões de visualizações de pessoas desconhecidas, mas com interesse genuíno no parto ocorrido na casa dos Schmidts. Entre os comentários em diversas línguas, principalmente, alemão e inglês, o público avalia, questiona e discute a técnica do parto desassistido, e compartilha para quem mais quiser ver. Alguns destacam a coragem da mãe, e todos se sentem à vontade para opinar sobre o parto, ressaltando ter sido um momento “bonito e natural” e ainda desejando “que todos pudessem ter uma família como essa”.<sup>128</sup>

E por que o nascimento de uma criança seria notícia? Por que o tempo de contração, o trabalho de parto, a amamentação dessas crianças seriam objeto de exposição e de interesse público? Por que uma curiosidade tão grande acerca daquilo que grande parte das pessoas já vivenciou em sua própria vida? As banalidades e o caráter íntimo são destacados como marcas dessas formas de narrativas autobiográficas da internet, pois experiências como a do parto saem do silenciamento dos discursos feitos por mulheres para uma tagarelice em plataformas digitais.

Os partos ao vivo, transmitidos via internet, disponibilizados no Youtube evidenciam a emergência das vozes das mulheres sobre o momento do parto. De certa maneira, todas essas narrativas – sua divulgação e a livre circulação dessas imagens – representam conquistas que vão além do discurso. Quando Oshiro, Schmid e as mães cujos partos foram transmitidos por serviços contratados pelas maternidades optam por falar sobre seus partos, da forma e nas plataformas que

---

<sup>127</sup> Vídeo do parto de Sarah Schmid. Disponível em <<http://bit.ly/2kSNe54>>. Acesso em 28 nov. 2016.

<sup>128</sup> Comentário feito por Maura L. Disponível em: <<http://bit.ly/2kScBEQ>>. Acesso em 7 dez. 2016.

desejam, é possível demarcar liberações corpóreas, o direito a ser narradoras de suas próprias experiências e uma constante busca de reconquistar o parto em sua totalidade.

Assim como o corpo grávido, a “publicização” da intimidade está associada ao desejo do sujeito contemporâneo de se tornar visível. As mídias sociais e os serviços de transmissão motivam as pessoas a compartilhar as banalidades do cotidiano. Em uma cultura na qual o número de imagens produzidas diariamente sobre o cotidiano é inimaginável, os indivíduos contemporâneos, embora exauridos pela quantidade de informação, continuam demandando mais imagens. Essa lógica mercadológica em que há por parte do público procura de mais detalhes ínfimos do cotidiano, evidenciando uma “vontade de saber”, estimula esses produtores de conteúdo a continuar divulgando suas rotinas. Nesse ciclo, a curiosidade de saber sobre a vida do outro alinha-se com a crescente demanda de só ser ao “se exibir”.

Como já vimos no segundo capítulo desta dissertação, as celebridades *fitness* usam sua imagem como capital e sua base financeira. Com relação à exibição promovida pelas mães que transmitem os partos ao vivo ou propõem partos naturais, poderíamos questionar, no entanto, que sentido teria. Se trataria de mera ação empresarial? Pesquisando em *sites* de busca de vídeos,<sup>129</sup> a expressão “parto natural”, apenas em português, indexa aproximadamente 60 mil resultados. Vídeos das próprias mulheres, de pais, acompanhantes, de médicos, enfermeiros que exibem os ínfimos detalhes do momento do nascimento de uma criança. Há, portanto, uma espécie de tagarelice sobre o parto em que as mulheres narram e exibem suas experiências, em especial, pelas plataformas digitais, fato que nos permite perceber relações de poder e saber que ultrapassam a curiosidade banal de uma audiência, evidenciando um projeto de sociedade que estamos construindo. Como Deleuze (1992) nos estimula a refletir, a que somos incentivados a servir?

Ao transmitir seu parto ao vivo e, assim, o tornando público, Oshiro afirma que buscou modificar uma realidade na qual presenciava, todos os dias, “muitas mulheres sujeitando seus corpos a procedimentos invasivos contra sua vontade”.<sup>130</sup> Tal gesto reforça a ideia de que as transmissões via internet poderiam ter impacto maior que local, até mesmo global. Izabella Falconi

---

<sup>129</sup> A pesquisa indicada foi feita no YouTube. A busca semântica, na mesma plataforma de vídeos, dos termos em inglês “*homebirth*” e “*natural childbirth*” mostrou 88 mil e 69 mil resultados, respectivamente. Todos os termos, pesquisados na plataforma de vídeo, Vimeo retornou aproximadamente 1.000 resultados.

<sup>130</sup> Disponível em: <<http://bit.ly/2lyQIOI>>. Acesso em 19 out. 2017.

exibiu seu cotidiano na gestação e as 18 horas de parto em seus perfis nas mídias sociais; além de registrar cada transformação corpórea e a prática ascética do período, suas imagens, acompanhadas por mais de dois milhões de seguidores, noticiaram detalhadamente sua vivência do parto: desde a ida para o hospital, o tempo das contrações, as dúvidas divididas com o marido, os exercícios na bola, a aplicação da anestesia porque a dor se tornou insuportável, o terço na mão em busca da proteção divina e o pedido de orações a sua audiência, pois o parto normal estava sendo mais difícil do que o esperado. Schmid conta que compartilhou sua experiência para milhões de pessoas desconhecidas porque acredita que o nascimento livre pode apenas acontecer, sem fluxograma programado. Segundo a médica, dar à luz não é perigoso se a parturiente for saudável e tudo estiver bem; por ser médica e ter-se preparado para o momento, Schmid afirma que não sentiu medo.<sup>131</sup>

Os discursos das mães que exibem seus partos destacam que tornar público esse processo tem motivações diferentes, desde apoio à valorização de partos humanizados a compartilhar esse momento inesquecível com a audiência que acompanhou toda a gravidez via mídias sociais. Esses discursos evidenciam que no atual regime de visibilidade um momento da vida só ganha legitimidade após ser divulgado e validado pela interação da audiência – seu certificado de veracidade. As imagens construídas e distribuídas por meio dessas tecnologias das celebridades e pelos meios de comunicação de massa, em especial as relacionadas à vida saudável e à boa forma, engendram uma espécie de verdade a respeito do indivíduo, articulando e gerindo regimes de poder e visibilidades que articulam certos valores acerca do corpo. Validação que os partos usados como exemplo parecem ter conseguido, tanto pela audiência que comenta quanto por ter sido conteúdo relevante para os portais de notícias sobre celebridades. Talvez com menor alcance quanto ao número da audiência, os partos transmitidos ao vivo nas maternidades também são alvo de visibilidade, como deixa supor a afirmação do médico com relação ao bebê de Tonon “parecia que uma celebridade tinha nascido”.<sup>132</sup>

Como podemos perceber na exposição das crianças *fitness* e de momentos tradicionalmente vividos como íntimos, não parece ser um valor dos dias de hoje preservar a imagem das crianças ou de momentos íntimos. Assim, além dessa constante “vontade de saber” do público, os atuais

---

<sup>131</sup> Matéria “Vídeo: mãe faz parto do próprio filho em pé e desenrola sozinha a circular de cordão”. Disponível em <<http://glo.bo/2hjTGUa>>. Acesso em 28 nov. 2016.

<sup>132</sup> Matéria “Hospitais lançam serviço de transmissão de imagens via internet da hora do parto”, revista *Crescer*. Disponível em: <<http://glo.bo/2gyxNg2>> Acesso em 10 ago 2016.

regimes de visibilidade adicionam outros sentidos na constituição do indivíduo, pois valoriza-se o ser visto ou ter uma torcida em momentos marcantes, como observa Simas que, de dentro do centro cirúrgico, “olhava e tinha uma multidão, parecia o Maracanã, todo mundo vibrando, chorando, champanhe”.<sup>133</sup> Em uma sociedade em que o anonimato é sinônimo de derrota, na qual desejamos ser visíveis, o fato de ter seu nascimento legitimado por uma audiência e rituais espetaculares pode ser considerado a primeira vitória do recém-nascido.

Esse cenário de profusão de discursos sobre o parto e conquista das narrativas pelas mulheres permite observar que a construção das subjetividades contemporâneas é balizada pelo regime de visibilidade expresso no sentimento permanente de estar sendo observado; assim como destacado por Debord (1997), para realmente “ser”, é preciso “aparecer”. Nos dias de hoje, observamos que se almeja (muito) “exibir-se”. A exibição do parto e dos corpos na internet permite ressaltar, como proposto por Sibilia (2008), que atualmente as subjetividades não são construídas apenas “dentro” das pessoas, elas estão relacionadas com a cultura. Por meio de uma construção constante, a subjetividade é formada a partir da observação do mundo exterior, pelo olhar da alteridade, e pelas experiências que o sujeito vivencia.

A tagarelice sobre o parto na internet demarcar um deslocamento dos dispositivos de visibilidade modernos que escavavam uma subjetividade interiorizada, a partir do olhar do outro, e instauravam a autovigilância; atualmente, constitui-se uma subjetividade exteriorizada, em que “as esferas de cuidado e controle de si se fazem na exposição pública, no alcance do olhar, escrutínio ou conhecimento do outro. Segundo Bruno (2013, p. 68), o decisivo é compreender essa subjetividade que se modula como exterioridade, no movimento mesmo de se fazer visível ao outro”.

A valorização da esfera íntima é evidenciada na sociedade burguesa dos séculos XVIII e XIX pelo fato de ela ter construído seus espaços privados, como os quartos de dormir, em detrimento da esfera pública. As subjetividades eram construídas entre paredes pela leitura e escrita silenciosa, exemplificadas por diários íntimos e cartas. Na sociedade contemporânea, o indivíduo é instigado a se tornar visível para o mundo, a intimidade é objeto de espetacularização nos meios

---

<sup>133</sup> Depoimento de Felipe Simas na maternidade São Francisco, publicado no *site* do Cineparto. Disponível em <<http://bit.ly/2lidEkn>>. Acesso em 6 jan. 2017.

de comunicação. De acordo com Sibilía (2008), na sociedade do espetáculo há o deslocamento da subjetividade “interiorizada” para uma subjetividade alterdirigida, construída constantemente por meio das telas e faces. Nos dias de hoje em que tudo parece ser exteriorizado na superfície das telas digitais, as imagens e os discursos moldam como devemos ser e aparecer para os outros. Trata-se de um grande palco da vida cotidiana, em que depoimentos como o de Simas evidenciam um deslocamento no modo de ser contemporâneo, no qual os atuais pais de primeira viagem talvez desconheçam o parto tanto como espaço secreto quanto como um momento privado.

Expor a intimidade parece, de fato, ter um valor intrínseco na construção da subjetividade contemporânea, o que não significa necessariamente um desvanecimento total da subjetividade interiorizada, mas a constituição da subjetividade calcada, sobretudo, numa extimidade. Paula Sibilía (2008) propõe uma análise das reconfigurações entre o público-privado. A intimidade virou espetáculo, tornou-se extimidade (SIBILIA, 2008, p.18). A autora compreende que a subjetividade da sociedade burguesa era engendrada por meio de diários íntimos, no ambiente privado. Atualmente, por meio de *reality shows*, mídias sociais, matérias jornalísticas, blogs e canais pessoais em sites de conteúdo audiovisual adotou-se um “diário éxtimo, de acordo com um trocadilho que procura dar conta dos paradoxos desta novidade, que consiste em expor a própria intimidade nas vitrines globais da rede” (Ibidem, p. 13). Dessa forma, a autora ressalta que essa exploração das visibilidades privadas – a interioridade passa por um processo de exteriorização – evidencia novas maneiras de práticas e construção das subjetividades contemporâneas.

Talvez os partos que demarcam o território do visível não choquem como na Idade Média por seus gritos, dores e reações. Ou o próprio conhecimento científico formalizado sobre esse momento da vida “tranquilize” os espectadores. Os partos das grávidas *fitness* parecem gerar mais alarde diante do corpo flácido, dos quilos além do excesso “permitido” para esse estágio da vida, dos fracassos como a anestesia ou da frustração por não conseguir ter o tão sonhado parto normal. Os discursos sobre a vida cotidiana se tornaram um meio pelo qual as esferas mais banais da vida passam a ganhar novos significados e a ser legitimadas por meio de processos interativos e de vigilância de uma audiência. Os partos contemporâneos apresentados como exemplos nesse trabalho não são apenas experiências individuais, eles demarcam o território de lutas e liberações que tem sido o corpo feminino.

Parte do florescimento das narrativas públicas acerca do parto pode ser pensada como sinal do avanço das lutas de gênero, em especial, das lutas das mulheres pela emancipação, direito ao parto e a sua narrativa. Nem tão dócil, nem tão disciplinado o corpo grávido: expor em voz alta as experiências reais da vida, dores e alegrias – experiências antes confinadas ao quarto da família ou do hospital – é, de certo modo, “desafiar a maneira pela qual fomos ensinadas a olhar para nós próprias e para os outros” (DOLAN, 1983, p. 3). Assim, se a ausência desses relatos refletiu, sobretudo na modernidade, uma exclusão da perspectiva feminina nos discursos científicos e na cena literária, hoje, a proliferação das narrativas pessoais acerca do parto poderia ser atribuída, pelo menos parcialmente, às conquistas das mulheres e aos movimentos pelo resgate do “parto natural”.

Cabe indagar, no entanto, se os relatos femininos sobre o nascimento marcam apenas e exclusivamente o início de novas liberações. Todo o gigantesco arquivo de imagens disponível hoje na rede não só acerca do momento do parto, mas também sobre os ínfimos detalhes da vida das mães talvez integre – como fizeram outros eventos – as novas configurações de subjetividade, tipicamente contemporâneas. Segundo Deleuze (1992, p. 2), essas novas narrativas que evidenciam novas configurações dos regimes de visibilidade fazem parte de um novo tipo de controle sobre o corpo, controle que rivaliza “com os mais duros confinamentos”.

Talvez esse processo de exteriorização da intimidade possa ser pensado como uma liberação da construção da subjetividade introdirigida, que, por exigir uma profunda reflexão nos recônditos do nosso ser, demandaria investimento maior do que o necessário para conquistar um corpo esculpido. Ou perceberemos apenas um deslocamento talvez mais perverso, pois a “verdade” sobre o sujeito está na superfície dos corpos exposta aos olhos de todos. Essas subjetividades exteriorizadas tendem a deixar espaços vazios interiores. Vazios que só parecem completos nesse eterno avesso complementar de que o indivíduo só “existe” pelo olhar do outro.

Cabe ressaltar que ao mesmo tempo que essa exposição de momentos vividos como privados evidencia liberações, esse fenômeno não pode ser visto apenas dessa forma. Tornar público o parto para uma audiência “sem rosto” ou para seus familiares demarca processos de sujeição, adequação e apropriação de sentidos. O desejo de visibilidade pode supor uma adequação dos partos às técnicas validadas pela experiência do outro, como parto domiciliar ou desassistido, assim como engendra sentidos nos tipos de corpo que são considerados “adequados” – grávidas

com barrigas definidas, dietas restritivas e rotinas de exercícios que visam o corpo reconhecido como próprio para a gestação.

### **3.3. Os regimes de vigilância sobre o corpo e o parto**

A visibilidade dessas mulheres e famílias que optam por serviços de transmissão do parto ao vivo, se voluntariando à luz permanente do olhar do outro (como os dos demais sujeitos deste nosso tempo) converte-se em matéria de vigilância “eterna”.<sup>134</sup> A espetacularização desses dois momentos outrora vividos como privados relaciona-se, assim, não apenas com essa vontade de saber e de “se exibir”, mas com uma distribuição de vigilâncias que ocupa todos os espaços e se estabelece continuamente.

A divulgação voluntária das banalidades, das rotinas, dos corpos e partos de grávidas como Falconi, Oshiro, Schmid e Tonon parece evidenciar uma estética da existência, na qual “existir” – ou viver de verdade – nos dias de hoje está intimamente ligado ao que é compartilhado “em tempo real” e vigiado pelo olhar astuto da audiência. Quais foram, no entanto, as condições de possibilidades para que o corpo grávido e o parto se tornassem objetos tão acessíveis ao olhar, passíveis de exploração, espaços de exercício do poder? O que haveria de próprio nessa vigilância atual sobre as grávidas e os partos?

Como observado no desenvolvimento deste trabalho, os momentos mais banais em todas as esferas da vida constituem conteúdo adequado para as plataformas digitais. Torna-se difícil dizer quando as grávidas e os partos não foram objeto de vigilância – a permanência, no entanto, respondeu a motivos e sentidos variados na história. O fenômeno vigilância não é uma novidade dos dias de hoje, mas é importante compreender o contexto das transformações históricas que possibilitaram e naturalizaram esse olhar vigilante, percebendo então quais as linhas de continuidade e os deslocamentos atuais. Segundo Foucault (1987), o poder disciplinar por meio de

---

<sup>134</sup> Como já brevemente explicado na página 40, sugerimos o termo eterno, juntamente com os conceitos de permanente e generalizado propostos por Foucault (1987) e Fernanda Bruno (2013) com intuito de destacar uma espécie de hipervigilância em que todos os momentos e esferas de nossas vidas são alvos do olhar da audiência, desde imagens de ultrassonografia, nascimento e até mesmo funerais. Todos os momentos da nossa vida são dignos de serem vistos, em um imperativo de “a vida como ela é” se exibe ao vivo, em um processo contínuo de fornecer imagens para audiência, que motiva a produção e legitima a vontade de “se exibir”.

seus agenciamentos e dispositivos de visibilidade e vigilância internalizou uma espécie de “vigília constante” em que todos devem estar atentos para proteger a vida contra o mal invisível. Assim, a vigilância deveria assegurar a ordem e garantir a vida. Segundo o autor, na modernidade estruturase um regime de visibilidade assimétrico, pois o poder é visível e inverificável. O olhar sem rosto do vigia e o sentimento de vigilância permanente naturalizam no corpo social uma responsabilidade de vigília para garantir a vida. Essa capacidade de induzir um estado consciente de visibilidade sustenta e automatiza o poder que independente de quem o exerce, faz com que os detentos, estudantes e operários se encontrem em uma relação de poder que cada um também pode exercer.

Dessa forma, houve uma série de investimentos e controles articulados na superfície dos corpos das mulheres, em especial das gestantes, para naturalizar essa vigilância. Não apenas os corpos dos delinquentes, estudantes e trabalhadores foram controlados com intuito de produzir condutas e disciplinar comportamentos; o corpo da mulher foi alvo desse olhar. Na modernidade, o espartilho usado pelas mulheres não era apenas um acessório da moda. Ele cumpria uma função de controle da sexualidade, pois escondia os seios femininos. Mais do que objetos de desejo do olhar da sociedade, escondê-los sob uma armadura de metal reforçava a ideia de que o corpo das mulheres era alvo de uma vontade de saber – fosse no sentido de interdição do pecado, operacionalizada pela Igreja, ou para controlar os afetos e evitar filhos indesejados, gerenciando as taxas da natalidade, ou simplesmente por uma questão de desejo sexual que deveria ser coibido, pois os corpos deveriam ser dóceis e produtivos para operar na lógica capitalista.

Essas automatização e desindividualização do poder supõem e engendram uma interioridade profunda que, mais do que punir pelo crime, desenvolve instituições e sistemas de recuperação desses indivíduos, pois tornou-se interessante entender “qual a origem do crime?”. Essa vontade de saber a respeito do corpo impulsionou a credibilidade dos discursos médicos e jurídicos que solidificaram as relações de poder na modernidade. O público hoje, no entanto, não constitui apenas uma massa de espectadores; nosso olhar vigilante adiciona um poder sobre o castigo ou o julgamento, digno da punição espetacular do suplício, mas com o caráter moderno no âmbito de agir sobre a vida, designando quem é digno de ser visto e por consequência existir, evidenciando contornos muito contemporâneos de vigilância distribuída (BRUNO, 2013).

Para operacionalizar esse gerenciamento sobre a vida, inerente ao biopoder (FOUCAULT, 1988), articula-se e investe-se na produção do saber especializado sobre o corpo feminino. Como já apresentado, esse tipo de poder foi cristalizado na sociedade por meio de uma série de discursos que de modo geral se dedicaram a regular e gerir a vida. Mais do que uma transformação na medicina, essa série de investimentos modificou a percepção moderna do corpo. Ao estudar a história dessa experiência baseada na visibilidade do corpo e na relação entre o visível e o enunciável, Foucault (1977) aborda uma das questões centrais na relação entre a medicina clínica e as ciências biológicas: a soberania do olhar na investigação científica sobre o corpo humano.

A reorganização do conhecimento científico que aconteceu nas primeiras décadas do século XIX levou ao abandono definitivo das explicações especulativas sobre o corpo humano. O corpo se transforma num cenário material e visível, num novo território cujos saberes eram produzidas por meio do olhar atento do médico, que aprofundou as observações, estendendo-as a tecidos e órgãos em direção ao núcleo da verdade. Quanto ao corpo feminino, cristalizaram-se saberes e desenvolveram-se exames e procedimentos que serviram para o controle dos corpos e gerenciamento das populações, como os índices de mortalidade infantil e criminalização do aborto. O conhecimento anatômico da superfície do corpo feminino é tamanho, que o médico se torna o responsável pela “alma” da gestante, pois normatiza sensações, gerencia as dúvidas da gravidez e os medos relacionados ao parto.

Na madrugada do dia 8 de julho de 2016, Nara estava inquieta no Snapchat. Sem sono, a modelo *fitness* compartilhou suas inseguranças, chorou e se desculpou pela fragilidade e o medo de não conseguir seu tão sonhado parto normal. O que parecia para seus seguidores uma pausa de descanso durante a noite, tornou-se um “sumiço” maior que o esperado. Nessa mesma madrugada, porque o neném estava em “sofrimento”, Nara foi submetida a uma cesariana, sem a presença do marido, que não conseguiu chegar a tempo para acompanhar, para parto de emergência, o nascimento do primeiro filho.

Só no dia 14 de julho Nara publicou em seu *blog* uma explicação do que acontecera para determinar o parto de emergência. E já da maternidade rebateu críticas de sua audiência no sentido de que ela estaria mentindo sobre o desejo de dar à luz por parto normal, pois ninguém conseguiria uma estrutura tão ampla para um parto “não planejado”, nem organizar uma recepção tão elaborada

para os convidados na antessala do quarto da parturiente.<sup>135</sup> A invisibilidade durante esse período fez com que seguidores se “perdessem” na narrativa, e por conta dessa “trégua discursiva” surgiram comentários percebidos como injustos e prontamente rebatidos. O parto de Nara foi considerado inadequado por usuários que lamentam “mais uma cesárea, aparentemente desnecessária! espero que não tenha havido violência com o bebê”.<sup>136</sup> Imediatamente, seguidoras destacam que o “comentário foi desnecessário” e ressaltam a liberdade de escolha do tipo de parto, reforçando a ideia de que a “pessoa escolhe o que for necessário para o bem dos dois”.<sup>137</sup>

Em seu Snapchat, a blogueira narra a discussão sobre sua suposta mentira de querer parto normal, como se sentisse agredida pelas críticas, e de forma descontraída conta que seus amigos foram apoiá-la, respondendo aos seguidores “descrentes”, que foram devidamente bloqueados, ela destaca. A publicação parece um pedido de absolvição e busca de consolo para esse “fracasso” de não conseguir o parto normal. Por ter sido fora do programado, o nascimento não foi compartilhado *online*, mas seus ínfimos detalhes, bem como as fotografias que o registraram, foram publicados nos dias subsequentes.<sup>138</sup>

Como trata Bruno (2013), hoje a vigilância se articula a partir de uma estrutura um pouco distinta. Nada parece a ela escapar, assim como não há alusão a algo escondido, secreto; a “verdade” da vida dessas celebridades *fitness* – e de todos – está exibida nas telas. Tudo está a serviço da audiência. A vigilância contemporânea incide não apenas nas práticas e cuidados de si, ela investe na superfície do corpo, julgando as formas que parecem adequadas (ou não) ao momento do nascimento. Essa audiência precisa receber conteúdo “ao vivo”, praticamente sem cortes e edições, caso contrário questiona as condutas do indivíduo.

Esse relato permite destacar os atuais regimes de visibilidade e vigilância que, segundo Fernanda Bruno (2013), são evidenciados pelas práticas cotidianas do ver e ser visto, como a exposição de momentos íntimos da gravidez e do parto na internet. E a vigilância é reconfigurada no monitoramento de atividades no ciberespaço e na proliferação de mídias sociais, a ponto de constituir uma audiência que participa da vida de desconhecidos e sobre ela opina, como já

---

<sup>135</sup> Embora a maioria das críticas tenha sido apagada, essas foram as publicações que desencadearam o debate.

<sup>136</sup> Comentário de @angelicapadoin. Disponível em <<http://bit.ly/2l63uTu>>. Acesso em 16 jul. 2016.

<sup>137</sup> Comentários de @ alexandrarascalha e @ josybzinhaoficial. Disponível em <<http://bit.ly/2l63uTu>>. Acesso em 16 jul. 2016.

<sup>138</sup> Publicação “Fernandinho Chegou”. Disponível em <<http://bit.ly/2hCZb1p>>. Acesso em 29 nov. 2016.

exemplificado, criando uma rede de aconselhamento sobre práticas ascéticas na gestação, formada por “especialistas” em mudanças corpóreas e modos de disciplinar o corpo. Bruno (2013, p. 24) propõe o conceito de vigilância distribuída para captar esse fenômeno “complexo, difuso e heterogêneo” e permite contestar definições como a da caracterização da ampliação das práticas e dispositivos de vigilância como uma hipertrofia do panóptico.

As críticas como as recebidas por Nara são o preço a pagar pela visibilidade. Toda a discussão sobre o caso, envolvendo familiares, amigos, audiência e a própria mãe é um exemplo que reflete o conceito da vigilância distribuída cunhado por Fernanda Bruno (2013), que afirma só ser possível entender a atualidade por meio da compressão das ações e dos modos de funcionamento que constituem a vigilância. A partir dessas imagens percebe-se que a vigilância contemporânea é ubíqua, e não há separação entre os “vigilados” e os “vigias”, já que a exposição de corpos e partos nas mídias sociais permite que eles “sejam vistos” por qualquer pessoa.

Esse olhar vigilante, eterno e não só curioso, de uma audiência ávida por imagens nas mídias sociais, associado às novas práticas de cuidados de si e ao desenvolvimento de produtos e tecnologias para moldar os corpos na gravidez e após o nascimento da criança, permite observar um projeto específico da sociedade. Dessa forma, a vontade de saber é engendrada meticulosamente em cada estágio da vida do indivíduo, pois associados à vigilância sem pausas, aos novos cuidados de si e mercados os modos de ser e “estar grávida” são construídos nos dias de hoje. Afinal, reconfigura-se o entendimento moderno da “liberdade” corporal da gravidez em que a grávida poderia comer de “tudo”, ter os desejos saciados, e o acúmulo de gordura “esperado” nesse momento da vida. Na contemporaneidade, o excesso de peso é estigmatizado também na gestação, seja por discursos médicos ou por comentários negativos nas mídias sociais.

Os partos de Schmid, Falconi e Oshiro constituem exemplos de casos e imagens que permite destacar o “olho público” (BRUNO, 2004, p.56), pois esses fatos da vida comum, narrados em uma ordem de exposição e de aparência dignas da contemporaneidade, mostram a reconfiguração do sentido de espaços e temas públicos e privados, permitindo compreender como as banalidades do cotidiano tornaram-se o objeto protagonista de visibilidades do “olho público”, que é ao mesmo tempo de todos e de ninguém. A proximidade desses relatos e aconselhamentos sobre a experiência do parto vivida por essas mulheres mostra a existência de um sentido de

autoajuda e orientação com intuito de guiar os “seguidores”, levando-os a melhorar a saúde e alcançar uma boa forma na gravidez, reconfigurando “o que se mostra e o que se esconde” (Ibidem, p. 55).

Para Bruno (2013, p.34) a ideia de vigilância distribuída não estaria apenas confinada às dinâmicas dos circuitos de controle, segurança e normalização; cada vez mais ela integraria os circuitos de entretenimento e lazer. A exposição voluntária do espaço privado nas mídias sociais exemplifica a interpenetração dos regimes de visibilidade e vigilância. Afinal, a distribuição das imagens por inúmeros contextos sociais e dos ínfimos detalhes cotidianos vai ser justificada além do medo para garantir a promessa de segurança; ela também “mobiliza ou expressa todo um circuito de libidos, prazeres e desejos”.

Nesse cenário, os programas do gênero *reality show*, de uma forma cada vez mais diversificada, empregam tecnologias, discursos e estéticas de vigilância como forma de incitar o olhar à exposição do eu na tela. Diante do programa Boas-Vindas,<sup>139</sup> os telespectadores tornam-se testemunhas da espetacularização da intimidade de vidas recém-nascidas. De acordo com Bruno (2005), um novo estatuto do olhar do outro reconfigura os limites do que é digno de ser visto, uma testemunha daquilo que se projeta e se faz visível na tela. Na documentação da trajetória de vida dos indivíduos, não se priva o “olho público” do sangue, da dor e do sofrimento materno – elementos que conferem autenticidade ao momento vivido, todos eles são exibidos nas telas.

Ao analisar a liberação dos discursos femininos sobre a experiência do parto é possível pensar que nada escapa ao registro “eterno” e ao olhar da audiência de vigilantes. Os momentos vividos nas mídias sociais não privilegiam o registro das situações de fracasso: as crianças nascem com saúde, as mães perdem rapidamente o excedente de peso, e as dúvidas das mães de primeira viagem são resolvidas por uma equipe multidisciplinar de médicos e especialistas.

Ao buscar imagens problemáticas de parto ou “parto fracassado” não foi possível encontrar imagens produzidas pelas famílias que vivenciaram esse episódio “malsucedido”. As dificuldades da gestação são relacionadas à gravidez na adolescência, ao parto cesáreo e ao bebê prematuro. Um parto em que mãe e bebê não estão saudáveis não é foco de exibição; uma espécie de moral “não

---

<sup>139</sup> Mais informações sobre o programa. Disponível em: <<http://glo.bo/2IY60wB>>. Acesso em 20 out.

permite” a exibição de um momento sensível e de tristeza para a família; essas imagens incomodam e não fazem sentido na sociedade contemporânea que exhibe em suas telas acontecimentos felizes e belos. O fato, porém, de esses dois exemplos de pesquisa – partos fracassados e problemas no parto – não retornarem resultados imagéticos não significa que inexista a “vontade de saber” a respeito desses momentos. Prova disso são as buscas relacionadas que o próprio Google oferece em atenção à pesquisa com poucos resultados associados, como as do exemplo: fotos de partos normais com cenas fortes, fotos de partos normais com imagens explícitas e imagens de parto normal real.<sup>140</sup>

A temática do parto não pertence apenas ao *reality show*; é usada também como entretenimento em documentários que registram situações inimagináveis relacionadas ao nascimento, se comparadas ao ambiente escolhido e preparado pelas mães que tiveram seus partos descritos neste trabalho. O Discovery Home and Health, desde 2011, produz e disponibiliza em sua grade de programação documentários sobre partos, como *O pior dia para nascer*, que conta, segundo a locução em *off*, “terríveis histórias de quem não escolheu um bom dia para nascer”.<sup>141</sup> As mulheres contam suas experiências de partos em situações extremas, em que suas vidas e de seus filhos estiveram em risco, como um tornado, ameaça de sequestro de bebês e homens bombas. Em comum, todos os nascimentos, apesar do momento de perigo, foram bem-sucedidos. Nesse sentido, apesar de não terem “escolhido” o dia “certo” para nascer, esses bebês já são guerreiros e vencedores desde seus primeiros momentos de vida.

Na atual cultura do espetáculo, mães que expõem seus partos convocam a audiência a penetrar a ordem pública da vida cotidiana, a fim de tornar cada membro do grupo de seguidores bons gestores de si. No imperativo da boa forma, a intimidade como espetáculo (SIBILIA, 2008) não resguarda muitos segredos ao olhar da alteridade, expõem-se o corpo ao extremo e as limitações dos indivíduos de forma completa, sem cortes. Bruno (2013, p. 168), aliás, ressalta que um dos pontos mais importante acerca dos processos de vigilância contemporâneos refere-se à “progressiva naturalização da vigilância como forma de observação, atenção e cuidado” que é incorporada à sociedade e ao universo estético da imagem.

---

<sup>140</sup> Sugestões de pesquisas oferecidas pelo Google, pois as buscas pelos termos “partos fracassados” e “problemas no parto” não retornaram resultados.

<sup>141</sup> O episódio 1 do programa está disponível no *link* <<http://bit.ly/2jUb9B2>>. Acesso em 29 dez. 2016.

A autora afirma que a proliferação e diversificação das condições de produção, especialmente das câmeras dos celulares que multiplicam os olhares sobre o corpo, e a posterior, circulação dessas imagens reconfiguram seu estatuto e o efeito de real que produzem. O regime escópico atual renova os artifícios e os modos de produção dos efeitos de “verdade”, pois, por capturar detalhes “concretos” que podem parecer insignificantes e até sem propósito para a finalidade de certo dispositivo, confere verossimilhança, realidade e autenticidade ao fato narrado por meio da imagem. Por isso, acompanhar as experiências vividas por essas mães e “publicizadas” na internet é uma retomada do controle da narrativa sobre fenômenos inerentes ao corpo feminino, assim como podem evidenciar a retomada do direito de “propriedade” pelas mulheres de seus próprios corpos, afetos e escolhas.

De fato, tanto o parto como a gravidez – divulgados e compartilhados – podem ser pensados como um pequeno “acontecimento de discurso”, peça de uma narrativa mais ampla acerca do sujeito, fortemente ligada a um tipo contemporâneo de ser e saber. Assim, problematizar o interesse do “público” sobre o parto e o corpo grávido – e seus ínfimos detalhes –, suspender a “naturalidade” da audiência acerca daquilo que tradicionalmente era vivido no âmbito familiar (muitas vezes, apenas na intimidade da mãe e do pai ou da mãe e do médico), significa problematizar as próprias condições de possibilidade para que a intimidade passasse a ser não apenas o alvo de interesse, mas, o elemento central da grande narrativa proferida no mundo contemporâneo.

Dessa forma, o mundo contemporâneo é palco de diversas lutas, as que desejam retomar práticas já recorrentes na época medieval do parto mais natural possível, ou aquelas que recusam viver as “dores do parto”, se aproveitando de todos os recursos das tecnologias obstétricas. Com essa tomada do lugar de fala, as mulheres narram outras questões sobre o corpo grávido e o parto. Discursos relacionados ao aborto, à liberdade na escolha do tipo de parto ou a denúncias quanto à violência obstétrica e mães solteiras ganham notoriedade na internet e constituem um quadro amplo de práticas de si no nascimento nos dias de hoje.

De todo modo, o biopoder investido pelo Estado sobre o parto e as vozes masculinas no campo ainda exigem resistências rumo a liberações de condutas. A criminalização do aborto no Brasil, por exemplo, exige que sejam produzidos discursos contra uma bancada legislativa composta por homens, brancos, conservadores que evocam a religião para regular o corpo

feminino, tornando crime um ato da esfera individual. Da mesma forma, o número de cesarianas em hospitais brasileiros são alvo de regulação e denúncia, devido ao alto número de cirurgias realizadas. Assim, para optar por um parto cesáreo na rede pública de saúde, a mãe deve ter algum problema de saúde que lhe impeça o parto normal, e, para justificar o procedimento, o médico precisa de uma série de documentos. Assim, o parto é ainda um campo de disputa de discursos e saberes que possibilita sentidos de liberação e sujeição dos corpos.

Nesse espaço de disputa, independentemente do tipo de parto, observa-se a estetização desse momento. Conforme as imagens apresentadas, a estética do parto está relacionada com a vivência de acordo com um planejamento e exibição de todos os detalhes, seja pela contratação do serviço que viabiliza o parto televisionado, seja por sua exposição nos perfis sociais dos pais. Essa liberação das narrativas pelas mulheres vai de acordo com um grupo que se percebe como agentes, responsáveis por organizar seus corpos e vidas para ter um filho. Dessa forma, potencializar a vivência dessa experiência, tendo um parto como desejado, é uma conquista das mulheres na atualidade, pois encerrar a gestação conforme planejado articula noções feministas de emancipação e direito ao parto. Essas imagens evidenciam a existência de muitas “verdades” sobre o nascimento nos dias de hoje. Foi possível mapear a retomada de partos naturais, sem medicalização e em casa, características que podem ser relacionadas a práticas comuns na Idade Média. Já como resquício da modernidade, o olhar masculino do médico e do pai ainda estão presentes nas narrativas sobre o parto, mas agora não são os únicos protagonistas. De certa maneira, a mulher narra suas experiências do parto e as mães dos partos contemporâneos provam que há uma possibilidade de escolha quanto ao nascimento de seus filhos.

Para garantir um nascimento bem-sucedido e minimizar os riscos, buscam-se as melhores práticas apoiadas em discursos científicos e o aconselhamento que agora não é só do ciclo íntimo, mas tem como base uma gama enorme de relatos divulgados na internet, por exemplo, as experiências das mães *fitness*. As mulheres são voluntariamente agentes da exposição ao público de suas experiências de vida, de seu corpo, de sua gravidez e de seu parto. Esse desejo de visibilidade (BRUNO, 2005) legítima, aliás, uma nova vigilância sobre a mulher. O atual regime de vigilância se dedica em especial ao controle da boa forma, a partir da qual o corpo feminino se torna digno e exemplo a ser seguido por outras mulheres. A visibilidade é legitimada, por operacionalizar a lógica espetacular contemporânea, evidenciando que a difusa barreira entre o

público e privado é um processo essencial para a subjetivação do sujeito contemporâneo.

Em nossa breve genealogia dos discursos sobre o parto foi possível perceber as condições de possibilidades que tornaram o corpo feminino acessível ao olhar. De uma maneira geral, podemos dizer que, na Idade Média, o parto era um lugar feminino, povoado por segredos e rituais, mas as narrativas a respeito dele eram proferidas por homens, como exemplificado pelos discursos bíblicos. Na modernidade, esse olhar observador participa do momento do nascimento, corroborado por discursos científicos que visam disciplinar os fenômenos da reprodução humana. Apesar de participar do momento efetivo do parto, os discursos continuam a não revelar a perspectiva da experiência da mulher. Nos séculos XVIII e XIX, com a elevação de *status* das práticas médicas, o parto deixa o ambiente domiciliar para ocupar os hospitais; assim, a participação de mulheres próximas à mãe e mulheres de seu ciclo é substituída por um corpo clínico, fato que não o torna acessível ao olhar de todos, mas pode ser um deslocamento para compreender essa dispersão pública das imagens sobre os partos contemporâneos. Nos dias de hoje, a tagarelice sobre o parto permite compreender que a visibilidade é requerida pela mãe que expõe voluntariamente seu corpo e suas condutas.

Um parto exibido tem motivação individual, é objeto de críticas, alvo de vigilância de uma audiência que ultrapassa a esfera familiar e dos amigos. Vigilância eterna, almejada pela mãe, não requerida pela criança, e que deixa explícita a importância da imagem em nossa sociedade. O bebê não tem nada a dizer, mas seu corpo já é percebido como capital. Esses novos sujeitos são constituídos sem nunca terem vivenciado um mundo segundo uma lógica *off-line*. A vigilância eterna e a visibilidade generalizada são inerentes à vida dessas crianças que já nascem na lógica do ao vivo. Será essa a geração que vencerá a luta contra o orgânico? Ou que por já nascer na vigilância eterna reconfigurará o próprio conceito de subjetividade calcada na extimidade?

**Imagens 24 a 28 relacionadas ao capítulo (p.112 – 114)**

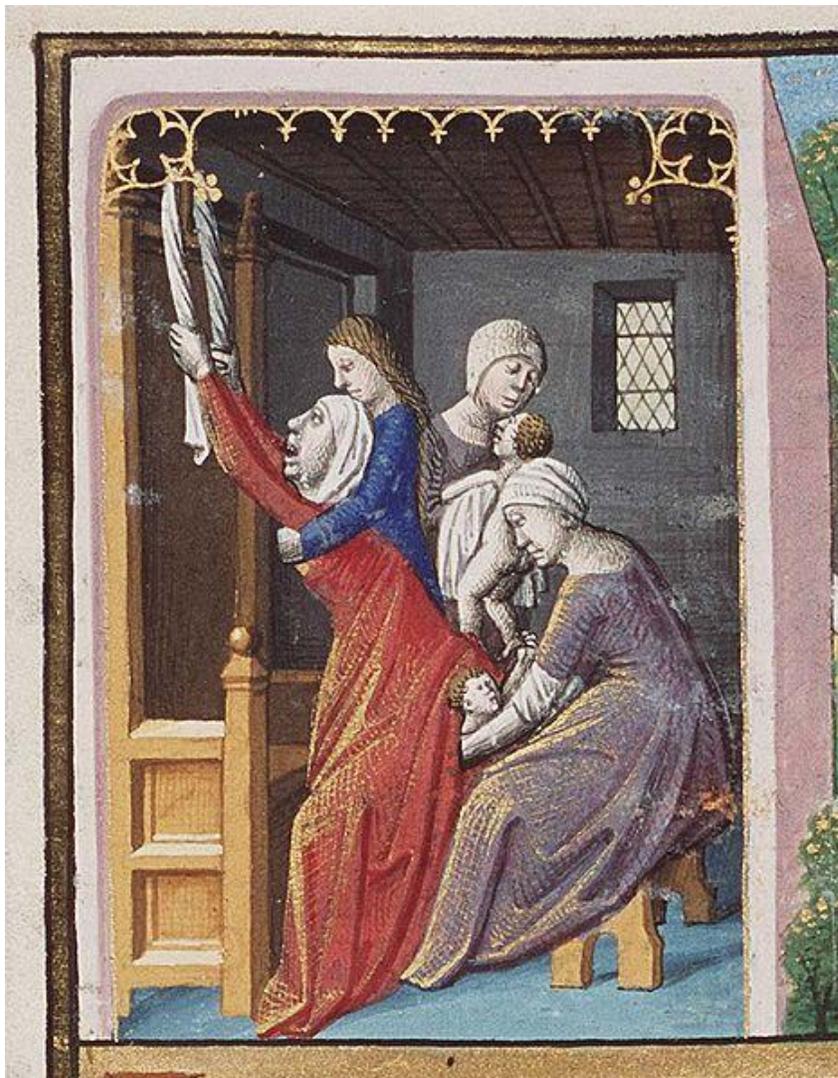


Imagem 24 – Quadro *O nascimento de Esaú e Jacó.*

Fonte: Museum Meermannno Westreenianum.

Disponível em <<http://bit.ly/2gXvioy>>. Acesso em 12 dez 2016.



Imagem 25 – Manual do parto medieval do *Rosegarten* de Rösslin.  
Fonte: U.S. National Library of Medicine.  
Disponível em < <http://bit.ly/2nylS8V>>. Acesso em 12 dez 2016.



Imagem 26 – Xilogravura de Jost Amman; parto moderno, destaque para a transição do espaço da prática (dominado pelas parteiras) para o espaço científico (protagonizado pelos homens).  
Fonte: Alamy. Disponível em <<http://bit.ly/2ngR2it>>. Acesso em 12 fev 2017

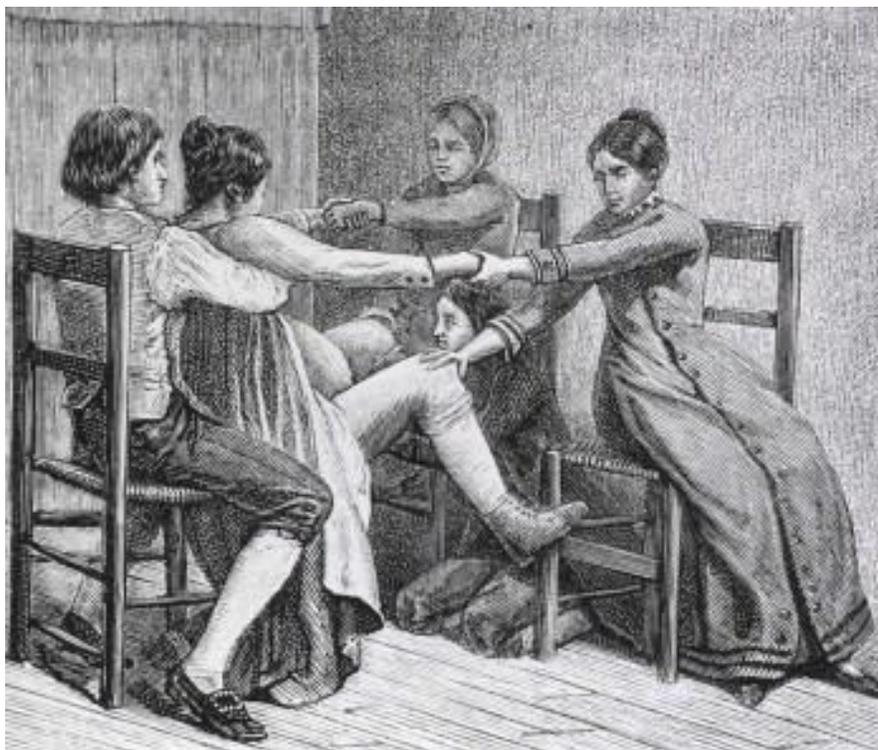


Imagem 27 – Parto moderno; os homens presentes nos quartos de parir.  
Fonte: U.S. National Library of Medicine. Disponível em <http://bit.ly/2oerxiD>  
Acesso em 15 dez 2016.



Imagem 28: Máquina de Madame du Coudray.  
Fonte: Blog Uma Doula Museologando. Disponível em <http://bit.ly/2lQXs7D>  
Acesso em 15 dez 2017



Imagem 29 – Pintura de um parto Medieval de uma rainha com a presença de mulheres e do Padre.  
Fonte: Blog History Behind Game of Thrones. Disponível em: <http://bit.ly/2nyZixh> Acesso em 16 fev 2017.



Imagem 30 – Fotografia do Parto Ana Paula Batista, 2016, disponível na internet a partir da busca “parto natural em casa”.  
Fonte: Blog Parto natural. Disponível em <http://bit.ly/2o4e9An>. Acesso em 16 fev 2017.

# **CONCLUSÃO**

---

**FOCO, FORÇA E FÉ:  
CONSIDERAÇÕES FINAIS  
SOBRE OS SENTIDOS  
DA BOA FORMA**

Foco: um objetivo pra alcançar  
Força: pra nunca desistir de lutar e  
Fé: pra me manter de pé enquanto eu puder  
Só preciso de foco, força e fé  
(Projota, *Foco, força e fé*)<sup>142</sup>

O dossiê “Forever Young. A ciência do rejuvenescimento”, publicado pela revista *Superinteressante* em abril de 2016, se propôs a compilar as descobertas, as inovações e os avanços recentes da ciência para “curar a velhice”.<sup>143</sup> A primeira seção analisa a ciência do envelhecimento, sob o seguinte texto de abertura “Envelhecer é o grande efeito colateral de nascer, certo? Talvez não. Entenda por que o organismo decai com o passar dos anos, e saiba como a ciência pretende driblar esse percalço e buscar a imortalidade”.<sup>144</sup> A partir de discursos científicos, endossados por pesquisas e entrevistas com especialistas, as matérias privilegiam o uso de expressões como “reprogramar a bioquímica”,<sup>145</sup> “backups do DNA”<sup>146</sup> e “respirar e consumir o essencial e mortal oxigênio”<sup>147</sup> que permitem compreender o corpo como máquina que, por meio de uma série de intervenções e práticas, pode ser aperfeiçoado, preservado, evitando sua “decadência”.<sup>148</sup>

Esses discursos nos fazem pensar, mais uma vez, a centralidade do corpo na sociedade contemporânea. Como apresentado pelas imagens das crianças *fitness*, os valores de um corpo “perfeito” como sinônimo de sucesso já estão presentes nas práticas de si desses indivíduos nos quais as preocupações com as marcas do tempo (rugos, estrias e espinhas) ainda parecem distantes. Dessa forma, observa-se que os sentidos de dossiês que apontam as inovações para manter o corpo jovem, assim como a emergência de práticas *fitness* associadas às imagens de crianças, corroboram a luta contra uma “organicidade” do corpo. Nesse sentido, diante das imagens apresentadas neste trabalho, a obsessão parece evidente: uma jornada que, desde cedo, despreza as características que “pesam” o corpo – suas marcas, gorduras e flacidez. Como analisado por Paula Sibilía (2010b, p. 201-202), “nas sociedades ocidentais do século XXI, é a superfície do corpo, suas formas orgânicas, textura carnal e consistência biológica que são alvos de uma ‘rejeição ativa’”. Esse conjunto de

---

<sup>142</sup> Disponível em: <<http://bit.ly/1AcnEs3>>. Acesso em 20 jan. 2017

<sup>143</sup> Dossiê rejuvenescimento, p. 14. Disponível em <<http://abr.ai/2IYHDz8>>. Acesso em 12 jan. 2017.

<sup>144</sup> Dossiê rejuvenescimento, p. 7. Disponível em <<http://abr.ai/2IYHDz8>>. Acesso em 12 jan. 2017.

<sup>145</sup> Dossiê rejuvenescimento, p. 17. Disponível em <<http://abr.ai/2IYHDz8>>. Acesso em 12 jan. 2017.

<sup>146</sup> Dossiê rejuvenescimento, p. 19. Disponível em <<http://abr.ai/2IYHDz8>>. Acesso em 12 jan. 2017.

<sup>147</sup> Dossiê rejuvenescimento, p. 13. Disponível em <<http://abr.ai/2IYHDz8>>. Acesso em 12 jan. 2017.

<sup>148</sup> Dossiê rejuvenescimento, p. 8. Disponível em <<http://abr.ai/2IYHDz8>>. Acesso em 12 jan. 2017.

práticas contra as “imperfeições” corpóreas já pode ser resumido por lipofobia. O culto ao corpo “perfeito” demanda um gigante gerenciamento – para usar termos bem contemporâneos – na busca de alcançá-lo e mantê-lo. Corpos e subjetividades são retalhados, mutilados, sacrificados e, por vezes, castigados. Estômagos são reduzidos. Excessos de pele são retirados. Rugas são preenchidas. Rostos, nádegas, coxas são “turbinados”. Nesse cenário é possível perceber um paradoxo significativo. Como já bem estudado por Sibilia (2006), o corpo protagoniza os dias de hoje, admirado e objeto de grande investimento, porém a partir da rejeição à sua materialidade. É o repúdio ao corpo que orienta seu gerenciamento, a luta contra ele que orienta as próprias práticas atuais, bioascéticas.

O que parece estar em jogo é todo um discurso transversal na vida das famílias contemporâneas em que o estilo de vida saudável exibido em plataformas de mídias sociais as legitima como empresárias de si mesmas, desenvolvendo uma lógica mercadológica em que cada membro do núcleo tem como mercadoria a imagem, os discursos e as práticas para a manutenção desse corpo “perfeito”. Ser visível e considerado relevante por um público ávido para conquistar a boa forma é a base do negócio da família empresarial. No entanto, como primeira instituição que transmite valores para a construção das subjetividades, a família, que na modernidade era sinônimo de proteção, hoje é a responsável por exibir as imagens das crianças como exemplificado no “empresariamento” e construção de musinhas *fitness*. Essa busca de um corpo imaterial tem como ponto de fixação a família, que transmite como “verdade” esses valores às crianças, que desde cedo passam a empreender nessa trajetória.

Ao analisar as diversas esferas da vida – da gravidez à infância – propomos aqui um quadro de problematização, constituído a partir da articulação entre imagens e discursos, que visa pensar a própria constituição da subjetividade contemporânea em uma sociedade na qual os indivíduos são também empresas. Problematizar termos, gestos, bulas e práticas naturalizadas nos exigiu também navegar no universo das tecnologias da imagem contemporâneas, configuração dinâmica e fugaz, em um quadro sempre pleno de desmoronamentos e descontinuidades. Diante disso, este trabalho se propôs a mapear e diagnosticar alguns efeitos possíveis dos regimes de visibilidade e vigilância na constituição de nossos corpos e subjetividades, incluindo recém-nascidos e idosos.

Foi identificada uma relação de interdependência entre a vontade de saber da audiência e de “se exibir” das celebridades comuns do mundo *fitness*; uma impulsiona a outra, tornando infinito o circuito de visibilidades. Expor a intimidade sob o discurso de vida saudável em plataformas digitais evidencia o deslocamento da subjetividade da condição de interiorizada para exteriorizada. As imagens compartilhadas operam em uma lógica de efeito-instrumento, produzindo a naturalização de valores relacionados ao imperativo da boa forma. Elas também são essenciais para a construção dos modos de ser e estar do sujeito contemporâneo, que precisa do olhar da alteridade para legitimar quem ele é. A exposição permanente das banalidades do cotidiano, divulgadas ao vivo, permite destacar que tudo que é transmitido nas telas é a “verdade” sobre o indivíduo, não havendo alusão a algo “interior”, que não esteja visível na superfície dos corpos.

Grávidas, crianças e famílias que se propõem a combater a materialidade do corpo orgânico, parecem aventurar-se em uma luta sem “vencedores aparentes”. Vencer a morte e o combate eterno contra a deterioração corporal parece ser uma guerra perdida. Não é improvável supor que o regime de visibilidade atual tende a ser uma prática terapêutica para lidar com o fracasso da busca de um corpo eternamente inorgânico ou com o relato do dossiê que almeja a imortalidade. Divulgar em plataformas digitais as práticas ascéticas para driblar “os efeitos colaterais”<sup>149</sup> do tempo é uma espécie de confissão e responsabilização do sujeito que fez tudo a seu alcance, geriu bem seu estilo de vida, a ponto de ser legitimado como um “vencedor da aparência”, mas não conseguiu evitar a ruína corporal. Publicar os ínfimos detalhes da vida cotidiana seria uma forma de se narrar e, talvez, até o momento presente, a única maneira de ter sua imagem imortalizada.

A presença do sujeito comum e da vida privada efetua um jogo – muito contemporâneo – “em que basta existir para ter o direito de ser visto, em um mundo onde é preciso ser visto para existir” (BRUNO, 2014, p.80). A vigilância distribuída (Ibidem, p. 13) só foi possível graças ao projeto disciplinar que internalizou a vigília constante, legitimando um “olho público” essencial para a manutenção da vida. Como proposto por Deleuze (1992), o enclausuramento moderno tinha como base as paredes das instituições. Na sociedade do controle, o sujeito contemporâneo se submete voluntariamente à clausura das telas e à digitalização de sua própria imagem. O autor afirma que a partir do século XX houve o declínio do regime disciplinar, observado pela própria

---

<sup>149</sup> Dossiê rejuvenescimento, p. 10. Disponível em <<http://abr.ai/2IYHDz8>>. Acesso em 12 jan. 2017.

mudança da natureza do poder, que seria marcado pela interpenetração dos espaços e que não tem limites de atuação, pois está disperso na lógica da rede. Por isso, a sociedade do controle não é centrada no confinamento do “visível”, mas do controle “ao ar livre”.

Conforme destacado nos capítulos anteriores, observa-se que se torna difícil afirmar quando as famílias, as crianças, o corpo grávido e o nascimento não foram objeto de vigilância. O deslocamento percebido atualmente é que a vida do indivíduo é alvo de um ecossistema de monitoramento em que “seguidores” acompanham as banalidades da intimidade, “sucessos” e compensações da vida saudável. A vigilância “eterna” torna os corpos “perfeitos” enredo da narrativa proferida na internet; a presença das câmeras não exerce coerção, ela atribui legitimidade, dá sentido à existência e às práticas. O silêncio construído ao redor de certas experiências da vida, como a ausência de narrativas proferidas por mulheres sobre o nascimento até a contemporaneidade, permite refletir a respeito de que os regimes de visibilidade e vigilância engendram liberações e sujeições. Os partos de Falconi, Oshiro, Tonon e Schmid permitem observar a conquista narrativa e de escolha do tipo de parto, assim como, tornam visível o assujeitamento em discursos legitimadores de que o corpo grávido deve ser “sarado” e também nos sentidos e narrativas impostos pela audiência sobre os primeiros instantes da vida do indivíduo.

No quadro imagético deste trabalho foi possível observar que nessa corrida para alcançar o corpo “adequado”, está implícita uma lógica empresarial em que as práticas ascéticas mais diversas são empregadas, assim como discursos de legitimidade são requeridos em todos os momentos da vida do indivíduo. Na sociedade do controle proposta por Deleuze (1992), ou da performance de Ehrenberg (2010), famílias e crianças parecem viver uma constante necessidade de “dar conta” da boa gestão de si, de alcançar o sucesso, de apagar o apetite. A expressão “dar conta” parece ser um exercício diário de superação da autogestão dos afetos, e de transformações corporais que precisam ser visíveis para ser dignas de atenção. Essa série de discursos performáticos são marcas dos interesses de uma indústria do *fitness*, que motiva o indivíduo a alcançar a “melhor versão de si mesmo”<sup>150</sup>, como ressaltado por Falconi.

---

<sup>150</sup> Disponível em <<http://bit.ly/2kxzmym>>. Acesso em 13 jan. 2017.

Essa subjetividade exteriorizada, autocentrada, percebida até mesmo no discurso da musinha *fitness* que afirma que se voltasse para o anonimato sua “vida acabaria”,<sup>151</sup> parece implicar “falta” de atributos interiores – uma espécie de inteligência emocional – valorizados na modernidade. A análise das emergências de transtornos de ansiedade, dissociativos e depressivos no Manual Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais da Associação Psiquiátrica Americana (DSM – APA) dá a perceber uma interlocução com o surgimento de novos transtornos, devido à valorização de estilos de vida ditos saudáveis e do imperativo da boa forma. Sua última versão destacou a mudança de comportamentos que permitem diagnosticar a bulimia e anorexia nervosa, o consumo alimentar evitativo/restritivo, a dismorfobia, situação em que o indivíduo percebe um “defeito” imaginário no corpo (ARAÚJO, NETO, 2014). Novas patologias pelo excesso de exercícios e intensa busca por um estilo de vida *fitness* também ganham notoriedade, como a ortorexia – obsessão por comer alimentos saudáveis – e a vigorexia – prática exaustiva de exercícios físicos que desencadeia efeitos no organismo como a rabdomiólise, síndrome dos músculos estriados, especialmente em praticantes de exercícios de alta intensidade.

Como destacado no dossiê sobre o envelhecimento, viver é “oxidativo”,<sup>152</sup> mas o segredo para combater a organicidade do corpo é encontrar o ponto de equilíbrio que realmente ajude no combate dos agentes – tempo, oxigênio, radicais livres – que levam o corpo à degradação, incluída “a dose certa de exercícios”,<sup>153</sup> como alerta o dossiê sobre os riscos das práticas rotineiras de corrida e musculação, sem orientação, que, em vez de ajudar a deixar o corpo esculpido, podem deteriorá-lo:

o sedentarismo engole a nossa beleza. Mas os exercícios só resolvem quando praticados com cuidados para não detonar o corpo – inclusive a pele. Os perigos dos exercícios praticados de forma inadequada, na rua por exemplo, podem fazer com que o atleta fique com a “síndrome da cara de corredor: rosto magro, enrugado e com manchas.”<sup>154</sup>

Esse panorama permite compreender que a busca desenfreada pelo corpo “perfeito” pode levá-lo a sua própria ruína. O suplício começa nas primeiras horas do dia ao subir na balança e

---

<sup>151</sup> Declaração no programa Câmera Record – Crianças Saradas. Disponível em <<http://bit.ly/2kV8Wqu>>. Acesso em 12 jun. 2016.

<sup>152</sup> Dossiê rejuvenescimento, p. 25. Disponível em <<http://abr.ai/2IYHDz8>>. Acesso em 12 jan. 2017.

<sup>153</sup> Dossiê rejuvenescimento, p. 32 e 33. Disponível em <<http://abr.ai/2IYHDz8>>. Acesso em 12 jan. 2017.

<sup>154</sup> Dossiê rejuvenescimento, p. 32 e 33. Disponível em <<http://abr.ai/2IYHDz8>>. Acesso em 12 jan. 2017.

constatar o estado de organicidade do corpo. A gordura, marcas e “defeitos” corpóreos justificam uma série de práticas de si orientadas para a boa forma. O corpo “imperfeito” é alvo de ansiedade, insegurança e mal-estar. Gerenciar essa “não adequação” é a forma de “acalmar” essas angústias, em uma “trégua discursiva” em que todo o esforço individual deve ser investido na correção dessas imperfeições, que só são toleradas devido à luta eterna que o indivíduo empreende para combater a essência orgânica do corpo, mais do que nunca em todas as fases da vida.

As idiossincrasias dos corpos sob os agentes do tempo permitem perceber mais do que medo da morte como fim da vida. A sociedade contemporânea parece que tem medo de viver, pois “respirar e consumir o essencial e mortal oxigênio”<sup>155</sup> já é o suficiente para levar o corpo à ruína. O incentivo a lutar essa batalha inglória é reativado nas imagens de grávidas, famílias e crianças *fitness*, que oferecem doses diárias de motivação e superação, e incentivam os indivíduos a “permanecer no jogo”. Sob uma lógica neoliberal na qual o indivíduo deve estar sempre motivado para buscar o aperfeiçoamento, observa-se a criação de um mercado de práticas de si ou, como o panorama construído neste trabalho propõe, práticas da boa forma. Do corpo grávido à infância, os indivíduos *fitness* são imagens significativas para pensarmos, portanto, as novas configurações da subjetividade contemporânea, bem como compreender os deslocamentos de sentidos, condutas e, especialmente, dos cuidados de si, transformando valores relacionados à família e ao nascimento. Serviços, produtos e imagens se articulam tornando-se uma espécie de modelo a ser alcançado que leva a audiência a acreditar que pode conquistar o corpo ideal. A busca incessante observada e legitimada por aproximadamente 500 mil publicações indexadas com a *hashtag* #focoforçafe<sup>156</sup> – Foco, força e fé – destacam que a receita é simples: para conquistar o corpo “perfeito” são necessárias altas doses de foco para alcançar os objetivos, força para persistir nos momentos de desânimo e fé para suportar os percalços do caminho árduo.

---

<sup>155</sup> Dossiê rejuvenescimento, p. 13. Disponível em <<http://abr.ai/2IYHDz8>>. Acesso em 12 jan. 2017.

<sup>156</sup> Conteúdo público disponível no Instagram, pesquisa realizada em 5 fev. 2017.

## REFERÊNCIAS

- ARIÈS, Philippe. **História social da criança e da família**. Rio de Janeiro: Editora LTC, 1986.
- ARIÈS, Philippe; DUBY, George. **História da vida privada**, v. 5. **Da Primeira Guerra a Nossos Dias**. São Paulo: Companhia das Letras, 1992.
- ARNEY, William Ray. **Power and the profession of obstetrics**. Chicago: University of Chicago Press, 1982.
- ARONS, Wendy. “**Translator’s Introduction**”, in E. Rösslin, *When Midwifery Became the Male Physician’s Province: The Sixteenth Century Handbook The Rose Garden for Pregnant Women and Midwives*, Newly Englished, tradução de W. Arons (Jefferson/Londres: McFarland, 1994, p.1-25).
- BELL, R.M, **How to Do It: Guides to Good Living for Renaissance Italians**. Chicago/Londres: The University of Chicago Press, 1999, 6-7.
- BEZERRA, Benilton. O ocaso da interioridade e suas repercussões sobre a clínica. In: PLASTINO, Carlos Alberto. (Org.). **Transgressões**. Rio de Janeiro: Contracapa, 2002.
- BRASIL. [**Estatuto da criança e do adolescente** (1990)]. Estatuto da criança e do adolescente e legislação correlata [recurso eletrônico]: Lei n. 8.069, de 13 de julho de 1990, e legislação correlata. 12. ed. Brasília: Câmara dos Deputados, Edições Câmara, 2014. (Série legislação, n. 122). Disponível em: <<http://bit.ly/1UTs7O8>>. Acesso em: 8 ago. 2016.
- BRUNO, Fernanda. **Máquinas de ver, modos de ser: vigilância, tecnologia e subjetividade**. Porto Alegre: Sulina, 2013. 190 p.
- BRUNO, Fernanda. **Máquinas de ver, modos de ser: visibilidade e subjetividade nas novas tecnologias de informação e de comunicação**. 2004. Disponível em <<http://bit.ly/1Vig8b6>>. Acesso em: 12 out. 2015.
- CHAZAN, Lilian. **Meio quilo de gente: um estudo antropológico sobre ultrassom obstétrico**. Rio de Janeiro: Editora Fiocruz, 2008.
- CUMMINS, Molly. Reproductive surveillance: the making pregnant docile bodies. **Kaleidoscope**, v. 13, 2014.
- CRARY, Jonathan. **24/7 capitalismo tardio e os fins do sono**. São Paulo: Cosac & Naify, 2014.
- DEBORD, Guy. **A sociedade do espetáculo**. Rio de Janeiro: Contraponto, 1997.
- DELEUZE, Giles. *Post-scriptum* sobre as sociedades de controle. In: DELEUZE, Giles. **Conversações, 1972-1990**. Trad. Peter Pal Pelbart. São Paulo: Ed 34, 1992, p. 219-226.
- DEL PRIORE, Mary. **Corpo a corpo com a mulher. Pequena história das transformações do corpo feminino no Brasil**. São Paulo: Senac, 2000. (Série Ponto Futuro).

DEPLEDGE, Greta; MANGHAM, Andrew. **The female body in medicine and literature**. Liverpool: Liverpool University Press, 2011.

DIAS, Maria Odila Leite da Silva. Quotidiano e poder em São Paulo no século XIX. Editora Brasiliense, 1995.

DOLAN, Jill. Editorial voices. **Women & Performance: a journal of feminist theory**, 1, p. 2-4, 1983.

EHRENBERG, Alain. **O culto da performance: da aventura empreendedora à depressão nervosa**. Trad. e org. Pedro F. Bendassoli. Aparecida: Ideias e Letras, 2010.

ETTORRE, Elizabeth. Prenatal genetic technologies and the social control of pregnant women: a review of the key issues. **Marriage & Family Review**, 2009.

FERRAZ, Maria Cristina F. Genealogia, comunicação e cultura somática. **Famecos**, Porto Alegre, 20/1, 2013.

FONSECA, Angélica F. Práticas de si e os sentidos da “boa forma” na contemporaneidade: imagens da gestação e o corpo grávido. Apresentado no XXXIX Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação – Intercom, realizado em Rio de Janeiro e 5 a 9 de setembro. **Anais do XXXIX Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação – Intercom**, 2016. Disponível em <<http://bit.ly/2IZO3L9>>. Acesso em 7 dez. 2016.

FONSECA, Angélica F.; SANZ, Cláudia L. Tal mãe, tal filha: famílias *fitness* e os empresários de si mesmos no contexto da “boa forma”. Apresentado no VIII Encontro de Pesquisa em Comunicação (Enpecom) – Crítica de Mídia, realizado em Curitiba e 28 de setembro a 01 de outubro **Anais do VIII Encontro de Pesquisa em Comunicação (Enpecom) – Crítica de Mídia**, p. 601-613, 2016.

FOUCAULT, Michel. **Aulas sobre a vontade de saber: curso no Collège de France (1970-1971)/Michel Foucault; seguido de O saber de Édipo**. Trad. Rosemary Costhey Abílio. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2014.

FOUCAULT, Michel. **A ordem do discurso: aula inaugural no Collège de France, pronunciada em 2 de dezembro de 1970/Michel Foucault**. Trad. Laura Fraga de Almeida Sampaio. 2 ed. São Paulo: Edições Loyola, 2013.

FOUCAULT, Michel. **Nascimento da biopolítica. Curso no Collège de France: 1978-1979**. Trad. Eduardo Brandão. São Paulo: Martins Fontes, 2008.

FOUCAULT, Michel. O sujeito e o poder. In: RABINOW, P.; DREYFUSS, H. Michel. **Foucault: uma trajetória filosófica**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1995.

FOUCAULT, Michel. **História da sexualidade I: a vontade de saber**. Trad. Maria Thereza da Costa Albuquerque e J. A. Guilhon Albuquerque. 13 ed. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1988.

- FOUCAULT, Michel. **Vigiar e punir: nascimento da prisão**. Trad. Raquel Ramallete. Petrópolis: Vozes, 1987.
- FOUCAULT, Michel. **História da sexualidade III: o cuidado de si**. Trad. Maria Thereza da Costa Albuquerque e J. A. Guilhon Albuquerque. 8 ed. Rio de Janeiro: Editora Graal, 1985.
- FOUCAULT, Michel. **História da sexualidade II: o uso dos prazeres**. Trad. Maria Thereza da Costa Albuquerque e J. A. Guilhon Albuquerque. 8 ed. Rio de Janeiro: Editora Graal, 1984.
- FOUCAULT, Michel. **Microfísica do poder**. Org. e trad. Roberto Machado. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1979.
- FOUCAULT, Michel. **O nascimento da clínica**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1977.
- FREIRE, Dirce de Sá. Com açúcar, sem afeto. In: DEL PRIORE, Mary; AMANTINO, Marcia (Org.). **História do corpo no Brasil**. São Paulo: Unesp, 2011, p. 453-476.
- FREYRE, Gilberto. **Casa grande & senzala**. Rio de Janeiro: Record, 2000.
- FREIRE FILHO, João. **Ser feliz hoje: reflexões sobre o imperativo da felicidade**. Rio de Janeiro: Ed. Fundação Getulio Vargas, 2010.
- GREEN, Monica H. The Sources of Eucharius Rösslin's 'Rosegarden for Pregnant Women and Midwives' (1513). **Medical History**, 53(2), p. 167-192, 2009.
- HANTON, Renee. Rubbing pregnant bellies might be illegal. **Conceive Easy** (blog), 2013. Disponível em <<http://bit.ly/1Kk5rEv>>. Acesso em 18 nov. 2015.
- HOBBSAWM, Eric; RANGER, Terence (Org.). **A invenção das tradições**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1984.
- KITZINGER, Sheila. **Mães. Um estudo antropológico da maternidade**. Lisboa: Ed. Presença. 1978.
- LE GOFF, Jaques et al. **O homem medieval**. Lisboa: Editora Presença. 1989.
- LUPTON, Deborah. **Configuring maternal, preborn and infant embodiment**. Sydney: Sydney Health & Society Group, 2012.
- LUPTON, Deborah. Risk and the ontology of pregnant embodiment. In LUPTON, D. (Ed.). **Risk and sociocultural theory: New directions and perspectives**. New York: Cambridge UP, 1999, p. 59-85.
- MACHADO, Roberto. Por uma genealogia do poder. In: FOUCAULT, Michel. **Microfísica do poder**. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1979, p. VII-XXIII.
- MACHLINE, Vera. **Precedentes e sucessores imediatos das "erreurs populaires" de Laurent Joubert**. *Circumscribere (PUCSP)*, v. 2, p. 64-72, 2007.

- MALYSSE, Stéphane. Em busca dos (h)alteres-ego: olhares franceses nos bastidores da corpolatria carioca. In: GOLDENBERG, M. (Org.). **Nu & vestido: dez antropólogos revelam a cultura do corpo carioca**. Rio de Janeiro: Record, 2002, p. 79-137.
- MARSHALL, P. David; REDMOND, Sean. **A companion to celebrity**. Editora Wiley-Blackwell, 2015.
- MARTINS, Ana Paula. A ciência dos partos: visões do corpo feminino na constituição da obstetrícia científica no século XIX. **Estudos Feministas**, Florianópolis, 13(3): p. 320, set.-dez. 2005.
- NASCIMENTO, Simony et al. Recomendações para a prática de exercício físico na gravidez: uma revisão crítica da literatura. **Revista Brasileira de Ginecologia Obstétrica**, 36(9), p. 423-431, 2014.
- NOVAES, Joana de Vilhena. Beleza e feiura: corpo feminino e regulação social. In: DEL PRIORE, Mary; AMANTINO, Marcia (Org.). **História do corpo no Brasil**. São Paulo: Unesp, 2011, p. 477-506.
- ORTEGA, Francisco. **O corpo incerto: corporeidade, tecnologias médicas e cultura contemporânea**. Rio de Janeiro: Garamond, 2008.
- ORTEGA, Francisco. Práticas de ascese corporal e constituição de bioidentidades. **Cadernos Saúde Coletiva**, 11(1), p. 59-77, 2003.
- PELBART, Peter Pál. Vida e morte em contexto de dominação biopolítica. Conferência proferida em 3 out. 2008 no ciclo “O fundamentalismo contemporâneo em questão”, organizado pelo Instituto de Estudos Avançados (IEA) da USP. 2008. Disponível em <<http://www.iea.usp.br/textos>>. Acesso em 17 nov. 2015.
- POSTON, Carol H. Childbirth in literature. **Feminist Studies**, 4 (2), p. 18, 1978.
- RABINOW, Paul. **Antropologia da razão**. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 1999.
- ROJEK, Chris. **Celebridade**. Rio de Janeiro: Rocco, 2008.
- SANZ, Cláudia L. A fábula da câmera invisível na escola e o regime contemporâneo de imagens. **Revista Eco-Pós**, Rio de Janeiro, v. 18, n. 2, 2015.
- SANZ, Cláudia L.; FONSÊCA, Angélica F. Do silêncio à tagarelice do parto. 2017
- SENNET, Richard. **O declínio do Homem Público, as tiranias da intimidade**. São Paulo: Companhia das Letras, 2014.
- SIBILIA, Paula. **Redes ou paredes: a escola em tempos de dispersão**. Rio de Janeiro: Ed. Contraponto, 2012.
- SIBILIA, Paula. Celebridade para todos: um antídoto contra a solidão?. **Ciência e Cultura** [online], v. 62, n. 2, p. 38-44, 2010a.

SIBILIA, Paula. Em busca da felicidade lipoaspirada: agruras da imperfeição carnal sob a moral da boa forma. In: FREIRE FILHO, João. **Ser feliz hoje: Reflexões sobre o imperativo da felicidade**. Rio de Janeiro: Ed. Fundação Getulio Vargas, 2010b, 195-212.

SIBILIA, Paula. **O show do eu: a intimidade como espetáculo**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2008.

SIBILIA, Paula. **O pavor da carne: riscos da pureza e do sacrifício no corpo-imagem contemporâneo**. Tese (Doutorado em Saúde Coletiva) – Programa de Pós-Graduação do Instituto de Medicina Social. Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Uerj, Rio de Janeiro, 2006.

SIBILIA, Paula. O pavor da carne: riscos da pureza e do sacrifício no corpo-imagem contemporâneo. **Famecos**, Porto Alegre, n. 25, 2004.

SIBILIA, Paula. **Antroposmoderno. Os diários íntimos na internet e a crise da interioridade psicológica**. Disponível em <<http://www.comunica.unisinos.br/tics/textos/2003/GT12TB62003>>. 2003. em 17 nov. 2016.

SIBILIA, Paula. **O homem pós-orgânico: corpo, subjetividade e tecnologias digitais**. Rio de Janeiro: Ed. Relume Dumará, 2002.

SANZ, Cláudia; FONSECA, Angélica. **Parto tagarela: do silêncio do quarto às voluntárias da visibilidade**. No prelo.

SILVA, Tânia. O corpo feminino sob tirania na pós-modernidade. **Revista Unifamma**, Maringá, v.12, n.1, p.41-54, ago. 2013.